

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA CAROLINA DE ANDRADE FERREIRA

A FILOSOFIA DA REAL: PRODUZINDO MASCULINIDADES E IDENTIDADES NO
MUNDO DIGITAL.

CURITIBA

2021

ANA CAROLINA DE ANDRADE FERREIRA

A FILOSOFIA DA REAL: PRODUZINDO MASCULINIDADES E IDENTIDADES NO
MUNDO DIGITAL.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Dra^a. Marlene Tamanini

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Ferreira, Ana Carolina de Andrade

A filosofia da real : produzindo masculinidades e identidades no mundo digital. / Ana Carolina de Andrade Ferreira. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Marlene Tamanini

1. Alita, Nessahan – Crítica e interpretação. 2. Masculinidade. 3. Identidade
de gênero. 4. Homens – Comportamento. I. Tamanini, Marlene, 1960-. II. Título.

CDD – 305.3

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANA CAROLINA DE ANDRADE FERREIRA** intitulada: **A Filosofia da Real: produzindo masculinidades e identidades no mundo digital.**, sob orientação da Profa. Dra. MARLENE TAMANINI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 20 de Julho de 2021.

Assinatura Eletrônica

20/07/2021 21:28:27.0

MARLENE TAMANINI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

30/07/2021 10:17:26.0

EDUARDO STEINDORF SARAIVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL)

Assinatura Eletrônica

20/07/2021 16:26:24.0

ÍISIS DE JESUS GARCIA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

RESUMO

A finalidade do presente estudo é de compreender como a Filosofia Realista, contidas nos livros de Nessahan Alita, forja masculinidades e como isso se vincula com seus discursos sobre as relações com mulheres, seus relacionamentos afetivo-sexuais e como toma forma entre os próprios homens participantes do fórum Legado Realista. A pesquisa foi realizada através da análise do conteúdo dos livros escritos por Nessahan Alita e do conteúdo postado no Fórum Legado Realista, campo de investigação dessa dissertação. A hipótese de que possa haver na Filosofia Realista, a incitação a uma performance de recusa do amor confluyente, a qual parece gerar também uma releitura de modelos tradicionais de relacionamentos, baseados em construções de masculinidade que partem da romantização de um passado em que homens e mulheres conformavam-se a papéis distintos. Supõe-se também que esta masculinidade conforme proposta dentro da Filosofia Realista não esteja permeável a processos de decolonialidade do pensamento e das práticas em relação às mulheres. Analisou-se os conteúdos dos livros e das postagens para perceber como por meio destas narrativas aparecem performances de masculinidades, como se propõe a construção destes sujeitos e quais acionamentos de masculinidade e de feminilidade estão presentes na reiteração destes homens. O fórum e a Filosofia Realista possibilitam a existência um estilo de vida escolhido por esses usuários que culmina na produção de uma masculinidade de tipo hegemônica, com pouco espaço para a produção de novas possibilidades de masculinidades. Defendem que seus posicionamentos em relação às mulheres, em especial no que tange às relações amorosas, devem partir sempre desse lugar hegemônico, com o poder de decisão e dominação sobre a relação. As possibilidades de relação promovem uma releitura de um imaginário idealizado dos anos 50, impedindo que haja uma abertura para a democratização das relações que Giddens (2002) concebe como uma tendência das relações afetivo-sexuais na modernidade, aproximando-se mais do amor romântico. As representações sobre os feminino, as metáforas que utilizam são mais uma vez repletas de dualidades e de desconfiança, o que automaticamente as coloca em posição hierarquicamente desprivilegiada. As representações que fazem a respeito do feminino é necessária para a própria existência do grupo, que se funde no ideal de que as mulheres são seres naturalmente vis e por isso, devem tornar-se um homem ideal, que não só forja a própria masculinidade, mas a utiliza como um instrumento para conseguir se relacionar com as mulheres. A heterossexualidade é vista como a única opção possível para a adequação aos seus ideias de masculinidade e virilidade. A forma como abordam a masculinidade é, assim, normativa e essencializante e não se revelam como modelos transitáveis às contribuições dos questionamentos decoloniais, que dispensa as categorias fixas e homogêneas.

Palavras-chave: Masculinidades. Reflexividade. Identidade.

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand how the Realist Philosophy, contained in Nessahan Alita's books, forges masculinities and how this is linked to his discourses on relationships with women, their affective-sexual relationships and how it takes shape among the participating men themselves, from the Legado Realista forum. The research was carried out through the analysis of the content of the books written by Nessahan Alita and the content posted in the Forum Legado Realista, this dissertation's field of investigation. The hypothesis that there may be, in Realist Philosophy, the incitement to a performance of refusal of confluent love, which also seems to generate a reinterpretation of traditional models of relationships, based on constructions of masculinity that start from the romanticization of a past in which men and women conformed to distinct roles. It is also supposed that this masculinity as proposed within the Realist Philosophy is not permeable to processes of decoloniality of thought and practices in relation to women. The contents of the books and posts were analyzed to understand how through these narratives performances of masculinities appear, how the construction of these subjects is proposed and which masculinity and femininity triggers are present in the reiteration of these men. The forum and the Realist Philosophy enable the existence of a lifestyle chosen by these users that culminates in the production of a hegemonic type of masculinity, with little space for the production of new possibilities of masculinity. They argue that their positions in relation to women, especially with regard to love relationships, must always start from this hegemonic place, with the power to decide and dominate the relationship. The possibilities of relationships promote a re-reading of an idealized imaginary of the 50s, preventing there being an opening for the democratization of relationships that Giddens (2002) conceives as a trend in affective-sexual relationships in modernity, coming closer to romantic love. The representations about the feminine, the metaphors they use, are once again full of dualities and distrust, which automatically place them in a hierarchically underprivileged position. The representations they make about the feminine are necessary for the very existence of the group, which is based on the ideal that women are naturally vile beings and therefore, they must become an ideal man, who not only forges his own masculinity, but he uses it as an instrument to be able to relate to women. Heterosexuality is seen as the only possible option for adapting to their ideas of masculinity and virility. The way they approach masculinity is, thus, normative and essential and does not reveal themselves as transitable models for the contributions of decolonial questions, which dispenses with fixed and homogeneous categories.

Keywords: Masculinities. Reflexivity. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA: SEU CONTEXTO E APROXIMAÇÕES	11
1.1 PRIMEIROS CONTATOS COM O CAMPO.....	11
1.2 O FÓRUM LEGADO REALISTA, SUA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO.....	13
1.3 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA FILOSOFIA REALISTA AO FÓRUM LEGADO REALISTA.....	18
1.4 O PROPÓSITO DO FÓRUM PARA OS HOMENS.....	23
2. A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	29
2.1 A ESCOLHA DE INVESTIGAR UM FÓRUM DE DISCUSSÃO DIGITAL.....	29
2.2 RECORTANDO AMPLITUDES, CERCANDO ACESSOS.....	33
3. MASCULINIDADES, IDENTIDADES E REFLEXIVIDADE	39
4. A FILOSOFIA REALISTA	61
4.1 NESSAHAN ALITA: O CAMINHO PARA TORNAR-SE UM REALISTA.....	61
4.2 O HOMEM IDEAL: IDENTIDADE E ENGENDRAMENTO DE MASCULINIDADES.....	64
4.3 AS MULHERES (OU FÊMEAS) SOB A ÓTICA DE ALITA.....	73
4.4 RELACIONAMENTOS E SEXUALIDADE EM NESSAHAN ALITA.....	84
5. O FÓRUM	91
5.1 OS PARTICIPANTES.....	91
5.2 AS NARRATIVAS.....	93
CONCLUSÕES	107
REFERÊNCIAS	111

APÊNDICE 1.....	117
ANEXO 1.....	118
ANEXO 2.....	122

INTRODUÇÃO

A finalidade do presente estudo é de compreender como a Filosofia Realista (FR) forja masculinidades e como isso se vincula com seus discursos sobre as relações com mulheres, seus relacionamentos afetivo-sexuais e como toma forma entre os próprios homens participantes do fórum Legado Realista (LR) e os livros do autor Nessahan Alita (NA). Busco também verificar os conteúdos dos livros e das postagens para perceber como por meio destas narrativas aparecem performances de masculinidades, como se propõe a construção destes sujeitos e quais acionamentos de masculinidade e de feminilidade estão presentes na reiteração destes homens.

Essa dissertação se ocupa, primeiramente, de analisar os livros de tal autor que escreve sob o pseudônimo de Nessahan Alita, a fim de que eu possa entender melhor quais são as bases que constroem esse ideal de masculinidade e de relacionamento que os participantes do fórum perseguem. Tal filosofia se baseia nos escritos deste autor que escreve para outros homens e guia todo um rol de páginas na Internet que visam discutir o que por ele é proposto.

Assim, esta dissertação parte de algumas questões que nos parecem importantes, dentre elas: a hipótese de que possa haver na Filosofia Realista, a incitação a uma performance de recusa. Indaga-se se esta performance existe e, se ela estaria se recusando, no limite, a participar do processo de democratização das relações amorosas, tal como apontado por Giddens, por exemplo. Essa recusa parece gerar também uma releitura de modelos tradicionais de relacionamentos, baseados em construções de masculinidade que partem da romantização de um passado em que homens e mulheres conformavam-se a papéis distintos.

Quando se pensa na construção da masculinidade, por vezes, ela nos é apresentada, dentro de uma narrativa que se constrói colada à força da estruturação da teoria dos papéis, dentro de certas relações institucionalizadas e/ou de discursos marcados por uma determinação cultural tradicional. No caso da filosofia da Real tem muitos destes *a priori*, da chamada masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003).

Esta concepção pode estar reforçando também aspectos que se voltam para a sexualidade e para a forma como as mulheres são percebidas pelos homens que fazem parte desta filosofia. Se assim o é, acreditamos que nesta filosofia se esteja construindo uma concepção que quer fazer a fixidez da gramática do sujeito, dentro de concepções também fixas de identidade feminina e masculina, vinculando palavras e práticas idealizadas de amor, de relações com as mulheres, e de relações com as virtudes e a moralidade pensada para os

relacionamentos afetivos, sexuais e até de casamento. Aspectos que não correspondem às transformações vividas pela sexualidade e pelas relações amorosas pensadas em contextos contemporâneos de discussão de outras formas de ser homem, de ser mulher e de viver a própria construção da masculinidade.

Essas noções de identidade e de sujeito aparecendo como centradas e não podendo ser colocadas dentro da desconstrução produzida por diferentes autores como Hall (2004), Costa (2002), Brah (2006), para pensar o lugar da diferença, de outras subjetividades, como lugar de outras enunciações, mantêm a perspectiva da masculinidade no lugar igualmente da fixidez de um masculino com poucas possibilidades de articulação para a reflexividade aberta proposta como reflexão de si em enunciações e narrativas modificadas em relação ao sexismo, ao patriarcado e às formas de dominação com as quais muitos homens estabelecem seu lugar de privilégio na masculinidade.

Supõe-se também que esta masculinidade conforme proposta dentro da Filosofia Realista não esteja permeável a processos de decolonialidade do pensamento e das práticas em relação às mulheres. Isto porque ao passar por este processo intenso de formação da subjetividade pela leitura dos livros da Filosofia do Real, e pela cobrança para que se estude, siga e se aplique a Filosofia Realista, ocorreria um engajamento ativo e um processo de subjetivação tal, constituidor de um *habitus* masculino (BOURDIEU, 2011) e/ou de um estilo de vida (ELIAS, 2004) tal, que a construção se dá pelo caminho da linearidade e da mão única. Isto faz coincidir a construção reflexiva de si mesmos a partir do que eles aprendem com os livros e com as discussões da comunidade.

Contudo, isto só não é passível de afirmação sem a análise dos conteúdos das postagens dos homens no site, aspecto que nos propomos realizar. Portanto, objetiva-se analisar os conteúdos dos livros e das postagens para perceber como por meio destas narrativas aparecem performances de masculinidades, como se propõe a construção destes sujeitos e quais acionamentos de masculinidade e de feminilidade estão presentes na reiteração destes homens.

Têm-se como objetivos específicos:

1. Analisar como são estas lógicas por eles construídas nas narrativas dos sites, se elas constroem representações, argumentos, discursos, metáforas desprestigiadoras do feminino, e qual é o lugar do masculino que eles narram, em relação ao afeto, ao amor, ao ideal de casamento e da sexualidade.

2. Analisar se esse modelo de relacionamento difundido pelo autor e discutido dentro da comunidade engendra possibilidades de decolonização da masculinidade, em termos de

linguagem, lugar de enunciação de si, lugar das mulheres, e o que é possível pensar a respeito do sujeito e da identidade. Analisar como essa discussão passa pela percepção sobre as mulheres e se produz um lugar de identidade fixa para os homens

3. Compreender como se dá a questão da sexualidade e afetividade dentro da comunidade, visando entender de que forma eles concebem suas possibilidades de relacionamentos e de que maneira essas concepções se articulam com suas construções enquanto indivíduos e homens, ou seja, em seus projetos reflexivos do eu.

4. Analisar se através dos modos ideais propagados por eles de como homens devem se relacionar afetivo-sexualmente com as mulheres, pode-se definir transformações da intimidade segundo Giddens (2003), processos de democratização das relações de gênero e que gendrificações relativas ao masculino e ao feminino se constroem.

Dado que a construção das masculinidades e suas articulações com os afetos, sexualidade e relacionamentos são o foco dessa dissertação, o fórum foi delimitado inicialmente como o campo de pesquisa, juntamente com os livros, seguido de novos recortes dentro do próprio fórum para que a pesquisa se tornasse exequível, posto que os problemas de pesquisa não comportavam a análise do fórum como um todo.

O campo da pesquisa se constitui no âmbito *online*, o qual vem adquirindo cada vez mais relevância conforme a Internet se populariza a passa a permear todos os momentos do nosso dia-a-dia. No Brasil, segundo os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2017-2018, realizada no quarto trimestre de 2018, o percentual de pessoas que utilizaram a Internet nos domicílios do país cresceu de 74,8% em 2017 para 79,4% em área urbana no ano de 2018. Foram os *smartphones* os responsáveis pela popularização das tecnologias comunicacionais em rede no Brasil (MISKOLCI, 2016), como demonstram também os dados da PNAD que revelam que o percentual de pessoas usuárias do telefone móvel celular para acessar a esta rede passou de 97% para 98,1%, enquanto que o uso de microcomputadores, o segundo meio mais utilizado para acesso à Internet, caiu de 56,6% para 50,7% no mesmo período. Tais dados demonstram o crescente uso da Internet, em especial através dos *smartphones*, que permitem que estejamos conectados a todo momento independente de onde estivermos.

A relevância do tema reside no fato de que as relações sociais dentro da comunidade são mediadas pelas tecnologias e através dela são fornecidos meios para que esses indivíduos se conectem em torno de um mesmo tema e ali constituam as próprias subjetividades. Portanto, este trabalho perpassa o debate da Sociologia Digital, campo que vem se consolidando a partir do anos 90 e, sobretudo, contribui campo dos estudos de gênero, visto

que essas subjetividades estão conectadas com as masculinidades também ali forjadas, sendo esse o ponto central desta pesquisa.

O interesse pelo tema de pesquisa se deu por minha própria vivência no campo *online*, quando tive contato com a comunidade por meio de um familiar, o qual frequentemente reproduzia tais conteúdos, os quais me despertavam curiosidade e passaram a fazer parte do meu acesso cotidiano à Internet.

Assim, este trabalho é estruturado da seguinte maneira: o primeiro capítulo constitui a apresentação do campo de pesquisa, relata a história do fórum e suas páginas adjacentes na Internet, como funciona a estrutura do fórum, como foi criado, qual é seu propósito e os objetivos e perguntas que deram origem a essa pesquisa.

O segundo capítulo explora a questão teórico-metodológica, sobre a pesquisa em sociologia no campo digital e as escolhas metodológicas que fui tomando ao longo da pesquisa.

No terceiro capítulo apresento o estado da arte de masculinidades, tema principal deste trabalho e outros autores que fundamentaram a análise.

O quarto capítulo examina mais especificamente os livros de Nessahan Alita, autor que deu origem a Real enquanto filosofia pois seus escritos são aporte teórico obrigatório da comunidade. É neles que busco compreender quais são as ideias de masculinidade, feminilidade e relacionamentos que estão sendo perseguidos e que embasam toda essa filosofia e o campo que investigo.

O quinto capítulo traz a análise do conteúdo do fórum propriamente dito, com os comentários, relatos, depoimentos e respostas de 15 membros em específico, os quais foram escolhidos por ocuparem posição de destaque dentro do fórum. É a partir desses textos que foram elaboradas categorias que visam conduzir a pesquisa em direção às respostas para as perguntas elaboradas.

1. A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA: SEU CONTEXTO E APROXIMAÇÕES

1.1 Primeiros contatos com o campo

Meu primeiro contato com essa comunidade e a Filosofia da Real não começou diretamente pelo fórum, ele se deu quando, nos momentos de tédio em meados de 2012 ou 2013, eu rolava a *timeline* do Facebook. Naquela época, essa era a rede social da qual eu mais fazia uso e o meu comportamento não diferia muito da maioria das pessoas do meu círculo de amizades: passava a maior parte do tempo livre na internet atualizando o feed de notícias dessa rede social, seja para acompanhar a vida dos amigos, para me informar sobre a vida de desconhecidos, para compartilhar acontecimentos da minha vida pessoal, compreender um pouco sobre a visão de mundo dos amigos que tínhamos nessa rede (muitas vezes não tão amigos quanto *offline*), conhecer suas opiniões ou apenas pra passar o tempo vendo alguma postagem de humor.

Em um desses momentos as postagens de um primo distante, com o qual meu contato seria inexistente não fossem as redes sociais, começaram a me chamar atenção. Ele, nas raras reuniões de família que se fazia presente, era sempre muito quieto, nas redes sociais era bastante ativo e compartilhava imagens e textos com opiniões muito fortes e impactantes, as quais num primeiro momento já me causaram um estranhamento, pois não condiziam com a imagem que eu havia criado dele em minha mente. Recordo-me que as postagens eram quase sempre imagéticas, com um fundo mostrando alguns homens acompanhados de símbolos heróicos, outras postagens vinham acompanhadas por carros, atores de filmes hollywoodianos de ação como Bruce Willis e Jason Statham, mas sempre com alguma frase de efeito sobreposta à imagem, que podia associada a um pequeno texto com um maior aprofundamento a respeito do tema introduzido pela foto e frase de efeito. Frequentemente essas imagens criticavam as mulheres das formas mais diversas, seja por serem interesseiras, por aderirem ao feminismo, por não buscarem relações sérias, por usarem sexo como moeda de troca, por preferirem homens “cafajestes” a homens “honrados”. Todas essas afirmações eram bem categóricas e me intrigavam cada vez mais e eu, que já era feminista há algum tempo, sentia um incômodo muito grande com certas declarações, mas a curiosidade para

entender a construção do pensamento desse grupo, que percebi ir muito além daquela página do Facebook que meu primo compartilhava, ia aumentando.

Comecei, assim, a dar uma atenção especial às coisas que ele compartilhava. Ao longo do tempo, fui deixando de lado seu feed de notícias para, de fato, passar a acompanhar as páginas que produziam aquele conteúdo com maior dedicação. Me lembro que um dos títulos das páginas que ele compartilhava frequentemente era “Metendo a Real”, que ainda pode ser encontrada no Facebook sob o mesmo nome. As páginas tinham similaridades: eram sempre voltadas ao público masculino e heterossexual, mencionavam sempre a existência de uma “filosofia” Realista, citavam volta e meia fragmentos de escritos do mesmo autor e, naturalmente, tratavam dos mesmos assuntos: masculinidades, mulheres, relacionamentos. Eu pensava “que filosofia Realista é essa da qual eu jamais ouvi falar em sala de aula? De onde surge esse autor denominado Nessahan Alita de quem eles tanto falam e em que ele está associado à Filosofia?”.

Isso me levou a descobrir os diversos canais de propagação dessa filosofia, me deparando com um conjunto de páginas do Facebook, blogs, canais do Youtube e fóruns. Um desses fóruns era denominado Fórum do Búfalo, que após um período da graduação em que dividia meu tempo entre a monografia e trabalho, passou a ser meu tema de pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Até então eu jamais havia cogitado estudar uma comunidade digital, a Internet era vista por mim apenas como uma forma de entretenimento. Em conversas informais, relatando minha insatisfação com o tema anterior que havia escolhido para a monografia, acabei conversando com amigos sobre a curiosidade que tal fórum me despertava. Foi só nessas trocas que entendi que aquilo que tanto me inquietava poderia tornar-se meu objeto de pesquisa, antes disso não conseguia conceber um campo digital como passível de estudo, pois me era percebido como descolado da “vida real”. Hoje, essa percepção que eu tinha já não cabe mais, como propõe os estudos de diversos autores que discorrem sobre pesquisa na Internet, como Christine Hine (2000, 2015), Robert Kozinets (2010) e Nancy Baym (2010).

O fórum do Búfalo se pautava na Filosofia da Real (FR) e nos livros do autor Nessahan Alita, sendo um espaço destinado para que os homens se reunissem e discutissem sobre o universo masculino. Minha pesquisa era sobre o tipo de masculinidade e sua relação com a identidade do eu produzida nesse espaço virtual. Conforme a pesquisa foi seguindo, apesar de meu objeto versar sobre uma plataforma bem específica, eu não contive a curiosidade de também ir expandindo meus conhecimentos sobre esses homens para outras plataformas de comunicação que eles usavam ou que fossem também relacionadas a essa

mesma filosofia. Foi assim que cheguei ao meu atual campo da dissertação, o Fórum Legado Realista, que, entre outras razões, me chamou atenção por apresentar já em seu nome essa referência à Filosofia Realista que eu buscava estudar e ter também uma frequência maior de postagens do que o objeto de meu estudo anterior, demonstrando ser um espaço mais ativo e também mais rico para a pesquisa. A escolha do fórum, por mais que hoje tenha ficado um pouco esquecido em função da multiplicidade de redes sociais existentes, se deu pois, ali, havia não apenas uma propagação dessa filosofia, mas uma verdadeira troca relativamente equitativa entre os participantes que os blogs, canais do Youtube e páginas dos Facebook não tinham como proporcionar. Nessas plataformas, ao contrário do fórum, as pessoas que seguem esses outros canais e interagem com eles, são muito mais consumidores do que produtores dos conteúdos. A escolha do fórum se deu porque, teoricamente, esse espaço proporciona maior horizontalidade em termos de produção de conteúdo, visto que exige a participação dos membros para que tópicos de diversas temáticas sejam abertos e a discussão perdure. O essencial nesse espaço é a troca que é realizada através das postagens dos membros, por isso eu considero esse um espaço valioso para a pesquisa.

Além do mais, diferente de grupos do Facebook ou do formato de outras redes sociais, o fórum já possui diversas seções temáticas que são pré-estabelecidas por seus administradores a partir dos tópicos que se discute frequentemente naquele espaço. Isso também facilita a coleta dos dados da pesquisa, pois me permite o acesso mais direto às seções em que se encontram os temas que estão fundamentalmente relacionados ao objetivo e perguntas de minha pesquisa. A organização intrínseca a um fórum de discussão já me fornece indícios de quais categorias são relevantes para a análise, visto que são também relevantes para seus participantes e administradores.

1.2 O fórum Legado Realista, sua estrutura e funcionamento

A página inicial do fórum¹, seja ela exibida para o quem só está visitando ou para um membro que fez seu login, mostra no topo uma imagem de cabeçalho com seu nome “Legado realista” (LR) em destaque. Essa imagem muda com certa frequência, ora exhibe o brasão da comunidade e seu nome, ora esse brasão vem acompanhado de imagens de animais que são comumente relacionados à força, como o leão, presente também no próprio brasão da

¹ As imagens da página inicial do fórum encontram-se no Anexo I.

comunidade. Logo abaixo, o fórum exibe algumas informações do membro logado (caso esteja), como seu nome que ao ser clicado funciona como um atalho para seu perfil, além da data de sua última visita, a página principal do fórum, a seção “Acervo” do fórum, o campo onde se clica para fazer uma pesquisa, um atalho que mostra quem está *online* e o campo “Ajuda”.

No espaço logo abaixo, quando o login é feito, encontram-se as informações relativas ao membro, como o fato de ter ou não recebido mensagens privadas novas e quais foram os tópicos atualizados desde sua última visita. Caso esteja explorando o site apenas como visitante, sem ter feito cadastro ou realizado o login, há nesse espaço um atalho para se registrar no fórum ou fazer seu login, um atalho para a página principal, campo de busca e um atalho para uma breve apresentação da comunidade. Em tal apresentação o fórum é descrito como tendo sido fundado em 2017 (apesar disso, há diversos posts contidos no fórum que datam de antes disso, mais precisamente sugerindo seu início em 2015), é caracterizado como “um espaço privado, independente, sem afiliações e sem fins lucrativos. Não somos um movimento ideológico e político” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.), cujo objetivo “é o debate a respeito de diversos assuntos do interesse e do cotidiano masculino tendo como base o Desenvolvimento Pessoal em todas as áreas.” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.).

Em seguida, há um campo retangular denominado “Contador”. É um quadro que contém os tópicos que receberam respostas mais recentemente, além de uma lista dos 5 membros mais recentes cadastrados no fórum, membros que estão no “Ranking” de posts (que postaram mais vezes em todo seu tempo na comunidade) e o “Hall da fama”, que são os membros com melhor reputação ali dentro.

O próximo campo exibido é o “Bar do LR”, um chat cujo acesso só é aberto aos a quem fez o cadastro, no qual os membros conversam sobre assuntos aleatórios, sem uma discussão mais aprofundada como é mais característico em outras seções do fórum. Nesse espaço eles podem compartilhar mensagens, seja um “Bom dia” ou simplesmente conversar e tecer comentários sobre assuntos de ordem pessoal. Tem um tom bastante descontraído, sendo que a maior parte das interações envolvem risadas, memes e representações com *emojis*. Como o próprio nome sugere, o espaço simula o ambiente de um bar, com foco em piadas, descontração e diversão.

Após o chat, inicia-se aquilo que tradicionalmente caracteriza um fórum de discussão: as seções temáticas, divididas em subseções mais específicas, nas quais estão contidos de dezenas a centenas de tópicos a respeito de um assunto indicado no seu título. A primeira

seção exibida é a “Arena de Treinamento”. Sua primeira subseção chama-se “Sumário”, é destinada aos membros que acabaram de se registrar no fórum, a fim de dar um direcionamento dentro da Legião Realista. Essa subseção também possui suas próprias divisões internas, sendo elas: Saúde, Finanças e Estudo. Além do Sumário, encontramos também a subseção “Clássicos da Real” e “Principais dúvidas Realistas”. Como o nome indica, essa é a Arena é uma seção dedicada a treinar os membros para que se tornem parte da Legião Realista, é o primeiro caminho a ser percorrido dentro do fórum quando algum visitante faz o cadastro e passa a tornar-se participante.

Nessa seção dedicada aos recém-chegados, podemos encontrar tópicos com informações básicas para que se entenda um pouco sobre a Real, contendo o glossário dos termos próprios da comunidade, a biblioteca com os livros fundamentais e a história da Real, encontrada em destaque no topo da página, a qual foi elaborada por um dos membros antigos. Além disso, há subseções com nomes de personalidades (membros ou ex-membros) importantes, que de alguma forma contribuíram significativamente para a história da Real, que serve para indexar todos os tópicos criados ou discussões iniciadas por esses membros, dando lugar de destaque ao conteúdo que produziram.

Outra grande seção do fórum é “A Real”, subdividido em “Fórum principal”, “Relacionamentos” e “Taverna”. O primeiro é destinado a relatos sobre experiências pessoais ou profissionais, bem como reflexões sobre cultura, problemas pessoais e filosofia. Essa também é a seção com maior número de postagens, passando de 20 mil. Já a seção “Relacionamentos” tem como objetivo tratar da questão central para a filosofia da Real e os livros de Nessahan Alita: entender as razões do sofrimento amoroso masculino e ter discussões sobre uma de suas principais causas, as mulheres. Em função da importância desse assunto, ele não apenas adquire uma seção focada nesse tipo de discussão, como também é a que fica em segundo lugar no número de postagens, passando de seis mil postagens. Por fim, a seção “Taverna” é para assuntos mais leves, como jogos, televisão, séries, esportes e entretenimento de modo geral.

A terceira grande seção do fórum é denominada “Desenvolvimento Pessoal”, também crucial pois atende a um dos objetivos que o fórum apresenta aos seus visitantes e faz parte dos ensinamentos de Nessahan Alita. Ele é dividido em subseções que contemplam esse desenvolvimento em todas as esferas da vida, sendo elas “Desenvolvimento Espiritual”, “Desenvolvimento Físico”, “Desenvolvimento Emocional”, “Desenvolvimento Profissional e Acadêmico” e, por fim, “Desenvolvimento Financeiro”. Cada uma das seções de desenvolvimento contém dicas, discussões e indicações de leituras que lembram muito livros

de auto-ajuda, com fórmulas semi-prontas de como obter sucesso em tal área, muito focado na responsabilidade individual de fazer com que seus desejos e sonhos se realizem independente do contexto.

A quarta grande seção “Área de Humanas e Política” revela um outro tema importante para a formação de um Realista, dividido entre “Política, Filosofia e História” e “Departamento Jurídico”, são temas que auxiliam na compreensão do conteúdo contido na Biblioteca do fórum.

A quinta e última seção para os membros que não estão logados, ou seja, pública, é o “Espaço do Guerreiro”. Ele é dividido em “Hobbies Masculinos”, exemplificados pelas atividades “fazer manutenção de motor de um carro, levantar uma parede, dicas de um churrasco opressor, etc.”. A outra subdivisão é “Livros”, que abrange a discussão de leituras para além dos já inicialmente recomendados pela comunidade. A última subdivisão chama-se “Coliseu” e seu conteúdo não é público. Ela é um lugar onde as regras a respeito de xingamentos e brigas ficam suspensas e nesse espaço tornam-se permitidos. Essa seção não terá seu conteúdo explorado nesta pesquisa por se tratar de algo restrito apenas para membros.

A última seção oficial, que só é exibida para os membros cadastrados e logados, também é privada. Chama-se “Centro de Comando” e é destinada a ser um canal de comunicação com a administração do fórum. Serve para que os membros façam críticas, sugestões ou pedidos diretos relativos a algum erro ou problema em suas contas para a administração. Bem como o “Coliseu”, o “Centro de Comando” também não terá seu conteúdo trabalhado nesta pesquisa, apenas serão coletados nessa pesquisa os conteúdos que estão disponíveis para os visitantes do fórum, ou seja, aqueles que visitam a página sem precisar fazer login e sem ter cadastro.

Além dessa divisão em seções, com seções que só aparecem para quem é cadastrado, há também subdivisões denominadas patentes para diferenciar os próprios membros do Legado Realista, que se articulam de acordo com o sexo, o tempo de permanência no fórum e o número de postagens (um indicativo de participação ativa). Há quatro patentes no total e seus títulos são Amélia, Aprendiz, Realista e Veterano e funcionam da seguinte forma:

Amélia²: Mulher que se cadastra no fórum.

Aprendiz: Quem acabou de se cadastrar no fórum.

² “Mulher que aceita toda sorte de privações e/ou vexames sem reclamar, por amor a seu homem”, expressão que se popularizou com o samba “Ai! que saudade da Amélia” de Mário Lago e Ataulfo Alves, segundo FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Realista: Aprendiz que tem 30 postagens e mais de 30 dias de fórum. Precisa preencher os dois requisitos.

Veterano: Média de 100 mensagens + 6 meses de fórum para um Realista virar um Veterano, E mesmo assim, quando ele alcançar esses critérios, terá que passar por votação entre os legionários. Todos os Realistas passarão por isso. E só se aprovado pela maioria que ele será promovido. Pois mesmo que um Realista alcance as postagens e tempo mínimos, mas na sabatina dos Veteranos for reprovado por ser juvena e postar besteiras, não tiver amadurecido ou internalizado os conceitos ou outra situação averiguada, então continuará como Realista indefinidamente. E até quem já for veterano em outra casa, tem que contribuir nessa casa para merecer a patente de Veterano.

O responsável por realizar as promoções no sistema do fórum e para conduzir as votações é um dos administradores. E eles eventualmente estarão trazendo nomes para veteranos avaliarem na seção secreta.

Não é possível comprar a patente de veterano, para alcançá-la é necessário seguir o procedimento normal de promoção de patente que todos seguem, e o procedimento é conquistado por mérito, não tem como fugir disso. (LEGADO REALISTA, 2015, não p.).

É importante compreender que o avanço dentro das patentes do fórum se inicia para os homens de forma automática, por meio desses requisitos de participação e número de postagens, mas para se tornar um veterano e conseqüentemente, detentor de maior status no grupo, é necessário que além desses requisitos o membro também seja aceito pelos outros Veteranos e administradores do fórum. Tornar-se um Veterano implica também ter poder sobre os outros membros mais menos participativos, mais novos dentro do fórum e aspirantes a também se tornarem Veteranos.

Os poderes que essas patentes sustentam dentro do fórum não se restringem ao título, que fica exibido logo abaixo de seus nomes quando participam no fórum, eles também lhes concedem ou retiram acesso às seções exclusivas:

Amélia: Só consegue acessar a seção cozinha. Fica presa lá para sempre, nunca é promovida e não consegue postar em nenhum outro local do fórum.

Visitante: Pode ver as seções básicas. Mas, não consegue postar nada.

Aprendiz: Consegue ver as seções exclusivas Coliseu e Centro de Comando.

Realista: Consegue ver as seções secretas do Espaço dos realistas, Diários & Treinos e Juvenolândia.

Veterano: Consegue ver as seções secretas do Espaço dos Veteranos, Cozinha e Masmorra. (LEGADO REALISTA, 2015, não p.).

Obter a patente de Realista ou Veterano, portanto, dá acesso a outras seções que alguém que acabou de se cadastrar não consegue acessar. Quanto ao conteúdo das seções, só é possível entender como elas funcionam ao obter esse acesso privilegiado, pois não são fornecidas quaisquer explicações de antemão.

Para as mulheres, tanto na apresentação no fórum quanto na hora de fazer seu registro, não há qualquer indicação de que seja proibida sua participação no fórum. Entretanto, essa

classificação de patentes também serve para restringir todo acesso ao fórum quando uma mulher resolve se cadastrar, colocando-a na seção Cozinha que sequer é visível aos Visitantes ou mesmo aos homens de outras patentes, com exceção dos Veteranos. Mesmo sem proibição, fica claro que esse não é um espaço no qual mulheres são bem vindas, pois ao fazerem o cadastro, elas têm sua participação limitada a somente um espaço sem que possam interagir com a maior parte dos outros participantes.

As vantagens que as patentes promovem se revelam inclusive quanto ao tempo que cada membro tem para editar uma postagem submetida, seja porque notou algum erro ou pois quis mudar seu conteúdo. Amélias tem até 1 minuto após terem postado para editar o que escreveram, Aprendizizes tem 5 minutos, Realistas tem 12 horas e Veteranos tem 24 horas. O benefício de voltar atrás de algo e se corrigir revela quem têm também maior tolerância em cometer deslizes dentro da comunidade e seu poder de minimizá-los.

O fórum também conta com a funcionalidade “Mensagens privadas” que permite a comunicação direta com outros membros, de forma direcionada, sem que os outros usuários do fórum possam ter acesso. Essas mensagens também são reguladas pelas patentes dos membros, tanto em relação ao número de mensagens enviadas por dia quanto ao espaço de armazenagem que cada um dispõe. Amélias, por exemplo, podem enviar apenas 2 mensagens por dia e armazenar 20 mensagens recebidas. Um Aprendiz pode enviar 2 mensagens e armazenar 25, Realista pode enviar 6 e armazenar 150 e um Veterano pode enviar 12 e armazenar 250 mensagens no total.

A divisão do fórum em seções, portanto, se dá pelos temas, mas há também essa divisão entre os próprios participantes que segue um modelo hierárquico, fornecendo dados importantes sobre sexo, tempo no fórum, taxa de participação e prestígio dentro desse campo.

1.3 Percorrendo os caminhos da Filosofia Realista ao Fórum Legado Realista

Ao entrar no fórum, uma das primeiras recomendações que se tem é que se acesse a “Arena de treinamento”, a fim de que se torne a par da história do fórum, das bases da Filosofia³ e do próprio vocabulário que eles utilizam dentro do fórum.

³ Filosofia, quando iniciada com letra maiúscula ao longo do texto, será sempre relativa à Filosofia da Real.

Assim, o usuário Jacob⁴, classificado como Realista nas patentes do fórum, ele decidiu escrever um texto para documentar a história da Real em 2012 e mostrar como ela culminou no surgimento do fórum Legado Realista e de outras páginas conectadas a essa filosofia. Segundo ele,

A história da real contemporânea começou junto com a do *Orkut*, mas as bases filosóficas da Real foram lançadas nos primórdios da história humana, acreditamos que o primeiro filósofo realista foi Platão ou talvez quem escreveu a Bíblia (o primeiro escritor foi Moisés a 3.500 anos atrás, mas gostamos muito dos livros de Salomão, como Provérbios e Eclesiastes, e principalmente do livro de Eclesiástico que só tem na bíblia católica), depois mais modernamente vieram outros que lançaram idéias realistas como Maquiavel, Schopenhauer, o conservadorismo norte-americano, e os anti-feministas que inspiraram os realistas modernos (nós) que vieram após Nessahan Alita. Além de NA, outras fontes importantes para a formação da Real foram Ester Villar, Martin Van Creveld e entre os filósofos brasileiros, Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho e Luiz Felipe Pondé. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.).

Ou seja, a filosofia Realista que deu origem ao fórum remonta às comunidades da extinta rede social *Orkut* e ao longo dos anos foi se estendendo e adaptando a outras mídias sociais e espaços da internet. A comunidade encara os escritos bíblicos e de filósofos que viveram há mais de 2000 anos como o gérmen da existência da filosofia que seguem, a qual tem sua continuidade em autores conservadores e culmina nos anti-feministas como Nessahan Alita, esse sim, um divisor de águas para a comunidade. É também ressaltada a importância de autores conservadores brasileiros como Olavo de Carvalho e Luiz Felipe Pondé para suas formações.

A formação daqueles exitosamente pertencentes a essa comunidade, denominados ora como Realistas ora como Guerreiros da Real (GDR), passa então por uma série de livros e pensadores tidos como relevantes para suas formações, mas as reflexões do autor Nessahan Alita são axiomáticas para que possamos conceber o surgimento de algo maior, tal qual esse movimento na internet que inclui diversas comunidades cultivadas em torno dessa filosofia. Não à toa, é esse autor quem enseja a existência do que eles concebem como “realistas modernos”.

De acordo com esse mesmo participante foram nas duas comunidades do *Orkut* que, em meados de 2005 e 2006, deu-se início à abertura de um espaço para a transformação do pensamento desses autores em algo maior, na filosofia Realista com seus adeptos. É importante lembrar que as comunidades do Orkut tratavam-se de grupos de pessoas que se

⁴ Os nomes foram modificados a fim de preservar a identidade dos participantes do fórum, ainda que sua presença dentro da comunidade já se dê de forma anônima.

reuniam acerca de um mesmo tema e, uma vez lá dentro, podiam discutir seja sobre o tema central da comunidade seja a respeito de outros assuntos. Algumas comunidades eram moderadas, isso permitia que o dono e/ou moderador da comunidade decidisse quem poderia ou não se juntar a ela. As comunidades que possibilitaram o início da discussão sobre esses autores foram “Mulher Gosta é de Homem Babaca” (MGDHB) e “O Lado Obscuro das Mulheres” (OLODM), a segunda possui o título homônimo a um dos livros de Nessahan Alita (N.A.), o que permite a constatação de que os espaços dedicados a falar sobre mulheres e relacionamentos foram, portanto, os que impulsionaram a criação dessa comunidade em torno da Filosofia Realista que estava se consolidando. A centralidade dos livros de N.A. era incontestável dentro dessas comunidades do *Orkut* que aprofundaram tal filosofia, a ponto de em um dado momento se afirmar que “Queriam até fazer lá (pasmem) o “vestibular OLODM” pra ver quem seria digno de entrar lá ou não. Era uma espécie de “prova” sobre a Real e sobre os livros de Nessahan Alita.” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.), a fim de garantir que existisse uma certa uniformidade de conhecimento entre os membros. É relatado, entretanto, que essa ideia não vingou dentro da comunidade.

Essa narração sobre a história da Real, nos informa que a comunidade do *Orkut* MGDHB era um lugar no qual “o politicamente incorreto imperava” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.) e a ausência de regras tornava o ambiente mais hostil em comparação à outra comunidade mais regrada. Esse espaço gerava revolta daqueles que não concordavam com seu conteúdo, gerando movimentos de denúncia em massa que faziam com que ela fosse deletada pela própria rede social na qual estava hospedada e tivesse que ser recriada em seguida. De acordo com esse antigo membro, na última vez em que foi deletada a situação foi um pouco mais grave do que o habitual: alguns homens misóginos a invadiram e postaram fotos com conteúdo de pedofilia, fazendo com que seus membros tivessem que migrar permanentemente para um fórum criado em 2011 denominado “Homens Honrados”. Para o autor, além desses homens que fizeram a comunidade ser deletada serem misóginos, eles também não conseguiram compreender bem a Real, e ele afirma que eles certamente deram origem a um movimento de “baderneiros virtuais” denominados Sanctos⁵.

⁵ Os homens Sanctos são conhecidos por, na época, terem um blog com conteúdo racista e misógeno, incluindo incitação ao estupro e pedofilia. Atualmente eles têm uma pequena comunidade na rede social VK, de origem russa, na qual eles têm mais liberdade para postar seus conteúdos sem sofrer banimento da plataforma. Segundo a reportagem do jornal Estadão, “O MPF afirma que grupo designado ‘Homens Sanctos’ atua na ‘disseminação de violência, ódio e preconceito contra minorias, via internet’”. O grupo ficou conhecido em 2018 por terem ameaçado o deputado federal Jean Wyllys.

MACEDO, Fausto. Justiça prendeu e condenou em 2018 membro de grupo que ameaçou Jean Wyllys. *Estadão*. 27 jan. 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/justica-prendeu-e-condenou-em-2018-membro-de-grupo-que-ameacou-jean-wyllys/>>. Acesso em 20 set. 2020.

Dessas comunidades do *Orkut* é que foram surgindo novas páginas, comunidades menores e fóruns, todos conectados pela Filosofia da Real. O autor conta que era muito comum terem debates acirrados com feministas que paravam na comunidade. Quanto aos homens que ali acabavam por entrar “costumava-se dizer que transformavam matrixianos em búfalos reprodutores” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.). Mas não eram só aqueles e aquelas que estavam de fora que iam atrás dos Realistas para tentar compreender esse pensamento ou com eles discutir, pois eles também realizavam peregrinações em comunidades que eram conhecidas entre eles justamente por abrigar feministas, tais peregrinações “resultavam em muitas discussões que eram vencidas facilmente pelos masculinistas⁶. Mas elas sempre voltavam, eram como zumbis que nunca morrem.” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.), de acordo com eles.

Essa história também conta com diversos personagens, membros que por diversas razões tornaram-se famosos dentro da comunidade. Uma das personalidades que ganha destaque na história da Real é Silvio Koerich⁷, ele é o responsável por introduzir o assunto do antifeminismo internacional na comunidade MGDHB, e produzindo versões de “várias expressões importadas dos masculinistas americanos como capitão salva-puta, manginas, montanha russa de emoções, buceta-card” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.) além de difundir o conteúdo da comunidade através de diversos blogs. Nessahan Alita também foi um participante durante bastante tempo e, naturalmente, consagrou-se como uma das figuras importantes da comunidade. Relata-se que chegou a participar dessas duas comunidades do Orkut já mencionadas, mas resolveu abandoná-las quando soube que elas estavam “sofrendo ameaças da Polícia Federal e de grupos feministas” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.). Seus livros e seu nome, segundo o narrador, estavam sendo instrumentalizados por misóginos em outros espaços e acabaram prejudicando-o.

Entretanto, não só as personalidades que muito contribuíram para a consolidação e expansão da comunidade são lembradas, o autor conta que vários “sujeitos estranhos” acabavam também sendo atraídos pela Real, que muitas vezes ficava marcada por isso no lugar de ser lembrada pelo “patrimônio intelectual gigante” que a Filosofia promoveu. Uma

⁶ Essa é umas ocasiões em que eles se autodenominam “masculinistas”.

⁷ Segundo a reportagem do Estadão (2019), “Utilizavam-se do site www.silviokoerich.org e de redes sociais para divulgar conteúdo de inclinação racista e neonazista, incitando a violência contra negros, homossexuais e mulheres, inclusive fomentando a prática de homicídios e estupros.”. Silvio Koerich tornou-se um dos dissidentes da Real, segundo o relato e seu nome, utilizado no para a criação do blog acima mencionado, foi apropriado por outras pessoas com intenções escusas.

MACEDO, Fausto. Justiça prendeu e condenou em 2018 membro de grupo que ameaçou Jean Wyllys. *Estadão*. 27 jan. 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/justica-prendeu-e-condenou-em-2018-membro-de-grupo-que-ameacou-jean-wyllys/>>. Acesso em 20 set. 2020.

dessas personalidades era denominada Mijão, um engenheiro que além de ser conhecido por suas histórias pessoais peculiares e por enviar fotos de sua ex-esposa nua como vingança pelas “sessões de tortura psicológica” às quais ela supostamente o submeteu, também começou a propagar ideais nazistas e racistas dentro do pequeno grupo chamado Confraria XYR, fundado por ele com base na Filosofia da Real. Isso fez com que diversos membros da Real se afastassem dele e da comunidade que ele havia criado. A história se torna ainda mais grave pois segundo o autor “ele tramou, junto com um líder dos Sanctos, um crime em Brasília e passou uma temporada na prisão, mas foi solto um tempo depois” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.)⁸. Os GDRs então, segundo o relato, passaram a acompanhar a atividade de Mijão em outras comunidades a fim de desmascará-lo como alguém mal intencionado, passando por várias comunidades de direita e outras relacionadas a Olavo de Carvalho. Dentro das comunidades próprias da Real ele foi expulso, bem como teve todas suas tentativas de retorno banidas.

De 2008 a 2011 foram os anos de maior expansão da Real dentro e fora do *Orkut*, algumas dessas comunidades eram criadas na plataforma Movimento da Real, e a Contrafeminismo, “que tinha um pessoal antifeminista um pouco mais radical, porém não tinham ligação com os Sanctos” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015). Foi nessa época também que se criou a indicação “XYR” para denominar um membro da Real, cujo XY fazia referência aos genes masculinos e o R de Realista. A restrição da Filosofia da Real como domínio masculino se apresenta, assim, desde seus primórdios, nunca podendo ser acessada por mulheres. Elas podem até estudar e tentar se engajar em debates com os tais Realistas, mas de acordo com esse relato parecem nunca vencer. Outro marco na história da Real que contribuiu para sua expansão é quando alguns dos adeptos da filosofia resolveram propagá-la através de vídeos no Youtube, muitas vezes mostrando o próprio rosto, o que por vezes fazia com que seus autores tivessem que retirá-los por problemas que isso causava em suas vidas pessoais.

Os ideais mais conservadores e voltados à direita do espectro político se evidenciam tanto nos livros que inspiram a Filosofia como no posicionamento em relação à política brasileira. Segundo o relato, na época das eleições em 2010 na comunidade do *Orkut* OLODM, o autor encarregado de contar a história da Real relata que a comunidade “era

⁸ Mijão é um dos dissidentes que, segundo os participantes do fórum, se apropriaram do nome de Silvio Koerich para disseminar misoginia e racismo.

G1 GLOBO. PF prende 2 suspeitos de promover racismo e planejar massacre. 2012. PF prende 2 suspeitos de promover racismo e planejar massacre. **Jornal Nacional**. 22 mar. 2012. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/03/pf-prende-2-suspeitos-de-promover-racismo-e-planejar-massacre.html>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

quase toda direitista, mas sempre apareciam uns comédias que apoiavam a Dilma e eram execrados” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.), mostrando que essa divergência política dentro do grupo não era bem recebida e ideais de esquerda sempre foram vistos com ojeriza.

Assim, foi entre 2015 e 2017 (as informações são divergentes) que surgiu o fórum do Búfalo, o fórum Homens Honrados e, por fim, o Legado Realista.

1.4 O propósito do fórum para os homens

Para entendermos a que fins se destina o fórum, é necessário compreender também o que buscam aqueles que nele chegam e resolvem acompanhá-lo, chegando ao ponto de efetuar seu cadastro e começar a participar ativamente. O tópico de apresentação⁹ é um dos primeiros com os quais os novos membros têm contato ao se cadastrarem no fórum, pois são direcionados a ali se apresentarem imediatamente e obrigatoriamente uma vez que se juntam ao fórum. Ali, há uma carta aberta a todos os novos membros que tem como objetivo mostrar um pouco do propósito da filosofia da Real, já que é em torno dela que o fórum se organiza e é a ela que deve sua existência. Essa explicação sobre o próprio fórum se inicia com as boas vindas logo se segue de um tom um pouco mais agressivo.

Você que passou anos em relacionamentos ruins que só te deram prejuízos financeiros e pessoais; que dispendeu (sic) boa parte de sua vida se dedicando por pessoas que hoje nem sequer lembram de sua existência; que deixou de cuidar de si, de sua aparência e projetos pessoais; que tem a vida estudantil e profissional estagnada, andando sempre com o freio de mão puxado; que deixou a tempos de ter respeito e admiração das pessoas que lhe cerca despertando agora no máximo pena e indiferença. Enfim, você que agora está lendo essas linhas e se sente um merdão frustrado fracassado eu tenho algo bem sério a lhe dizer: NÃO VAMOS RESOLVER OS SEUS PROBLEMAS. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

Esse tom é justificado porque o objetivo do fórum é fazer com que os membros enxerguem a verdade de forma escancarada, “sem vaselina” nas palavras nativas, de modo

⁹ Essa seção de apresentações não foi a primeira dentro do Legado Realista, mas a primeira seção foi movida para o Centro de Comando, fazendo com que essa informação deixasse de ser pública. Foi criado um novo tópico pela moderação e não há uma explicação específica sobre essa mudança ter acontecido. Essa seção foi aberta em 2017.

que o interlocutor entenda não é a comunidade ou a Real que vão mudar sua vida, mas é ele a única pessoa que tem esse poder de alterar a própria realidade.

Quando lhe disse acima que não vamos resolver seus problemas é porque só existe uma pessoa no mundo que pode fazê-lo: VOCÊ. E tu só vai de fato começar a resolvê-los quando tiver a exata noção dos seus problemas, suas origens, de como você cai sempre nos mesmos erros. A intenção aqui é despertar seu lado crítico, sair da zona de conforto, se libertar do que chamamos de "Matrix", que é uma falsa visão dos fatos, um mundo de ilusões em que você estará prestes a sair e encarar a verdadeira realidade se escolher seguir esse novo caminho. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

O que se difunde é que a Real vai oferecer as mais diversas ferramentas, com leituras, discussões, com o contato com membros mais antigos e com a leitura das experiências de outros homens que vão permitir que essa mudança ocorra no momento em que o aprendizado é colocado em prática. Os termos que empregam dentro da Filosofia e do fórum, inclusive para descrever as mulheres, são tão relevantes para a comunidade que acabam por constituir uma linguagem própria em que quem não possui certa familiaridade com a comunidade e, principalmente, com a dinâmica e interações do fórum em si, apresenta dificuldade para compreender exatamente o que estão falando. Visando solucionar esses problemas para os membros recém chegados, foi criado um tópico contendo o Glossário da Real, com os principais termos que utilizam ali dentro seguidos de verbetes explicativos sobre cada um deles. O Glossário tem o objetivo de alinhar alguns conceitos dentro da comunidade a partir do que se tem como consenso ali dentro, tanto que incluem palavras que de fato foram ali inventadas ou foram emprestadas/traduzidas de comunidades masculinistas, sobretudo as americanas, mas também inclui palavras que já são amplamente utilizadas na língua portuguesa, como “misoginia” ou “misandria”, com suas respectivas definições estabelecidas a partir da concepção dos participantes do fórum, não de um dicionário. Assim, a própria Real possui um verbete no glossário que a define como

o conhecimento necessário para sair da Matrix, se defender das artimanhas e dos truques que as mulheres utilizam para manipular matrixianos. Embora existam homens que têm este conhecimento de maneira intuitiva, o termo é utilizado para se referir aqueles que leram as obras de Nessahan Alita, praticam (ou tentam) os seus ensinamentos e adotam o desapego emocional como uma forma de encarar o mundo. O termo REAL também destina-se ao desenvolvimento pessoal do homem como um todo e não só na lida com as mulheres. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

Para compreender do que se trata a Real, é necessário também estar a par do que eles classificam como Matrix. Também de acordo com o Glossário do fórum, Matrix é o termo utilizado

para se referir aos homens que ainda acreditam no mito do amor romântico, e de que as mulheres são seres maravilhosos e perfeitos, livres de imperfeições. Esses homens vivem fora da realidade, em um mundo em que acreditam que as mulheres vão lhe recompensar por ser carinhoso e amável, e vão lhe dar sexo por ser trabalhador e fiel. Esse pensamento é implantado desde a infância, com filmes de príncipes encantados, que fazem tudo pela 'donzela' e vivem felizes para sempre, até a adolescência e idade adulta, onde correntes de redes sociais, cartilhas feministas e comédias românticas são brutalmente enfiadas goela abaixo desses novos homens matrixianos (que crescem nessa matrix amorosa), moldando no homem um comportamento ridículo e submisso. A analogia com o filme 'Matrix' refere-se a isso que foi ensinado aos homens e que tantos deles acreditam a respeito do amor romântico. No filme as personagens que lhe são oferecidas a chance de sair da matrix tem o mesmo dilema, como aquilo tradicionalmente aceito pode ser uma ilusão? Por isso que muitos que 'saem da matrix' tem um choque de consciência e a raiva é um sintoma normal em alguém recém saído da matrix amorosa. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

Ao se cadastrar no fórum, o usuário recebe uma mensagem de boas-vindas, em sua caixa de mensagens privadas que o próprio fórum oferece, com instruções bastante detalhadas de como proceder e explorar essa Filosofia a partir dali. Após dar as boas vindas, segue a recomendação de que se inicie a jornada no fórum pela leitura dos livros de Nessahan Alita que, em observações prévias, percebi serem mencionados com muita frequência nesse espaço e em outros que disseminam o pensamento da Real, assim como o tópico Glossário do qual extrai as definição de Real e Matrix. A explicação sobre o fórum e sua conexão com esses livros é de que

O Legado Realista é um fórum masculino cujo principal objetivo é o desenvolvimento pessoal masculino em todas as áreas. O fórum começou inicialmente com a Real sobre os relacionamentos em que Nessahan Alita escreveu os livros que são a base de tudo o que somos hoje. Depois do estudo dos livros dele iniciamos um processo para resgatar e fortalecer a Identidade Masculina e expandimos para o desenvolvimento pessoal masculino em várias outras áreas (FÓRUM LEGADO REALISTA, s. d., não p.).

Na sequência os membros que acabaram de registrar seus cadastros são orientados ao se apresentar a contar como chegaram até o fórum LR no tópico destinado às apresentações. Apesar da mensagem inicial um pouco ríspida, as respostas de boas-vindas direcionadas aos membros que se apresentam costumam demonstrar receptividade e cortesia. Alguns dos novos membros escolhem depoimentos mais concisos, nos quais informam a idade (variando de 16 a 40 anos), a cidade e o motivo pelo qual estão no fórum, ou a forma como ali

chegaram. Outros escolhem já de início relatar alguma dificuldade pela qual eles tenham passado e que os levou até o fórum ou, ainda, narram alguma experiência, sobretudo com mulheres, que lhes abriu os olhos para a necessidade de mudança que o fórum prega.

A pergunta do moderador para guiar a apresentação, que versa justamente sobre como conheceram a Real é respondida inúmeras vezes por suas páginas adjacentes, muitas citadas aqui na história da Real, como o blogs da real tal qual o do Silvio Koerich e o blog do Doutrinador, fóruns como o Homens Honrados, Homens Realistas e o Fórum do Búfalo, além das páginas e grupos contidas no Facebook, o que demonstra como essa expansão da Real promovida entre 2008 e 2011 para outras plataformas de fato fez com que ela se difundisse, trazendo vários adeptos ao fórum Legado Realista. É mais raro encontrar membros que conheceram o fórum por um caminho que remete aos primórdios do surgimento da Real, através das comunidades “Mulher Gosta é de Homem Babaca” (MGDHB) e “O Lado Obscuro das Mulheres” (OLODM), mas eles também existem. Também há pessoas que chegam por indicação ou familiares, além de pesquisas no Google sobre os temas centrais da Real: compreensão dos comportamentos femininos nas relações e desenvolvimento pessoal do homem.

Outra questão que chama muita atenção é fato de numerosos membros, ao se apresentarem, já informarem que conhecem a Real e o próprio fórum há meses, frequentemente há anos, mas só nesse dado momento decidiram se cadastrar, a fim de aprofundar os próprios conhecimentos sobre tal Filosofia e/ou porque agora também se sentem competentes para postar e passar o conhecimento adiante, como demonstra o seguinte relato:

[tenho] 30 anos, acompanho os fóruns da REAL faz uns 5 anos (aqui e o FdB¹⁰), do qual aplicava os conceito em minha vida apenas parcialmente.
Após um severo processo de divorcio, derrocada financeira e desilusão com a vida, a REAL foi tudo o que tinha (história clichê).
Passei por todas as fases, da revolta até a aceitação, iniciei um processo de reconstrução a 3 anos atrás que perdura até hoje (e vai permanecer até o fim da minha vida).
Nunca realizei nenhuma postagem neste espaço pois sabia que não estava pronto, só ia engrossar a fila dos juvenas revoltados.
Agora que considero já ter alguma bagagem, estou pronto para fazer parte oficialmente das fileiras! (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

Esse mesmo relato enfatiza o quanto é comum (sendo por eles até considerado clichê) que os motivos pelos quais um homem busque a real sejam em função dessas desilusões com a vida. O tópico de apresentações é repleto de relatos que mencionam questões psicológicas

¹⁰ Fórum do Búfalo, outro fórum que também constitui um dos canais de difusão da Real.

como depressão e ansiedade acompanhadas de uma vontade de mudar a própria condição em que se encontram. A questão do sentimento de revolta, condenada pelos membros veteranos e pelo próprio NA também se faz presente nos relatos em relação aos mais diversos aspectos da vida. Frequentemente há relatos de frustração com a própria vida profissional e social, mas os relatos mais expressivos são os que envolvem desilusões amorosas, como os seguintes depoimentos: “tenho 17 anos e tive contato com a real no começo de 2016 depois de ter sofrido por causa da paixão, desde então busco me tornar a melhor versão de mim mesmo, quero sempre ir atrás de mais e mais conhecimento” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.), “Conheci a Real após o término do último relacionamento e confesso que estou desesperado por mudar substancialmente a minha vida.” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.), “Como todo "bom moço", trabalhador, que diz sim para tudo, me ferrei de diversas maneiras diferentes em exatamente TODOS os relacionamentos que tive, e no último, o que me fez acordar definitivamente para realidade” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

Há também aqueles que buscam um espaço onde tenham seus sentimentos de inadequação apaziguados e suas críticas levadas em consideração, buscando uma identificação com um grupo no qual seus ideias vão ser endossados, não rechaçados: “No ano passado entrei na federal daqui de Brasília, e como a maioria aqui já sabe, as universidades brasileiras são o local de todo câncer possível, destaco aqui o feminismo. E claro, sempre me senti isolado por não compactuar com nenhuma dessas ideias.” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.). A justificativa de que o mundo atual passa por uma crise de ordem moral é também amplamente defendida ao entrarem na comunidade:

A verdade é que o mundo está se desmantelando diante dos nossos olhos, há uma esquerdização, feminilização e em plena vigência a ditadura politicamente correta, tais fenômenos geram a castração e descaracterização do homem e todos somos influenciados de alguma forma por isso. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

O que esses relatos demonstram, em sua maioria, é essa busca por um sentimento de acolhimento, de estar em um lugar em que se identificam de antemão e através do qual podem se aprimorar enquanto homens, a fim de não mais sofrer pelas mesmas questões pelas quais já passaram. Essa identificação também passa pela necessidade de explicitar suas crenças sem julgamento, ou com uma recepção minimamente mais amistosa do que a que encontram no "politicamente correto" do dia-a-dia. Esse conceito de politicamente correto, mencionado à exaustão dentro do fórum e dos livros de Nessahan Alita, consiste em

um conjunto de intervenções políticas – visto que exercem pressão contra práticas ditas de assujeitamento –, cujo alvo preferencial é a linguagem ou, mais precisamente, determinadas manifestações linguísticas, que carregariam em si a marca da discriminação contra grupos minoritários. (WEINMANN; CULAU, 2014, p. 631).

e teria suas origens nos “movimentos em favor dos direitos civis, nos EUA dos anos 1960, e aos enfoques multiculturalistas, que se disseminam nos anos 1980” (WEINMANN; CULAU, 2014, p. 631). Esse conjunto de manifestações é visto com desprezo por questionar, de certa forma, a liberdade de expressão de tais homens, sendo denominado por eles uma forma de ditadura, como reproduzido na citação anterior. O fórum, portanto, é apresentado como um lugar que dá espaço para que o que é julgado como politicamente incorreto emergja e gerando uma identificação entre os próprios membros que os une em torno do fórum Legado Realista.

2. A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

2.1 A escolha de investigar um fórum de discussão digital

O Legado Realista, já apresentado anteriormente como campo desse estudo, é um fórum de discussão de acesso público, o que significa que ele pode ser lido por qualquer um que assim desejar, mas as interações e postagens só podem ser feitas por membros cadastrados no fórum, que possuam um login e senha vinculados a uma conta de email previamente existente. Acompanhei informalmente durante alguns anos esse espaço, no qual eu podia acessar os pensamentos de um número muito maior de homens do que eu tinha proximidade em meu cotidiano e que se consideravam abertamente seguidores dessa filosofia, me parecendo um grupo bem organizado em torno deste pilar. Eu sentia que essa exposição de seus pensamentos se dava de forma muito mais explícita que nas minhas relações *offline*, seja em função do contexto digital passar certa segurança ou do anonimato proporcionado pelo espaço, revelando pensamentos que me pareciam divergir bastante dos homens em meu convívio. Tal comunidade me despertou o interesse de tal maneira que ela passou a fazer parte do meu dia-a-dia. A internet já passara há algum tempo a ser pra mim o que Miskolci (2017) denomina como um contínuo *on-offline*, devido ao uso que já fazia do Facebook, Twitter e outras redes, e fez com que eu me tornasse não apenas consumidora, mas também produtora mais ativa de conteúdo. Passei a ter esse fórum como mais um desses espaços que representavam uma extensão do meu cotidiano, só que dessa vez apenas como observadora.

Segundo Hine, quando se teoriza sobre pesquisa na internet, em especial a etnografia, têm-se duas possibilidades preponderantes de se pensar a internet. Uma delas seria pensar a internet como um lugar onde se produz cultura, denominado ciberespaço. Desse princípio surgiu o termo Comunicación Mediada por Ordenador (CMO), no qual aborda-se a CMO

como espacios donde se mantienen interacciones relevantes. que pueden ser entendidas como constitutiva de una cultura en sí misma. Tales estudios sobre espacios *online* contribuyeron ampliamente con el establecimiento de la imagen de Internet como cultura. en la que se pueden estudiar los usos que las personas confieren a la tecnología. (HINE, 2004, p. 19).

Uma segunda perspectiva é a de que a Internet é um artefato cultural e, portanto, produto da cultura. Tal perspectiva “implica assumir que nuestra realidad actual pudo haber sido otra, pues las definiciones tanto de lo que es como de lo que hace, son resultado de comprensiones culturales que pudieron ser diferentes” (HINE, 2004, p.19). Se seguirmos a lógica de Giddens (2003), o mundo virtual é um ótimo exemplo dos mecanismos de desencaixe de tempo-espaço para Giddens. A Internet é um sistema abstrato, que possui um sistema perito por trás. É portanto não apenas produto da cultura, mas por meio dela a cultura também é produzida.

Jauréguiberry (2000) explica que a Internet possibilita uma experimentação de si de diferentes formas com menor possibilidade de sofrer sanções. Ela considera a hipótese de que, ao se conectar à Internet, não necessariamente se faz jus à identidade que constrói na vida real e considera que ela pode até ser criada justamente para reproduzir esses papéis que não podem ser reproduzidos na vida real. Ela constata que essa sobreposição de identidades pode ter consequência para esses “manipuladores de si”¹¹, com duas possibilidades

l'enfermement dans le virtuel à cause du réel social ou, à l'inverse, le questionnement du réel à cause du virtuel. Dans le premier cas, c'est parce que le réel social désespère ou restreint qu'il est fui ou recomposé dans le virtuel. Dans le second, c'est parce que le virtuel autorise des expériences inédites et libère l'imagination que le réel en vient à être vécu différemment ou que de nouvelles exigences apparaissent. (JAURÉGUIBERRY, 2000, p. 140).

Sua concepção parte das concepções sobre internet dos anos 90, em que se considerava o virtual e o real como duas esferas distintas. Hoje, como mencionado, se considera que essas “relações mediadas se dão em um contínuo *on-offline*, no qual se inserem todos aqueles e aquelas que usam meios comunicacionais em rede em seu cotidiano” (MISKOLCI, 2016, p. 284), assim como havia passado a ser para mim.

Adentrando o fórum, que acaba por ser a extensão também do cotidiano desses homens, em sua própria apresentação, é descrito como

um espaço privado, independente, sem afiliações e sem fins lucrativos. Não somos um movimento ideológico, somos um fórum para debate a respeito de diversos assuntos do interesse e do cotidiano masculino tendo como base o Desenvolvimento Pessoal Masculino em todas as esferas. (LEGADO REALISTA, s.d., não p.).

Desde o princípio em que comecei a acompanhar esse espaço informalmente, pois considerava muito proveitoso esse acesso a um espaço que eles se sentem claramente muito

¹¹ tradução livre de “*manipulateur du soi*”

confortáveis para expressar essas opiniões que, à época, não soavam (nem pretendiam) ser o que chamamos de politicamente corretas. Essa exposição me parecia ser feita de forma relativamente segura, garantindo um certo anonimato pois não havia a necessidade de se apresentar com dados verdadeiros.

Muito me interessou que o conteúdo poderia ser acessado sem sequer precisar de qualquer registro e isso funcionava como uma forma de proteção para mim, uma vez que me parecia que naquele espaço algumas convenções sociais sobre o que se pode ou não falar estavam suspensas. O fato de todos nós nos tornarmos não apenas consumidores desse conteúdo, mas também produtores, unido à possibilidade de construir espaços focados em encontrar, nos aproximar e discutir com pessoas que pensam parecido conosco nos proporciona uma falsa ilusão de que a internet torna-se um meio necessariamente democrático, já que é possível que todas as pessoas sintam-se seguras para expressarem suas opiniões em espaços que as representem.

Miskolci (2017) traz a constatação de que esse acesso horizontalizado pode, na verdade, ser responsável por comportamentos autoritários e até agressivos, sendo exatamente esse o tipo de comentário que mais me chamava atenção na época, pois enquanto observadora não-participante informal tentava compreender como uma comunidade que visava tratar das questões pertencentes ao que eles enquadram como um universo masculino dão margem a certas declarações que mais se assemelhavam a discursos de ódio que ao de um ativismo propriamente dito. Essas declarações, ainda que trouxessem conteúdos sobre a necessidade de um homem aprender economia, a necessidade de que os homens passassem por uma conscientização e por um processo de reflexão a respeito de suas próprias condições na sociedade, frequentemente também continham ataques ao feminismo, aos comportamentos e às mulheres que consideravam feministas. Esses discursos pareciam-me muito mais focados em serem antifeministas do que necessariamente propositivos em relação às demandas e direitos masculinos a serem conquistados. Esses sentimentos pra mim se assemelhavam a ódio e ressentimento em relação ao movimento feminista, o qual sempre concebi como uma forma de luta por equidade e justiça, me fazia questionar o que era exatamente que eles estavam propondo enquanto propagadores de um ativismo pelos direitos dos homens.

Assim, tudo o que envolvia mulheres, feminismo e o universo feminino tornavam-se discussões interessantes para mim, sendo que as proposições que faziam a respeito das relações afetivo-sexuais com mulheres foram uma das coisas que mais me chamaram atenção no fórum. Os modelos apresentados por esse grupo me inquietam porque, segundo Giddens (1993), na modernidade houve uma transformação das relações de intimidade, que vem aos

poucos deixando cada vez mais de lado os ideais de amor romântico, bastante idealizado e baseado em suposições, para incorporar o desejo de um amor mais próximo do confluyente, que pressupõe intimidade, conhecimento e respeito pelo outro (GIDDENS, 1993, p. 72-73). Em observações preliminares, é possível notar que há uma crítica desse modelo de relacionamento que se persegue na modernidade dentro do fórum. Há a possibilidade dessa democratização estar sendo percebida como uma perda de direitos dentro da esfera dos relacionamentos (e talvez até no mundo) para esses homens. Kimmel (2013) explica como, no caso do contexto estadunidense, homens brancos norteamericanos sentem-se ressentidos ao verem mulheres e minorias ganhando espaço numa sociedade que sempre os colocou abaixo deles, enquanto eles são obrigados a readequarem seus comportamentos em relação a essas pessoas, sentindo que estão perdendo algo que seria deles por direito¹² na sociedade, já que lhes foi ensinado que era essa a ordem natural das coisas e que o fato de terem nascido enquanto homens brancos e heterossexuais lhes garantiria certos privilégios que agora reclamam e encontram barreiras.

Quanto ao fórum em si, sua organização consiste em uma divisão em diversas seções e subseções, com um total de 73.609 mensagens em 3.363 tópicos, contando com 2.105 membros registrados (que não necessariamente significa que esses membros são ativos)¹³. Devido a esse fato, torna-se impraticável fazer uma análise dos livros e do fórum como um todo. Em função disso, foi necessário fazer um recorte das seções que estivessem melhor relacionadas com o objetivo e pergunta de pesquisa. A seção escolhida é denominada “A Real”, em que o foco é discutir os ensinamentos dessa filosofia. Essa seção é subdividida em 2 outras subseções, cujos nomes e descrições são, respectivamente, “Fórum principal - Local para a Legião abordar relatos sobre experiências onde as mulheres não são o foco principal. Relatos sobre experiências profissional, acadêmicas, familiares, viagens, etc. Reflexões sobre Cultura Brasileira, Desenvolvimento Pessoal, Problemas Familiares, Textos Motivacionais, Filosofias de Vida. Reflexões sobre a vida de cada Legionário.” e “Relacionamentos - Local para a Legião postar seus relatos e reflexões referente às mulheres, aos relacionamentos e ao comportamento do homem. Um local para compartilhar e debater o feminino, e, o masculino, nos relacionamentos.”. Desta forma, o recorte feito para o prosseguimento deste presente estudo se dá pela escolha da subseção “Relacionamentos” como objeto de análise, pois nos contatos iniciais com o campo me ficou claro que ali há uma proposição feita por esses indivíduos de elaboração de um projeto sobre como conduzir suas relações amorosas, afetivas

¹² tradução livre para “entitled”

¹³ Os dados foram retirados das estatísticas que o próprio site fornece. O acesso foi em 25/10/2019, às 14h32.

e sexuais, de modo a tornarem-se parte de um projeto reflexivo de si mesmos, calcando-se na Filosofia da Real. Como mencionado, o fato da pesquisa se dar em um fórum também auxilia a escolha do que entra no escopo de pesquisa, pois a divisão em seções promove uma organização do fórum por temas, os quais me possibilitam saber onde posso encontrar aquilo que busco em minha pergunta de pesquisa. Além disso, para compreender a questão da masculinidade dentro da comunidade, é necessário olhar para suas percepções em relação às mulheres e à feminilidade, visto que gênero é uma categoria de análise essencialmente relacional (SCOTT, 1995).

Para realizar essa etnografia digital, é necessário que eu, enquanto pesquisadora, perceba que também tenho um lugar nessa comunidade. Parto de um lugar de uma mulher, o que por si só já me afasta do grupo e que, ainda por cima, é feminista, me colocando na contramão toda a crença que esse grupo tem sobre o feminismo. Apesar de ambas características me tornarem antagônica à comunidade e me colocarem uma certa demarcação ideológica, meu objetivo era o de compreender o que os guiava em suas relações amorosas com mulheres e como estes aspectos conversam com essa busca por um ativismo que defendesse os direitos masculinos e engendrasse um tipo de masculinidade. São expressivas as manifestações de desejo e demandas de respeito direcionados às mulheres, portanto parto de um lugar necessariamente crítico, o que me cabe é a compreensão de como essa masculinidade se produz e é conduzida dentro do grupo, bem como entender o caráter relacional em que ela opera ao se pensar nas relações com mulheres.

Para além disso, o fato de eu já ter estudado uma comunidade similar em um trabalho anterior, que se baseava na mesma Filosofia, me traz alguma familiaridade com o tema. Cicourel (1969) demonstra como isso pode tornar-se um problema para o pesquisador, mas considero importante a compreensão de que o fato da comunidade ter o mesmo autor e a mesma filosofia como base é apenas uma pequena parte do que levarei em conta ao estudá-los, pois esse aspecto não quer dizer que eu possa transpor quaisquer impressões da pesquisa anterior para essa, em realidade, me é muito mais interessante as interpretações que os atores deste espaço fazem dessa Filosofia e como selecionam e redesenham aquilo que tomam para si como parte fundante de suas construções de si enquanto homens.

2.2 Recortando amplitudes, cercando acessos

Na época da monografia, estudando um fórum similar, não tive como objetivo analisar os livros que guiavam todo esse pensamento, meu recorte era outro e, apesar da monografia concluída senti que para uma melhor compreensão dessa Filosofia era necessário ir além e fazer uma análise também dos escritos que davam suporte ao pensamento da comunidade. Assim, quando comecei a escrever o projeto de mestrado resolvi migrar da antiga comunidade para essa mais ativa, com objetivo de dar continuidade e aprofundar o estudo dessa filosofia da Real e é por isso que essa dissertação vai se ocupar, primeiramente, de analisar os livros do autor que escreve sob o nome de Nessahan Alita, a fim de que eu possa entender melhor quais são as bases que constroem esse ideal de masculinidade e relacionamento que eles perseguem.

Além da análise dos livros e de postagens, meu projeto originalmente incluía a realização de entrevistas semi-estruturadas, a fim de buscar as diferentes interpretações dos ensinamentos dos livros nos discursos desses participantes, que não tivessem aparecido nas postagens e também para aprofundar o debate relativo aos sentimentos e à sexualidade presentes em um relacionamento. Nos meus primeiros contatos com o campo, ficou claro para mim que meu objetivo de realizar entrevistas poderia acabar sendo frustrado pelo fato de eu ser uma pesquisadora mulher, sendo esses um dos meus maiores receios em relação à pesquisa. Entretanto, ainda que isso pudesse ocorrer, fui percebendo que a execução da pesquisa não ficaria impossibilitada. Lendo as experiências etnográficas de Andréa de Souza Lobo (2006), fica claro que as dificuldades do pesquisador em realizar suas pesquisas são uma contingência recorrente, em especial em campos em que o sigilo é primordial, ou quando há uma marcação muito grande do pesquisador como aquele que não tem permissão para estar naquele espaço. Assim foi com Lobo (2016), que deixou claro que há recursos aos quais nós pesquisadores podemos recorrer para a realização da pesquisa. No meu caso, o contato com o campo e o volume dos dados disponibilizados publicamente que coletei, me pareceram evidências suficientes de que o conteúdo dos livros e das postagens fossem o suficiente para uma boa análise. Foi justamente em função do volume de dados coletados ao longo da composição das tabelas que me ficou claro que novo recorte temporal teria de ser feito, de modo que eu conseguisse concluir minha análise dentro dos prazos propostos pelo programa de pós-graduação.

Em novembro de 2019, ao fazermos nossa reunião da linha de pesquisa da qual participo, meus colegas e minha orientadora me ajudaram a estabelecer alguns critérios para analisar o grande volume de conteúdo que compunha a seção “Relacionamentos”. Os critérios estabelecidos foram: os tópicos que seriam analisados deveriam ter mais de 20 posts,

pois isso indicaria que eles eram suficientemente relevantes para o grupo a ponto de renderem uma discussão. Os que tinham menos de 20 posts na data da coleta ficaram de fora. Outro critério estabelecido foi a data da última postagem feita no tópico. Só seriam analisados tópicos que tivessem sido respondidos pela última vez a partir de 2018, buscando entender quais eram as discussões mais expressivas em um momento mais recente, uma vez que a pesquisa se iniciou em 2019.

Uma vez que a comunidade existe em tal endereço eletrônico desde 2015, tomei a decisão de compreender o que nela se passava em relação às questões de masculinidades, sexualidades e relacionamentos apenas a partir dos últimos 2 anos. Para organizar o material selecionado, realizei o preenchimento de uma tabela que contou com mais de 140 tópicos. O período de coleta dos dados para preenchimento da tabela foi de dezembro de 2019 até início de janeiro de 2020. Ela contém o nome do tópico, o tema central tratado nos posts, o número de posts (que deveriam ser 20 ou mais), o ano de criação do tópico e o ano em que foi feito o último post (o qual deveria ser 2018 ou superior), de acordo com os critérios estabelecidos. Com isso, já foi possível mapear alguns dos temas principais que apareciam dentro da sessão “Relacionamentos” nos últimos anos e quais tinham mais relevância. Também me possibilitou compreender que o volume de conteúdo era bem extenso.

Em seguida, para que pudesse haver um refinamento maior do material selecionado e um perfil daqueles membros pudesse ser traçado, segui as orientações dos colegas de linha de pesquisa, de me deter a um número de membros que tivessem uma certa influência na comunidade e seguir seus passos dentro da seção Relacionamentos, a fim de acompanhar um pouco de suas discussões e compreender seus pensamentos. A solução para encontrar esses membros mais reconhecidos dentro do grupo foi de consultar o “Hall da Fama” durante o período de 29 de janeiro a 29 de março de 2020, totalizando dois meses. O Hall da Fama é um espaço que se encontra na página inicial da comunidade e é destinado a exaltar os 16 membros que tem maior reputação ali dentro, as quais são numericamente representadas nesse espaço de forma decrescente.

As reputações¹⁴ são contabilizadas dentro da comunidade, podendo resultar em um número positivo ou negativo. Toda vez que um membro desejar avaliar um post de outros membros, por achá-lo bom ou ruim, logo embaixo do post ele pode clicar em dar +1 ponto de reputação se tiver aprovado, ou -1 ponto de reputação se tiver reprovado. É uma métrica que serve para indicar uma certa admiração (ou insatisfação) dos membros em relação ao que está sendo dito dentro da comunidade. Assim, o “Hall da Fama” é um caminho importante para a análise do fórum, pois demonstra que aqueles que ali estão elencados detêm um certo status relevante dentro daquele grupo em função do que dizem/postam, pois nele encontram-se usuários que mais tiveram suas mensagens positivamente avaliadas.

Passsei então, a coletar o conteúdo dos posts desses membros mais destacados da comunidade, já com base nos recortes previamente estabelecidos. Contudo, o grande volume de dados coletados me fez ter que rever o recorte já feito, pois se os materiais fossem coletados de 2018 a 2020, a quantidade de informações a serem analisadas dentro de uma pesquisa de dissertação, que tem dois anos para ser concluída, ficaria inviável. Optei assim, por excluir o ano de 2018 da análise e focar no que havia sido produzido em 2019 e início de 2020, até o mês da coleta. Isso me revelaria o que vinha sendo mais importante na comunidade em um momento mais atual (o que já era a intenção inicial, mas agora passava a ser de 2019 pra cá. Os critérios utilizados para a coleta do conteúdo passaram a ser, portanto, a seção “Relacionamentos”, estabelecida desde o início por seu caráter relacional e temático; o ano de último post nos tópicos como sendo 2019 e início de 2020; o número de posts no tópico igual ou maior que 20, indicando sua relevância na comunidade; e, por fim, o status dos membros dentro do fórum, indicado pela presença no Hall da Fama.

Quando iniciei o preenchimento desta segunda tabela, fui também criando as categorias e sinalizando cada categoria com uma cor diferente para sistematizar a Análise de Conteúdo. As categorias utilizadas podem ser consultadas no Apêndice 1. Para fazer a coleta do conteúdo do fórum, não foi necessário criar nenhum tipo de conta. Como já mencionado, todos os tópicos e postagens aqui selecionados para análise são de exibição pública. Entretanto, para acessar certos conteúdos do fórum, como abrir a página de perfil dos

¹⁴ O sistema de reputações é definido pelo fórum como algo que possibilita “outros usuários lerem e verem quais postagens são melhores, e também conhecerem as postagens ruins do outro usuário. E você também estará sendo avaliado pelos outros usuários. Você pode dar nota ao usuário diretamente, ou a um tópico que ele fez, ou mesmo a um comentário. É permitido apenas uma avaliação por postagem. Mas é permitido avaliar o mesmo usuário várias vezes em diferentes ocasiões.

Qualquer sistema de burlar isso, para tentar subir no rank de forma artificial, seja através de acordo de troca de likes, de contas fakes, quando descoberto, terá a sua reputação zerada e perderá todas as avaliações já feitas naquela conta, mesmo as avaliações feitas de forma correta.” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2019, não p.)

membros, foi necessário que eu abrisse uma conta. Assim, escolhi um nome que me parecesse neutro, mas remetesse ao masculino e criei uma conta de email *fake*¹⁵, pra que não tivesse vínculo com meu nome e e-mails pessoais. Isso não me trouxe qualquer problema, visto que é prática recorrente do próprio fórum e é, inclusive, recomendado ao se cadastrar que não se informe os dados pessoais para o registro nesse espaço, como forma de preservar a liberdade dos participantes de se manifestarem nesse espaço.

Quando concluí meu registro para entrar no rol de membros e verifiquei minha conta¹⁶, imediatamente recebi uma mensagem privada de um administrador do fórum. A mensagem tinha um conteúdo de boas-vindas e acolhimento e explicava um pouco do que tratava o fórum, contando com uma lista de livros e tópicos que seriam importantes para que os Realistas iniciantes pudessem começar a interagir dentro do fórum. Outro ponto importante da mensagem foi o passo-a-passo que deveria ser seguido por quem na comunidade ingressasse:

1º lugar: Seja bem vindo e se apresente no tópico APRESENTE-SE AQUI

2º lugar: Leia todos os livros de Nessahan Alita, disponíveis aqui: Nessahan Alita - Google Drive

3º lugar: Antes de comentar qualquer coisa, leia este tópico para entender o que é este fórum e seu objetivo e suas regras. Como o LR funciona?

4º lugar: Leia esses 10 tópicos na sequência para entender todos os conceitos básicos do fórum. [...]

5º lugar: Leia mais esses 10 tópicos-base: [...]

6º lugar: Sinta-se à vontade para questionar e tirar dúvidas na seção Principais Dúvidas Realistas.

7º lugar: Acesse a biblioteca e veja outros materiais para se aprofundar: Biblioteca do Fórum (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2020, não p.)

Sendo a apresentação colocada como um primeiro passo obrigatório, decidi explorar esse tópico para entender que modelo eu deveria seguir para me introduzir. Meu objetivo não era mentir, mas ser o mais evasiva possível quanto às minhas informações pessoais e meu gênero. Percebi que esse recurso não era adotado só por mim, mas diversos membros também forneciam pouquíssimas informações, relatando apenas, por exemplo, idade e cidade onde moram. A mensagem que redigi foi a seguinte :

“Boa tarde a todos,
conheci o fórum pela página Metendo a Real no Facebook.

¹⁵ Uma conta fake é uma conta para a qual não se fornece seus dados pessoais verdadeiros, quaisquer que sejam, a fim de preservar o anonimato daquele que a utiliza.

¹⁶ Verificar a conta significa ir até seu email e clicar em um *link*, que vai verificar se há de fato um vínculo entre aquela conta de email e o cadastro feito no site/fórum. Serve para evitar cadastros com emails não existentes, que podem ter e intenção de propagar spam, por exemplo.

Tenho 24 anos, sou de Curitiba e tenho interesse em conhecer mais a fundo a Filosofia, que já acompanho há algum tempo”

Após seguir esses passos, consegui ter um acesso mais profundo ao fórum. Isso me permitiu uma coleta de dados com maior facilidade, pois ao entrar no perfil dos membros do fórum que detinham um lugar de no Hall da Fama, era possível rastrear todos as postagens que eles tinham feito dentro dos critérios que eu estabeleci, sem ter que olhar para os tópicos como um todo buscando postagens um a um desses membros. Essa porta de entrada para o perfil dos membros cadastrados também me permitiu obter a informação da idade de forma mais rápida, mas que também pode ser encontrada no tópico público de apresentações. Com isso, montei uma terceira tabela¹⁷ no mês de maio, em que elenquei os membros pela ordem do próprio Hall da Fama no momento em que os conteúdos foram coletados, contendo seus nomes, o nome fantasia que atribui a cada um para reforçar a preservação de suas identidades, a posição em que se encaixam e o número de reputações que tem, a data em que se registraram no fórum, a data de aniversário e idade (quando disponível), o número de tópicos e de posts que foi autor e, por fim, a última data em que esteve *online*.

Pensando em manter o completo anonimato dos membros, seus nomes originais dentro do fórum foram suprimidos da tabela aqui anexada, sendo então substituídos por nomes fictícios para evitar o reconhecimento dos membros.

¹⁷ A tabela pode ser encontrada no Anexo II.

3. MASCULINIDADES, IDENTIDADES E REFLEXIVIDADE

A comunidade, que prega modos de se relacionar baseados em sua filosofia, é exclusivamente focada em relacionamentos heterossexuais. A heterossexualidade masculina ainda é pouco estudada pela Sociologia, em especial quando sua expressão se encontra em ambientes virtuais, os quais também são campos bastante recentes nas ciências sociais brasileiras. Os estudos de Franco (2015) sobre os artistas da sedução e de Larissa Pelúcio (2017) sobre usuários de aplicativos para busca de parceiros(as) fizeram um bom mapeamento desse campo *online*, evidenciando seus desejos e expressões de sexualidade, bem como suas percepções e expectativas a respeito das mulheres. O trabalho de Franco (2015), se destaca por mostrar um engajamento reflexivo dentro das relações heterossexuais, em que há todo um esforço e aprendizado para que se obtenha êxito na conquista e nesses relacionamentos (especialmente os de cunho sexual) tão almejados. Richard Miskolci (2017) também trabalha com a busca de parceiros amorosos através de aplicativos online em seu livro “Desejos digitais”, que tem como foco as relações homossexuais masculinas.

O fórum que escolhi como campo de investigação segue a mesma premissa do trabalho de Franco (2015) de ser um espaço que fomenta a discussão e desenvolvimento entre homens. As diferenças se encontram nas propostas que cada um desenvolve: o fórum de Pick-up Artists (PUA) que é analisado por Franco (2015) demonstra esse ímpeto de trabalhar ativamente e estudar técnicas para seduzir mulheres. Já o Legado Realista, seguindo os escritos de Alita, se declara diametralmente oposto ao que se ensina sobre conquistar várias mulheres nesse fórum, segundo o autor a tal “arte da sedução” que ensinam não passa de depravação e charlatanismo. Alita (2008, p. 64) afirma que “os "sedutólogos" charlatães usam o desejo dos machos excluídos para arrancar-lhes o dinheiro. [...] Pague e terá caído na armadilha pois não há segredo algum”. Assim, há duas propostas distintas sendo construídas nesses dois espaços, sendo uma voltada para a realização masculina através da conquista de várias mulheres, enquanto o outro não considera a sedução de diversas mulheres como algo essencial, e sim, um tipo de depravação. Com propostas tão distintas de se abordar a conquista nos relacionamentos heterossexuais, é essencial compreender de que forma eles se apropriam dessa Filosofia para construir esse ideal de relação e de masculinidade.

Os discursos que permeiam a sexualidade, tal como o produzido pela comunidade, mais especificamente em torno da heterossexualidade, são indissociáveis das questões de gênero que ali são verificadas. Em função disso é imprescindível pensar como a sexualidade

desses homens se articula com as próprias masculinidades que ali estão sendo forjadas. Apesar dos estudos de masculinidade serem recentes, já nos anos 40 era possível perceber como a observação participante e etnografia trazem um repertório de representações de masculinidades, ainda que não as tenham tido como foco.

Como exemplo, em termos de masculinidades, o fórum aqui estudado me remete ao texto de William Foote Whyte (2005), *A Sociedade de Esquina*, no qual o autor revela os esquemas de prestígio no contexto de Cornerville, cidade americana composta majoritariamente por imigrantes italianos, em que analisou um grupo que chamava de “rapazes da esquina”. O prestígio e o status dentro do grupo estavam diretamente ligados às atividades que praticavam e tinham como importantes para suas vidas sociais, sendo o boliche exemplo máximo, mas também estavam atrelados às suas relações com garotas, em especial às pertencentes ao Clube Afrodite. Quando elas lhes pareciam inalcançáveis, as desprezavam; quando se tornaram alcançáveis e tinham participação em suas atividades, sentiam ressentimento por estas não estarem dedicando-se e tendo a atenção que queriam exclusivamente dedicada a eles. Quando o grupo, de modo geral, rompeu com o Clube da Afrodite, aqueles que mantiveram os vínculos com elas tiveram sua relação dentro da comunidade abalada. Para os rapazes de Cornerville, além das atividades que lhes garantiam certo prestígio, a relação com mulheres era ambivalente como no fórum aqui estudado: mulheres são objeto de desejo, mas tem seu lugar sempre muito bem demarcado e quaisquer interações fora das convenções estabelecidas são vistas como emasculadoras ou diminuem seu prestígio no grupo.

Os estudos especificamente sobre masculinidades no Brasil ainda são bastante recentes, tendo começado a serem produzidos apenas nos anos 90. Oliveira (2004), que é um dos grandes nomes, explora a passagem dos ideais de masculinidade ao longo da história. Na era medieval, as virtudes que garantiam a presença de uma masculinidade reconhecida eram coragem e ousadia. Um dos exemplos de como isso tomava corpo eram os duelos com espadas, um tipo de forma de vivência interacional da masculinidade que era fundamental para a manutenção da ideia de honra masculina. Contudo, com a passagem do período moderno e, especialmente com a formação do Estado moderno, esses ideais começaram a se afrouxar. Elias (1994) demonstra como o processo civilizador, que acompanhou a formação do Estado Moderno, foi controlando os impulsos dos indivíduos e a violência (ou o que a ela remetia) foi passando a ser concebida enquanto monopólio do Estado. A disposição e o apreço pela luta que existiam na sociedade medieval passaram a ser mal vistos e essa necessidade de controle dos impulsos em função de uma interdependência entre os indivíduos

foi gerando um autocontrole também na esfera emocional. A centralização do poder foi criando também uma conexão entre a estrutura social e a estrutura de personalidade dos indivíduos, ou seja, a passagem do período medieval para o Estado Moderno exigiu que os indivíduos adquirissem um certo grau de reflexividade em relação a eles mesmos, às próprias atitudes e impulsos. Apesar de não tratar dos ideais de masculinidade especificamente, o processo civilizador indica uma mudança de comportamento que exige a contenção sobretudo daquilo que sempre foi signo de masculinidade e que se esperava de um cavaleiro medieval: perpetração de violência, agressividade, explosões emocionais em direção a uma maior racionalização. A saída das sociedades pré-modernas mais tradicionais e a mudança na cultura que isso provocou é bastante investigada por Giddens.

Giddens (1991) crê que nós não adentramos na pós-modernidade, mas sim, em um período em que há uma radicalização e universalização das consequências que a modernidade trouxe. Ele afirma que a história é permeada por momentos de descontinuidade, não sendo linear, e que os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social de um modo sem precedentes. Para o autor, há 3 pontos principais de descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens tradicionais, sendo elas 1) o ritmo de mudança, que é muito acelerado na modernidade; 2) o escopo da mudança, que se tornam cada vez mais globais; e o 3) a natureza intrínseca das instituições modernas, formas sociais modernas que não podem ser encontradas em períodos históricos pré-modernos.

Em suas análises Giddens, mostra como o desenvolvimento das instituições modernas trouxe consequências positivas e negativas, como a possibilidade das pessoas gozarem de uma existência mais segura e gratificante do que qualquer possibilidade anterior ao seu advento, quanto às escolhas de risco. O autor coloca o agente no centro do processo de reflexão, opondo-se à noção de um ator meramente receptivo. Ele também contesta a noção da sociedade que vinha sendo trabalhada na sociologia. Em seu lugar propõe que se olhe a forma como os seres humanos se engajam na história, como se articulam reflexivamente a partir de suas perspectivas culturais e de estilos de vida e, em relação ao processo de globalização e do advento das instituições modernas que se interpõe. O autor denomina esse filtro e auto-entendimento dos agentes sociais como "hermenêutica dupla", ou seja, o conhecimento sociológico espirala dentro e fora do universo da vida social, assim o agente reconstrói tanto este universo como a si mesmo como uma parte integral deste processo.

Uma questão importante do advento da modernidade é que provocou deslocamentos do espaço e tempo. Em sociedades pré-modernas ambas as relações estavam interligadas e,

para a maior parte da população, a vida social era dominada pela presença face a face e por atividades localizadas na comunidade conhecida, na família, no parentesco, na vizinhança. O tempo ainda estava conectado com o espaço (e o lugar) até que a uniformidade de mensuração do tempo pelo relógio mecânico correspondeu à uniformidade na organização social do tempo. Esta mudança coincidiu com a expansão da modernidade e não foi completada até o presente na perspectiva giddesiana.

Já a modernidade fomenta relações com “ausentes”, provocando esse distanciamento entre espaço e tempo e a intermediação de muitos sistemas abstratos. Tal separação, assim como qualquer processo histórico concebido pelo autor, também não ocorre de modo linear, mas é um processo crucial para promover a existência do dinamismo presente na modernidade, consequência de um processo de desencaixe.

Para ele, “a separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, ‘vazias’, penetram as conexões entre a atividade social e seus ‘encaixes’ nas particularidades dos contextos de presença” (GIDDENS, 1991, p. 28). As instituições modernas desencaixadas dilatam o escopo tempo-espaço e, a fim de produzir esse efeito, precisam de uma coordenação entre tempo e espaço, multiplicando as possibilidades de mudança e liberando os indivíduos das restrições das práticas e hábitos locais. Além disso, as organizações modernas também são capazes de conectar o global e local de formas inimagináveis em sociedades pré-modernas, afetando diretamente a vida das pessoas.

O desencaixe dos sistemas sociais, assim na visão de Giddens, refere-se ao “‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões definidas de tempo-espaço.” (GIDDENS, 1991, p. 29). Dois mecanismos de desencaixe concebidos pelo autor são 1) as fichas simbólicas e 2) os sistemas peritos. As fichas simbólicas têm o dinheiro como exemplo, são “os meios de intercâmbio que podem ser circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com ele em qualquer conjuntura particular” (GIDDENS, 1991, p. 30), sendo fundamental para o fenômeno de desencaixe associado à modernidade.

Todos os mecanismos de desencaixe dependem da confiança, a qual está intrinsecamente associada à instituição da modernidade. Ela se reveste de capacidades não individuais, abstratas, e pode ser concebida como “uma forma de ‘fé’ na qual a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva” (GIDDENS, 1991, p. 35), ela se entrelaça com a noção de risco.

Ela serve para reduzir e minimizar os perigos aos quais nós estamos sujeitos ao confiarmos em sistemas peritos. Quanto aos sistemas peritos, Giddens (1991, p. 35) refere-se

a “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”. Espera-se que tais sistemas funcionem da forma como se espera que eles o façam, é esse elemento constituidor da confiança. A confiança deve ser compreendida especificamente em relação ao risco, segundo o autor, conceito que surge apenas no período moderno.

Na sociedade moderna os indivíduos possuem uma infinidade de possibilidades de escolha e reconhecem os riscos que essas alternativas acionam, portanto tenta calcular os riscos das próprias escolhas através de um processo de reflexão.

A reflexividade, outro conceito importante para Giddens (1991, p. 45) e característico do período moderno, consiste “no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter.”

O agente para Giddens (1991) tem um lugar explicativo próprio a respeito daquilo que ele vive e mantém um controle reflexivo a partir da própria conduta, o que nos permite pensar na racionalização da ação do agente. Sabe-se que a capacidade dos agentes, muitas vezes está limitada pela reflexão do poder, mas ainda assim, continuamente produzem sentidos, linguagem e discursos. Suas reflexões são contextuais e contingentes, dizem respeito a todas as esferas da vida, mas não são lineares, possuem descontinuidades que são intrínsecas ao próprio dinamismo da modernidade. O autor complementa a noção de desencaixe com a de reencaixe, que trata-se da “reapropriação ou remodelação de relações sociais desencaixadas de forma a comprometê-las (embora parcial ou transitoriamente) a condições locais de tempo e lugar” (GIDDENS, 1991, p. 83).

Giddens também diferencia os compromissos com rosto dos compromissos sem rosto, sendo que os primeiros se referem às conexões sociais estabelecidas através da presença e os segundos se referem ao desenvolvimento de fé nos sistemas abstratos (compostos pelos sistemas peritos e fichas simbólicas). A confiança, para Giddens (1991), pode se dar de duas formas, sendo a primeira a que é estabelecida entre indivíduos que se vinculam com uma relação longa e profunda (compromissos com rosto), mas há também a confiança nos sistemas abstratos (compromissos sem rosto), que não pressupõe que se conheça os indivíduos ou grupos que são responsáveis pelos sistemas abstratos.

Esse segundo tipo de confiança, para Giddens (1991), é o que origina a natureza das instituições modernas. Essa confiança é essencial, primeiramente porque, num mundo cada vez mais globalizado, é impossível manter-se completamente fora dos sistemas abstratos. O reencaixe, assim, “vincula a confiança em sistemas abstratos à natureza reflexivamente móvel

destes, bem como proporciona encontros e rituais que mantêm a confiabilidade entre colegas” (GIDDENS, 1991, p. 91), servindo à manutenção dos compromissos sem rosto através da presença de rosto.

Outro aspecto importante para Giddens (1991) que se entrelaça com a confiança, é a segurança ontológica, que “é uma forma muito importante, de sentimentos de segurança [...]. Refere-se a crença que a maioria dos seres humanos têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes” (GIDDENS, 1991, p. 95). O autor mostra que esse sentimento tem suas raízes na relação com os pais, aprendidos na infância, uma vez que se a modernidade proporciona tantos riscos e exige reflexão sobre todos os aspectos da vida, é o aprendizado da confiança na continuidade das coisas e da segurança ontológica que freia a existência de um estado de alta-insegurança ontológica e tensiona as questões da identidade pessoal.

Com a confiança em sistemas abstratos, Giddens (1991) conclui que a confiança em outros anônimos torna-se indispensável à existência social. Na modernidade o impessoal se destaca em comparação ao pessoal, havendo uma transformação genuína da natureza daquilo que é pessoal. As “relações sociais cujo principal objetivo é a sociabilidade, informadas pela lealdade e autenticidade, tornam-se uma parte das situações sociais de modernidade da mesma forma que as instituições abrangentes de distanciamento tempo- espaço” (GIDDENS, 1992, p. 122). Entretanto, não há qualquer necessidade de realçar a impessoalidade dos sistemas abstratos em relação às intimidades da vida pessoal, pois ela encontra-se profundamente entrelaçada com os sistemas abstratos. Illouz (2011) também traz a área da intimidade e dos sentimentos como um objeto a ser investigado pela Sociologia, para ela

O afeto é uma entidade psicológica, sem dúvida, mas é também, e talvez até mais, uma entidade cultural e social: através dos afetos nós pomos em prática as definições culturais da individualidade, tal como se expressam em relações concretas e imediatas, mas sempre definidas em termos culturais e sociais. (ILLOUZ, 2011, não p.).

A globalização acelera as conexões entre vida íntima e mecanismos de desencaixe, conectando diretamente questões da vida pessoal e local com fenômenos globais. Em resumo, o processo, envolve a transformação de intimidade que ocorre na modernidade em uma relação dialética entre as tendências globalizantes e os eventos localizados, ao passo que a construção do eu torna-se um projeto reflexivo, no qual o indivíduo deve escolher entre estilos de vida e achar sua identidade entre as opções dadas pelos sistemas abstratos, a fim de construir uma biografia que lhe seja coerente.

Em tempos modernos incide em nossa sociedade a emergência da sexualidade plástica, que consiste em um tipo de manifestação sexual descentralizada e liberta das necessidades “ortodoxas” da reprodução.

Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propicia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecidos. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais.” (GIDDENS, 1993, p. 25).

Do ponto de vista dos gêneros masculino e feminino, a “revolução sexual” dos últimos trinta ou quarenta anos não é apenas, ou mesmo primariamente, uma avanço neutro da permissividade sexual. Ela envolve dois elementos básicos. Um deles é a revolução na autonomia sexual feminina – concentrada naquele período, mas possuindo antecedentes que remontam ao século XIX. Suas consequências para a sexualidade masculina são profundas e trata-se muito mais de uma revolução inacabada.

O segundo elemento é o florescimento da homossexualidade, masculina e feminina. Homossexuais de ambos os sexos demarcam um novo campo sexual bem mais adiante do sexualmente “ortodoxo”. Giddens (1993) considera que a “emergência” da homossexualidade foi um processo que trouxe consequências muito importantes para a vida sexual no geral, tanto para proporcionar uma nova face pública à homossexualidade, tanto como, na esfera pessoal, fez com que a sexualidade fosse uma parte importante da constituição do eu dos indivíduos, sendo esses agora possuidores de uma sexualidade, que deve ser “reflexivamente alcançadas, interrogada e desenvolvida” (GIDDENS, 1993, p.24). A sexualidade toma um novo caráter, o de que deve ser descoberta e possibilitadora do desenvolvimento de estilos de vidas variados atrelados a ela. Ele pensa que reconhecer as várias formas de sexualidade é o mesmo que aceitar essa pluralidade, é uma decisão política. O autor propõe compreender o processo de emancipação sexual e suas consequências. A sexualidade conecta o sequestro da experiência e a transformação da intimidade. Ele diz que a separação da sexualidade da reprodução e a socialização da reprodução é substituída pelas ordens internamente diferenciais da modernidade. Giddens (1993) separa e distingue o erotismo da sexualidade voltada à reprodução. Ele associa o erotismo às culturas pré – modernas e à religiosidade e a sexualidade reprodutiva à modernidade. A própria ideia de relacionamento como “um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa” (GIDDENS, 1993, p. 68) só surge com o

advento da modernidade, expressão denominada por ele de relacionamento puro, que constitui

[...] uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (GIDDENS, 1993, p. 69).

Desse modo, a definição de relacionamento puro surge quando há uma reestruturação da intimidade provocada pela modernidade. Illouz denomina esse enfoque na intimidade como a ascensão do *Homo sentimentalis* e nomeia alguns dos fatores que influenciaram na centralidade que vida íntima passou a ter na vida dos indivíduos e na própria sociabilidade

[...] os credos culturais da terapia, da produtividade econômica e do feminismo se entrelaçaram e se misturaram uns aos outros, fornecendo a lógica, os métodos e o impulso moral para retirar os sentimentos do campo da vida íntima e colocá-los no centro da individualidade e da sociabilidade, sob a forma de um modelo cultural que passou a ter ampla penetração – o modelo da comunicação. (ILLOUZ, 2011, não p.).

Esse modelo da comunicação, proveniente da psicologia tornou ou afetos, os sentimentos e a intimidade em algo central, passando também a ser discutido em micro esferas públicas, como família, trabalho, etc.

Quando esses parâmetros de relacionamentos mudam, a própria identidade dos indivíduos, tanto homens quanto mulheres, passa a ser reflexivamente questionada por eles. Segundo Giddens (1993) esse processo foi mais árduo para os homens que focavam a construção de sua auto-identidade no trabalho, mas demoraram a “compreender que o projeto reflexivo do eu envolve uma reconstrução emocional do passado para projetar uma narrativa coerente em direção ao futuro” (GIDDENS, 1993, p. 71), processo com o qual as mulheres estavam mais familiarizadas.

O amor romântico, segundo ele (GIDDENS, 1993) gerava uma identificação projetiva com o outro, que vai de encontro ao desenvolvimento de um relacionamento que tem a base de sua continuação na intimidade, na abertura de um indivíduo em relação ao outro. A essa possibilidade de cultivar relacionamentos de forma mais igualitária, onde os dois se doam emocionalmente para que a relação funcione, que é contingente e dura até quando os dois estiverem realizados, que contesta as distinções entre mulheres respeitáveis e as que não são, na qual o erotismo e a sexualidade se constituem como desejos e práticas realizáveis que satisfazem o indivíduo e influenciam no seu próprio projeto reflexivo do eu, dá-se o nome de

amor confluyente. Essas negociações que são feitas dentro de um relacionamento, segundo Illouz (2011) seguem um modelo político e econômico de negociação e permuta.

Outros autores também refletiram sobre a modernidade e a constituição da identidade dos indivíduos. Mais voltado às masculinidade, Oliveira (2004) revela que foi-se percebendo que no período da modernidade, em momentos de crise social, os ideais de masculinidades míticas, ao exemplo de heróis e cavaleiros, reemergiam como o modelo a ser alcançado. A passagem para a modernidade fez com que atributos como moderação, estabilidade e vigor se tornassem os novos referenciais. Conforme os ideais burgueses passaram a ganhar força, se fortaleciam também características voltadas ao trabalho, como disposição para trabalhar, perseverança, etc. Os ideais de modernidade ocidentais estiveram portanto, de uma forma ou de outra, atrelados às questões político-econômicas dessas sociedades, chegando-se a confundir o ideal de masculinidade com o imagem da sociedade burguesa (OLIVEIRA, 2004, p. 79). Com isso, os signos de masculinidade eram sempre valorizados e tidos como referência enquanto que, em prol de uma supremacia masculina, o feminino deveria ser sempre seu oposto. Os binarismos e a ideia de complementaridade tiveram um papel importante em fortalecer o que eram considerados papéis sociais masculinos e femininos, sendo o que o feminino esteve sempre em desvantagem. A modernidade, entretanto, com a flexibilização dos estilos de vida que proporcionou fez também com que a identidade se tornasse cada vez mais questionável, permitindo maiores contradições e coexistências (OLIVEIRA, 2004, p. 118).

O autor (OLIVEIRA, 2004) demonstra como, ao se produzirem estudos sobre as masculinidades heterossexuais, houve uma leva de produções que tratavam o homem como vítima, tanto por não poderem expressar seus sentimentos quanto por conta da pressão que sofrem dentro da estrutura capitalista. Nolasco (1993) foi um precursor dos estudos de masculinidades no Brasil e também foi um dos principais autores que, ao estudar a questão da masculinidade, deu ênfase a essa perspectiva vitimária sobre o homem. Ele criticava o fato do homem, por exemplo, ser instigado a valorizar e falar sobre o sexo, mas nunca como possibilidade de expressão de si mesmo (NOLASCO, 1993, p. 41), fazendo com que houvesse uma negação do próprio corpo como fonte de prazer, exceto pelo falo. Isso faria com que aprendessem desde cedo a desvalorizar os sentimentos (inclusive os próprios) e também passassem a compreender a sensibilidade feminina como algo caótico e que não era digno de seriedade (NOLASCO, 1993, p. 43). Oliveira, entretanto, é crítico a esse posicionamento. O autor compreende que é necessário abandonar as perspectivas vitimárias ao se abordar a crise da masculinidade, uma vez que, ainda que os homens tenham prejuízos

com isso, esse prejuízo nada mais são do que custos para se estar no topo da escala social, sendo assim muito mais beneficiários que vítimas desse sistema.

Nolasco (2001), ao verificar as altas taxas de violência sofridas e perpetradas por homens no contexto brasileiro decide tentar compreender quais são os motivos para que tal fenômeno ocorra. O autor concebe a masculinidade como não apenas um conjunto de características que se oporiam às da feminilidade, mas como uma referência de acesso ao poder e privilégios de uma forma geral na sociedade. O acesso a esse mundo privilegiado só se dá pelas características tradicionalmente concebidas enquanto masculinas, como a agressividade e competição, nunca abandonando completamente aqueles mitos de heróis que serviram durante muito tempo como referencial masculino. Assim, ele crê que a violência é uma forma desses homens tentarem acessar novamente essa situação de bem estar ao mesmo tempo em que faz oposição ao se sentirem lesionados pela perda de reconhecimento que o politicamente correto lhes causou e ao que considera uma tentativa de extermínio da figura masculina em que se reconheciam tradicionalmente. A crise da masculinidade tornou-se um propulsor para a violência masculina, na tentativa de reconquistar esse reconhecimento.

Connell (2003), se distancia da perspectiva de Nolasco (1993) e aproxima-se do que teoriza Oliveira (2004), pois compreende que a posição masculina ainda é dominante em todos os âmbitos, inclusive dentro da ciência, pois tudo o que é por ela produzido e a maior parte das leituras sobre o mundo ainda são feitas a partir dessa posição social dos homens, em um mundo em que se estrutura através dessa diferenciação do gênero. A primeira tentativa de se produzir uma entrada no campo da masculinidade se deu pela concepção do conceito de papel social, que data dos anos 30. À época, foi uma forma útil de relacionar a ideia de “ocupar um lugar na estrutura social com o conceito de normas culturais” (CONNELL, 2003, p.41), difundindo a noção de que ser um homem ou mulher nada mais era que acionar as expectativas genéricas que são atribuídas a cada sexo, sendo esses papéis então, nada mais que produtos da socialização dentro de uma cultura específica. Esses papéis sexuais já eram um avanço em relação às teorias da época, pois concebiam a possibilidade de haver mudança social. Ainda assim, a ideia reforçava a binaridade que repousa na concepção do sexo enquanto algo universal e dual e que pertencia ao mundo da natureza - essa sim, concebida como imutável.

Foi o feminismo dos anos 70 que passou a fazer a crítica inicialmente desse papel masculino, ou seja, todo o conjunto de aprendizado e de características de personalidade que socialmente se considera como relativas ao homem, como algo essencialmente opressivo.

Segundo Connell (2003, p. 44), quase não se tentou investigar quais eram as implicações dessas expectativas e dessas normas que os papéis criavam na vida social, seu foco era tentar produzir uma versão do papel sexual masculino que não necessariamente implicasse em dominação e violência. Os estudos sobre a masculinidade nos anos 70 ainda não questionavam essa dualidade, propondo apenas alternativas de se produzir uma versão mais saudável da masculinidade que tivesse como efeito a produção de uma sociedade mais igualitária.

A essência do papel social, a ideia de que o feminino e o masculino eram papéis recíprocos e que se complementavam, contemplando as expectativas da ordem biológica e proporcionando ajuste entre o sexo e a personalidade começaram a ser questionadas pelos estudos de masculinidades apenas nos anos 80. Connell (2003) critica o fato dos papéis sexuais serem mecanismos de análise que ocultavam as relações de poder. Como trabalhavam com categorias como “norma” e “desvio”, pensando sempre em relação aos comportamentos prescritos para os homens e mulheres enquanto prescrições recíprocas, a teoria não tensionava o fato de que, por mais que houvessem expectativas para ambos os sexos, elas geravam desigualdades e as expectativas sobre as mulheres as colocavam sempre num lugar de submissão em relação aos homens.

Contudo, o principal problema da teoria era a questão de que esses papéis eram concebidos como interpretações do social que se alimentam de uma estrutura fundada na diferença biológica entre homens e mulheres, sempre polarizando-os. Essa estrutura é baseada no dimorfismo sexual e, portanto, tomada como natural.¹⁸

Assim, o fato de se apresentar a questão dos papéis como a única construção social sobre os sexos apaga o próprio sexo enquanto uma construção, suprimindo também as contestações possíveis para a relação de poder que nisso está imbricada. Portanto, politicamente, a ideia de um papel masculino, segundo o autor (CONNELL, 2003), seria fundamentalmente reacionária, pois apesar de se aceitar a possibilidade de mudança, não se concebe a possibilidade de compreendê-la como uma dialética dentro das relações sociais de gênero.

¹⁸ Laqueur (2001), contudo, explicita como o sexo como hoje conhecemos é também resultado de uma construção feita no século XVIII. Antes disso, houveram outros modelos, como o Aristóteles e Galeno, que considerava que os órgãos femininos não eram senão versões imperfeitas e menores dos órgãos masculinos, sendo a própria mulher considerada um homem menos perfeito. No fim do século XVII, entretanto, uma nova construção começa a surgir, a qual considerava o feminino e masculino como dois sexos biológicos diferentes e opostos. As construções sobre gênero, sempre desigual e hierárquica é que ditava os rumos das interpretações feitas sobre o sexo. Independente das concepções vigentes, parte-se sempre do princípio de que o corpo humano é o masculino, sendo o feminino sempre “o Outro”, aquele diferente do masculino.

As teorias dos papéis, naturalmente, não produziram apenas conformidades. Ortner (1979), por exemplo, conseguiu fazer uma crítica de como os papéis atribuídos a homens e mulheres em diferentes culturas reforçavam a divisão entre natureza e cultura. O corpo feminino e suas funções, especialmente às ligadas à reprodução como menstruação, gravidez e lactação as deixavam mais reclusas e faziam com que ficassem confinadas ao espaço doméstico. Assim, o domínio público, dos ritos, da política e da religião eram sempre associados ao masculino. Essa associação produzia uma justificativa para que as mulheres estivessem sempre mais relegadas ao espaço doméstico: as mulheres eram sempre vistas como aquelas mais próximas à natureza que à cultura. Por meio de tais marcadores sociais ligados ao acesso à vida pública, a autora estabelece que esse status secundário das mulheres é um fenômeno pan-cultural. O matriarcado, conceito que poderia ser equiparado ao patriarcado com as mulheres tendo um status superior dentro de uma dada sociedade nunca se provou realmente existente.

Tal explicação foi um divisor de águas para compreender essa universalidade da submissão feminina, pois ela explicitou que todo e qualquer sistema são produções humanas, ao invés de um fato da natureza e a solução não se dá “a menos que a base institucional da sociedade mude para a manutenção e o reforço da visão cultural modificada” (ORTNER, 1979, p. 118), não apenas modificando esses papéis e esperando que a cultura de conta de torná-los menos custosos para homens e mulheres.

As contribuições da sociologia, segundo Connell (2003) foram essenciais para que se olhasse às relações de gênero de forma diferente da proposta pelos papéis sexuais, evidenciando que o gênero constrói a partir da relação social, não se fixando ao seu respectivo sexo antes da interação social de forma meramente passiva. As investigações sociológicas começaram a tentar compreender como é que essas normas e convenções culturais eram produzidas e se estabeleciam dentro das práticas sociais. Estudos etnográficos e etnometodológicos passaram a mostrar que essas normas se apresentavam de formas diferentes em diferentes contextos.

Com as contribuições das teorias sobre masculinidades homossexuais, Connell (2003) elabora o conceito de masculinidade hegemônica como um ideal em oposição à masculinidade subordinada. Ele pensa o conceito de masculinidade sempre como algo dialético, não correspondente a uma causalidade unidirecional como era proposta pelo modelo da socialização, nem se configura como categoria fixa, mas se constroem sempre em oposição à tudo o que remete ao feminino, inclusive masculinidades homossexuais. Tanto a masculinidade quanto a feminilidade são conceitos inerentemente relacionais, assumindo

diversas expressões e signos em diferentes culturas. Como visto, a dominação masculina é um fenômeno pan-cultural, mas não existe uma entidade masculina comum a todas as sociedades, essa masculinidade se configura de forma diferente em diferentes culturas.

Segundo Connell (2003, p. 72, tradução nossa), “as masculinidades são configurações das práticas estruturadas pelas relações de gênero. São inerentemente históricas e se fazem e refazem como um processo político que afeta o equilíbrio de interesses da sociedade e da direção da mudança social”. Ele reivindica um modelo de se pensar o gênero que se englobe as três dimensões: a) relações de poder; b) relações de produção e c) *catexis* (vínculos emocionais). As relações de poder correspondem às questões ligadas à dominação masculina (ainda que isso se inverta dentro de certas lógicas); as relações de produção correspondem à divisão do trabalho em função do gênero, como a delegação do espaço público e privado; por último, a estrutura de *catexis* engloba os sentimentos, as práticas e desejos sexuais.

Connell (2003) reforça que não há somente um tipo de masculinidade, por isso sempre coloca o conceito no plural. Nolasco (2001) critica o uso de masculinidades no plural, o autor concebe que isso é evidente, pois em momento algum na história foi possível que houvesse somente um tipo de masculinidade. O mesmo processo de se colocar no plural não acontece com o termo feminilidade,

talvez porque o feminino enquanto um conceito não deva fragmentar-se como foi feito com a masculinidade, já que sua função é manter a unidade necessária para aglutinar a diversidade das questões dos sujeitos empíricos do sexo feminino e servir como porta voz para o movimento de mulheres. (NOLASCO, 2001, p. 15).

Diferente dos homens, em que se concebe as masculinidades como algo sempre ligado à violência e que precisa ser renovada. Entretanto, como estamos falando de conceitos diferentes para diferentes masculinidades, opto por adotar a terminologia de Connell (2003), no plural.

Dentre as masculinidades que o autor (CONNELL, 2003) mapeia, a masculinidade hegemônica é a central. Tal personalidade não é fixa, mas sim um tipo-ideal para guiar as análises. Ela seria um modelo que retrata “configuração da prática de gênero que incorpora a resposta aceita, em um momento específico, ao problema da legitimidade do patriarcado, o que garante a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (CONNELL, 2003, p. 117, tradução nossa). Nesse sentido sua principal característica seria a reivindicação à autoridade, subjugadora não apenas das mulheres mas também de outras masculinidades desviantes da prescrita, como a homossexual. A violência não é sua característica principal,

ainda que sua ameaça sirva de sustentação para a autoridade. Elias (1994) revelou como processos históricos foram produzindo uma noção de civilidade e a violência passou a ser restrita. Com a masculinidade as coisas se dão da mesma forma, elas vão sendo modificadas através de processos históricos e a masculinidade hegemônica, conforme vai sendo questionada, traça novos parâmetros para construir uma nova hegemonia (CONNELL, 2003).

Um dos aspectos que correspondem a estrutura de *catexis* e que são preponderantes dentro da comunidade aqui estudada é a questão do desejo e da sexualidade (*catexis*, como categoriza Connell). A masculinidade hegemônica não só exerce uma dominação sobre mulheres, mas sua hegemonia se relaciona com a sociedade como um todo. Essa é uma das razões para que seus desejos tenham que sempre ser voltados às mulheres, a heterossexualidade é um pressuposto dessa masculinidade hegemônica, estando os homens gays subordinados aos homens héteros, pois estes são vistos como não se enquadrando perfeitamente em um ideal de masculinidade. Ao se relacionarem com outros homens, homens gays são percebidos como mais próximos do espectro feminino, portanto, subalternos.

A questão, para Connell (2003) é que, na realidade, poucos homens estão bem ajustados a esse padrão normativo. Ainda assim, homens a incentivam e a reproduzem, pois homens costumam ganhar com a subordinação geral das mulheres. Por mais que esse tipo-ideal seja incorporado por poucos, o autor crê que esses benefícios produzem relações de cumplicidade com tal projeto hegemônico. Além da masculinidade hegemônica, a cúmplice e a subordinada, há também as masculinidades marginalizadas, que tratam de masculinidades que não possuem a autoridade típica da hegemônica. Quando cruzamos a questão da masculinidade com a questão da raça, por exemplo, obtemos uma certa imagem da masculinidade negra que, muito embora seja exaltada pelo imaginário que existe a respeito de sua força e virilidade exacerbadas, em outros momentos essa imagem também serve à construção do estereótipo do estuprador, com características quase que animais. Essa masculinidade desempenha um papel de se contrapor à masculinidade branca, que seria o exemplo mais próximo da hegemônica.

Michael Kimmel (2013), que desde os anos 90 pesquisa gênero e as expressões de masculinidades estadunidenses, em "*Angry White Men: American Masculinity at the End of an Era*", tenta compreender o fenômeno americano de americanos brancos de classe média que acreditam serem vítimas de uma discriminação reversa. Os homens de sua pesquisa são levados pela crença de que o feminismo, os imigrantes, os negros e latinos, os homossexuais, respaldados por um governo que só os beneficia, são o que os levam a estar presos à

condições de vida insatisfatórias. Em sua maioria, encontram-se desempregados ou em subempregos, condição proporcionada pela crise de 2008 que fez com que homens, de fato, fossem os mais atingidos. Essas angústias e inquietações os transformam nesses homens raivosos, segundo Kimmel (2013). Esses homens cresceram vendo seus pais e avós sendo bem sucedidos em alcançar um ideal de masculinidade e de vida proposto pelo *American Way of Life*, o que lhes proporciona o sentimento de que, eles, como homens brancos descendentes de homens brancos que conseguiram conquistar, também eram dignos de ter aquilo que “ a América” lhes prometeu, que lhes era um direito (*entitlement*, no original).

Porém, a falta de esperança do contexto norteamericanos dos últimos anos, o sentimento de impotência e, principalmente, a revolta de que aquilo que lhes é de direito está sendo distribuído entre aqueles que em suas visões não fizeram por merecer lhes faz acenar para movimentos de caráter racista, anti-semita, antifeminista e homofóbicos. Segundo Kimmel (2013), esses discursos que estão frequentemente ligados ao espectro político da direita provêm uma explicação para esse sentimento de ameaça que tem em relação aos seus direitos, ameaçados por esses “Outros” aos quais o Estado serve às custas dos homens brancos. É comum (e esperado) que essa raiva se transforme em um combustível para a organização política.

Essa promoção incessante da heterossexualidade dentro da comunidade pode ser denominada como uma expressão do heterossexismo (WELZER-LANG, 2001) porque os membros da comunidade tomam como dado que todos que ali se encontram são heterossexuais e discriminam qualquer sexualidade que seja dissidente, ou toda característica que lhes pareça um indício de uma sexualidade divergente. Essas características, naturalmente, são as mesmas que são pautadas como não-masculinas ou femininas dentro de um ideal de masculinidade hegemônica. Esse rechaço da homossexualidade ocorre como uma forma de se reafirmarem heterossexuais e serve à manutenção dos estereótipos de masculinidade que regem as relações de gênero. Como Butler (2003) explica, o gênero é um projeto que tem como fim sua própria sobrevivência cultural, com as performances de gênero ocorrendo de forma compulsória. Portanto, “para que a heterossexualidade permaneça intacta como forma social distinta, ela *exige* uma concepção inteligível da homossexualidade e também a proibição dessa concepção, tornando-a culturalmente ininteligível” (BUTLER, 2003, p. 116). A proibição atua como uma forma de construção e afirmação da própria heterossexualidade.

Segundo Butler (2003), a cultura e o discurso enredam o sujeito, mas não vão constituir-lo. Ainda que o sujeito seja culturalmente constituído, ele ainda é dotado de ação.

Para a autora, não existe uma identidade que seja preexistente, portanto, a identidade nesse contexto é tomada como prática, sendo forjada através de atos, gestos e etc. que se tornam inteligíveis através da repetição. É essa repetição que vai dar uma aparência de coerência às identidades dos sujeitos. Giddens (1991) que pensa a questão da identidade como a articulação de uma biografia coerente em que o indivíduo dispõe de opções pré-concebidas que se estabelecem a partir da estrutura e com elas vai forjando a própria narrativa de si, abrindo menos espaço para a subjetividade.

Para Jodelet (2009, p. 696) os sujeitos devem ser concebidos não como indivíduos isolados, mas como atores sociais ativos, afetados por diferentes aspectos da vida cotidiana, que se desenvolve em um contexto social de interação e de inscrição. Butler (2003, p. 192), que concorda com Foucault ao pressupor que há uma materialidade que é anterior à significação e à forma, crê que há uma dicotomia entre o que seria extremo (cultural, estrutural) e interno (a própria subjetividade) que só fazem sentido como pares opostos e funcionam como “uma fronteira mediadora que luta pela estabilidade”, constituindo essa distinção binária que consolida o sujeito coerente.

A produção da identidade, portanto, a qual por sua vez está diretamente conectada com a masculinidade e identidade para Butler (2003) passa por atos, gestos e o desejo, os quais produzem um efeito de núcleo ou substância interna, mas que é produzida performativamente na superfície do corpo. De acordo com a autora,

esses atos são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. Sendo performativo, o corpo gênero não possui status ontológico separado dos vários atos que constituem a sua realidade, a qual é fabricada como uma essência interna. (BUTLER, 2003, p. 194).

Grossi (2004) em sua revisão de literatura sobre masculinidades concebe as diversas possibilidades teóricas de se abordar o gênero. As principais são destacadas por ela, sendo a estruturalista, corrente teórica que concebe apenas a possibilidade de haver dois gêneros, uma vez que eles se constituem sobre os corpos sexuais, de modo dual (macho e fêmea), podendo variar historicamente e culturalmente. Para as pós-estruturalistas, o gênero se constitui através da linguagem, também chamado de discurso, que seria instrumento de significação do mundo e sempre vem imbuído de significados. O corpo biológico para essa corrente é apenas uma contingência que pode ser atravessada e forjada a partir das novas tecnologias, o gênero é mutável, podendo existir inúmeros.

Em sua revisão teórica, até a data de publicação, Grossi (2004) faz um panorama de como as masculinidades vêm sendo abordadas nos estudos de gênero. Ela dividiu sua revisão pelas questões mais importantes que vêm sendo abordadas pelos estudos de masculinidades, sendo estas: 1) O Gênero, a masculinidade e a feminilidade, 2) O trabalho como constituinte da identidade masculina, 3) Honra e Violência, 4) Paternidade, 5) Emoções nas relações de gênero e no masculino. A autora revisa os estudos que, apesar de não discutirem diretamente as questões de masculinidade, demonstram em suas descrições modelos de masculinidades diferentes. Por exemplo, Grossi (2004, p. 6) afirma que Peter Fry trouxe contribuições importantes em relação à questão da sexualidade masculino e suas percepções em diferentes espaços. Para esse autor “homem é aquele que ‘come’, ou seja, que penetra com seu sexo não apenas mulheres mas também outros homens, feminilizados na categoria ‘bichas’”, sendo que em países anglo-saxões, o importante para validar a masculinidade é ter relações sexuais apenas com mulheres, enquanto que no Brasil, a masculinidade centra-se em ser a pessoa que penetra sexualmente, independente se for mulheres ou outros homens.

Grossi (2004) também traz o ponto de vista de Badinter, em “XY: Sobre a identidade masculina”, no qual a autora explora a construção do gênero masculino como uma necessidade de separação dos meninos de sua relação com a mãe, a qual representa o mundo feminino. Essa separação se dá através de rituais, largamente documentados pelos estudos antropológicos a partir de autores como Pierre Clastres e Françoise Héritier. Segundo a autora, aqui no Brasil,

nas tribos indígenas do alto Xingu, onde as mulheres não podem ver as flautas porque as flautas são sagradas, os meninos aprendem, nesses rituais de iniciação, mitos associados a esse poder masculino representado pelo uso das flautas e aprendem a punir, pela violência do estupro, as mulheres que ousarem olhar para estes objetos sagrados. (GROSSI, 2004, p. 7)

Além disso, há também rituais que são mais literalmente ligados a elementos que são vistos como constituidores da masculinidade, ao exemplo do sêmen, que para alguns grupos, “como para os Baruya da Nova Guiné, a masculinidade se constitui também pela ingestão de sêmen de homens mais velhos, pois eles pensam que, bebendo o sêmen, os meninos vão se tornar mais homens por terem incorporado a substância masculina” (GROSSI, 2004, p. 7).

É, portanto, sobre o corpo que se imprime os primeiros marcadores de diferenciação simbólica do gênero. A autora menciona dois exemplos diferentes disso trazidos por Clastres e Héritier, em relação aos rituais ligados à feminilidade e masculinidade, como a circuncisão do pênis em culturas judaicas e o corte dos clitóris nas meninas de algumas tribos africanas.

Welzer-Lang também é mencionado por Grossi (2004), pois concebe que a virilidade é aprendida através de rituais que incluem violência dentro das mais diversas culturas. O autor denomina “casa-dos-homens” todos os espaços nos quais os meninos vão aprendendo a serem masculinos como, por exemplo, nas práticas esportivas ou até o próprio contato com a pornografia. A sexualidade predatória é um ponto nodal da constituição da masculinidade para o autor mencionado por Grossi.

Além disso, o corpo também se revela como um objeto de estudo importante quando se trata da masculinidade e das relações de gênero. Grossi (2004, p. 10) afirma que “o corpo tem um papel crucial na constituição da identidade de gênero contemporânea, sendo um elemento central na constituição do sujeito.”

Quanto à questão da honra, a autora cita o exemplo do livro “O crisântemo e a espada” de Ruth Benedict, no qual ela reflete sobre o valor da honra dentro da sociedade japonesa. No Brasil, a autora demonstra haver uma característica marcante quanto à honra masculina, que é mensurada a partir das mulheres. São elas que têm o poder de manter a honra dos homens, sobretudo suas esposas virtuosas, que, por vezes, ao serem desonrados por elas, decidem lavar a própria honra com sangue. Um outro modelo de honra, segundo a autora, tem a ver com o poder econômico e a capacidade de um homem de ser o provedor de sua família. A autora cita o estudo de Marineide Silva, que estuda em comunidades do interior de Santa Catarina o que denomina “rapto da noiva”, quando a noiva foge para se casar. Tal atitude ao mesmo tempo que envergonha o pai pela fuga em si e o casamento às escondidas, também o beneficia, pois o livra de ter que bancar um casamento que ele não poderia sustentar numa circunstância mais tradicional, resolvendo a questão da honra quanto a sua capacidade de prover.

Quanto a questão da emoção masculina, Grossi conta que, no livro História das lágrimas de Vincent-Buffault, é retratado

como até o século XVIII no teatro as lágrimas eram obrigatórias, pois a estrutura narrativa das histórias obrigava homens e mulheres a chorarem. Você ia ao teatro e via toda a platéia aos prantos, ou seja, até o século XVIII, as lágrimas não tinham gênero na França, as lágrimas eram emoções exigidas em determinadas circunstâncias consideradas dramáticas. A partir do século XIX, com o romantismo, as lágrimas vão deixar de ser uma coisa bem vista para os homens, e elas vão ser apenas estimuladas para as mulheres. (GROSSI, 2004, p. 24)

Portanto, com o romantismo, passa a ser muito incomum ver homens chorando, com o ato de chorar passando a ser algo aceito e/ou estimulado a ser feito apenas pelas mulheres.

Grossi (1991) explica que em “O amor e o ocidente” de Dennis de Rougemont, o autor argumenta que o sentimento de amor, de apaixonar-se por alguém é uma crença moderna. Ele explica que esse amor veem se constituindo desde a idade Média, pois anteriormente ao amor medieval havia o amor cortês e “não existe, no modelo do amor cortês, o projeto de sexualidade, o desejo que os corpos se encontrem; o que vale mesmo, o grande barato deste modelo, é justamente que seja um amor impossível, irrealizável.” (GROSSI, 2004, p. 25).

Já nessa paixão, o amor romântico, Grossi (2004) afirma que para Giddens, vai se consolidar em meados do século XIX. “ Para ele, no amor romântico, homens e mulheres não se colocam da mesma forma na relação, cabendo às mulheres o compromisso com a manutenção do sentimento, a garantia da troca emocional, enquanto que aos homens bastaria o encontro sexual.” (GROSSI, 2004, p. 25).

Já no contexto da modernidade, Giddens (2002) afirma que um novo modelo emerge, o do amor confluyente, em que há um processo de democratização das relações. O amor romântico, até então, implicava necessariamente na desigualdade de gênero. Segundo Grossi (2004) o amor romântico se trata da construção de uma narrativa, de um discurso da história do encontro de dois indivíduos. Mas essa narrativa é desigual, porque quem vai se entregar totalmente à relação é a mulher; o homem vai, na medida do possível, garantir sua vida sexual também fora do casamento. Tanto que um casamento, dentro deste modelo, é visto como um problema para o homem, pois o homem vai perder a sua liberdade, vai ficar amarrado a uma mulher para sempre (GROSSI, 2004, p. 25).

Ela explica ainda que no Brasil esse amor romântico se funde a uma dicotomia entre a mulher esposa e a mãe, agravando ainda mais a desigualdade em tal modelo de relacionamento, uma vez que a mulher quando torna-se mãe deixa de ser vista como esposa e sexualmente desejável e passa a ter que lidar, frequentemente, com as inúmeras traições dos maridos e sustentar a relação, já que a necessidade sexual é considerada uma necessidade básica para os homens. É por isso que a autora menciona que para Giddens as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo gênero estão mais próximas do que ele denomina de amor confluyente. Um dos estudos mencionados por Grossi (2004) que trata de uma recente pesquisa sobre esta temática feita no Brasil é o livro de Marlise Matos, “Reinvenções do vínculo amoroso”, em que ela investiga diversas relações amorosas de casais de diferentes sexualidades, e percebe que os valores emocionais são os mesmos para homens e mulheres, com isso ela mostra como “a emoção é algo presente também para os homens, sobretudo no que se refere às relações afetivas” (GROSSI, 2004, p. 27).

Os autores (AGUAYO; NASCIMENTO, 2016) apresentam alguns desafios para os estudos de masculinidades no contexto latinoamericano. Um desses desafios é que se requer levar a perspectiva de gênero à análise na abordagem das mais distintas formas de exercício de violência por parte dos homens. Os estudos costumam dar enfoque à violência sofrida pelas mulheres e meninas, mas deve-se considerar que a maior parte dos homicídios que acontecem na região tem homens como perpetradores, mas também como vítimas e em tais estudos as variáveis gênero e masculinidades costumam ser invisibilizadas. Um outro desafio mais ligado à questão da masculina é trabalhar e abordar a questão de saúde e de saúde mental masculina. Também apontam a necessidade, tanto academicamente quanto em relação aos coletivos e redes que trabalham a questão da masculinidade, de dialogarem com o feminismo e movimento de mulheres, uma vez que percebe uma escassez dessa troca e algumas tensões que se interpõem. Os autores trazem a perspectiva de que

Para un sector del feminismo, es clara la necesidad de trabajar también con los hombres si se quiere avanzar hacia la igualdad de género; otro sector del feminismo tiene serias dudas acerca de la pertinencia de trabajar con aquellos que han detentado la mayor parte del poder y los privilegios, de destinar fondos para intervenciones con hombres que podrían destinarse a programas con mujeres, e incluso, dudas acerca de la presencia de varones en un campo –el del género– que había sido construido por mujeres con demasiado esfuerzo. (AGUAYO; NASCIMENTO, 2016, p. 212).

Portanto, a própria presença dos homens na produção dos estudos de gênero ainda é contestada por alguns setores do feminismo, ainda que em outros setores do mesmo movimento se perceba a necessidade de trabalhar as questões de gênero em conjunto com os homens, o que nos mostra que a participação masculina nos estudos de gênero ainda é questionada apesar de toda a contribuição já mencionada dos autores nas últimas décadas.

Outro desafio, do qual também senti falta ao fazer o estado da arte, é que se produzam mais estudos que revelem “o enorme caleidoscópio de masculinidades diversas”, bem como seus discursos e práticas situados historicamente. Eles apontam que alguns temas são pouquíssimo estudados, como de “generaciones y la amplia diversidad y desigualdad de poder entre hombres de diferentes edades y contextos sociales.” (AGUAYO; NASCIMENTO, 2016, p. 212), assim como a produção que relaciona masculinidades com questões de raça, etnia e classes sociais que também são pouco expressivas.

Quanto à questão das masculinidades negras, Connell (2003) as classifica como masculinidades subordinadas. Entretanto, não podemos pensá-las a partir somente do conceito de hegemonia, como as contribuições das teorias decoloniais nos mostram.

Figueroa-Perea (2016, p. 232) afirma que “cuestionar la masculinidad hegemónica interiorizada permite también reconocer y jerarquizar las diversas masculinidades posibles.”

Enquanto que certas características são tidas como desejáveis aos homens brancos para que eles se afastem da feminilidade, para os homens negros, essas características tornam-se uma espécie de estigma sob os quais homens negros vivenciam.

Esse duplo narcisismo impacta ambos e gera efeitos de generalização do negro como sendo o depositário da animalidade, do corpo, da agressividade libidinal, da potência sexual, dos desejos e da emoção, enquanto o branco se torna ligado à razão ao rejeitar sua corporeidade. Assim, o branco cria espaços nos quais o negro se convence de estar exercendo sua liberdade (como ser desejado sexualmente), o que o impede de reconhecer a condição encarcerada de seu corpo dentro das estruturas históricas instauradas pelo opressor. (ALMEIDA, 2017, p. 6).

A razão, que até então era apresentada nos estudos de gênero como uma das características concebidas na qualidade de intrinsecamente masculina, agora é revelada como algo que não é vista como pertencente unicamente aos homens, mas mais especificamente aos homens brancos. Assim, o homem negro tem sua sexualidade socialmente vigiada e deve performar essa tal virilidade que se parece, segundo Almeida (2017), um exercício de autonomia, mas na realidade, é mais um instrumento de colonização dos corpos negros que os autorizam os desautorizam a serem de tal forma.

Os estudos mais recentes também dão destaque para a questão de que em relação às mulheres, essas masculinidades negras nem sempre encontram-se em um lugar de opressão. No seriado analisado por Almeida, uma mulher branca

[...] relaciona o corpo do homem negro a aspectos de sexualidade exacerbada, de forma erótica, exaltando uma virilidade desejada e o suposto perigo que esse corpo pode proporcionar, mas abre mão de reconhecer esse corpo como humano e com direitos iguais. A professora performa uma integração subordinada e assimétrica, caracterizada e legitimada pela violência simbólica que limita o espaço social a esse corpo e o reconstrói a partir de um sexismo racializado ligado a hipersexualização. (ALMEIDA, 2017, p. 7).

Exemplo no qual mais uma vez os corpos negros têm um lugar bem estabelecido pela masculinidade hegemônica e a lógica colonial. Por fim, Aguayo e Nascimento (2016) indicam que ainda há muito que avançar em termos de estudos de masculinidades, em especial em relação àquelas não hegemônicas

[...] se necesita más investigación crítica en masculinidades y género y transformaciones profundas, a nivel sociocultural y de las políticas, para cuestionar transformar el patriarcado, el machismo latinoamericano, la heteronormatividad. Si hace 20 años los hombres estaban en la escena en cuanto se convertían en objeto de

estudio, hoy se requiere avanzar en considerarlos aliados y co-protagonistas de las agendas de igualdad de género. (AGUAYO; NASCIMENTO, 2016, p. 212 - 213).

4. A FILOSOFIA REALISTA

Este capítulo ocupa-se em analisar os discursos produzidos por Nessahan Alita, a fim de entender as premissas nas quais se baseiam os membros do fórum aqui estudado, bem como suas perspectivas sobre as mulheres, os relacionamentos e a própria construção de suas identidades. Assim, é possível investigar o lugar desses discursos na transformação da intimidade pautada por Giddens (1993) e compreender como se produzem esses indivíduos homens e em qual concepção de feminilidade se reiteram.

4.1 Nessahan Alita: o caminho para tornar-se um Realista

A análise dos discursos presentes na comunidade não poderia iniciar de outra maneira senão pela análise dos livros de Nessahan Alita. Como já foi previamente mencionado, logo após um visitante realizar o cadastro no fórum e passar a ser um participante, é deixado claro pelos administradores do fórum, por sua própria estrutura e pelos outros participantes que a leitura dos livros de Alita são o início do caminho que ele deve trilhar e que servem como base para a filosofia que constroem dentro do dessa comunidade. Tal busca atende ao objetivo de analisar esse modelo de relacionamento difundido pela autor e, posteriormente discutido dentro da comunidade, verificando se ele engendra possibilidades de decolonização da masculinidade, em termos de linguagem, lugar de enunciação de si, lugar das mulheres, e o que é possível pensar a respeito do sujeito e da identidade. A questão dos relacionamentos sexuais e afetivos é o pilar de todos os livros de Nessahan e passa a ser também o da comunidade, que foi se expandindo para outras áreas da vida masculina ao longo dos anos, sendo esse mais um dos motivos pelo qual escolhi tratar dessa questão.

Tais recomendações certamente despertam a curiosidade dos recém chegados, a qual surge acompanhada de uma breve explicação, enviada sob forma de mensagem privada, a fim de elucidar quem foi o autor do livro e porque ele se tornou tão importante dentro da comunidade:

Nessahan Alita é pseudônimo de Cleber Monteiro Muniz, um autor que em meados de 2002 escreveu o livro **O Magnetismo nas Relações Sociais**. Em 2005, Nessahan Alita começou a escrever a coleção **Sofrimento Amoroso do Homem** que conta com os seguintes livros:

Como Lidar com as Mulheres

**O Profano Feminino
A Guerra da Paixão
Reflexões Masculinas
Textos Complementares I e II**

Tudo começou quando homens com experiências similares começaram e entrar em contato e darem-se conta de que haviam experimentado mais ou menos as mesmas coisas. Então, ao lerem os livros de N.A. perceberam que havia um modelo de comportamento que lhes permitia ler a conduta feminina e compreender o que havia por trás das contradições. Nessahan Alita nunca cobrou por seus livros, sempre disponibilizou de graça, ao que parece, sua única meta ao escrever os livros foi lançar as sementes de uma organização masculinista no Brasil e parece que esta meta já foi alcançada, motivo pelo qual ele não aparece mais, embora atue sob vários disfarces. Esse fórum é o Legado Realista. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2020, não p.)

Dessa justificativa, seguem vários *links* e mensagens que funcionam como uma espécie de passo-a-passo para os recém chegados. Há um verdadeiro esforço de fazer com que os membros novatos leiam e estudem as bases de sua filosofia antes que saiam fazendo posts e iniciando discussões dentro do fórum. O respaldo do conteúdo do fórum nos escritos desse autor é algo muito valorizado. De acordo com Lola Aronovich, professora universitária da Universidade Federal do Ceará e blogueira, a qual já sofreu diversas ameaças de violência de homens que identificavam como masculinistas, afirmou em 2015 que era essa a identidade de Alita, Cleber Monteiro Muniz, cuja autoria dos livros reconhecida é pela própria comunidade e é descrito pela blogueira como “um ‘garoto’ de 44 anos que interrompeu a graduação em psicologia na PUC e hoje é professor de geografia no interior de SP.” (ARONOVICH, 2015)¹⁹ que sumiu do reduto masculinista alguns anos após ter escrito seus livros. A professora, em entrevista à revista Fórum²⁰, também afirma que os masculinistas são homens que querem retroceder aos anos 50 e diante dessa impossibilidade, sabendo “que esse retrocesso não vai acontecer [...] gastam seu tempo odiando mulheres e qualquer outro grupo historicamente oprimido que luta por mudanças.” considerando-os também como um grupo de ódio.

Assim, é inevitável tomar esses escritos também como meu primeiro passo para o início de uma análise da comunidade, visto que esses norteiam toda a Filosofia da Real. Adentrar um campo *online* como este é também fazer um esforço de reproduzir o processo pelos quais seus membros se submetem ao se registrarem. Já tendo feito algum contato prévio com tal campo antes de fazer o cadastro, isso me proporcionou entender quais caminhos

¹⁹ARONOVICH, Lola. **Reaça revela quem é o verdadeiro Nessahan Alita.** [Fortaleza], 2015. Disponível em: < <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2015/03/reaca-revela-quem-e-o-verdadeiro.html>>. Acesso em: 3 abr 2021.

²⁰FELTRIM, Camilla. Os meninos que não amam as mulheres. **Revista Fórum.** [S.l.],2013. Disponível em: < <https://revistaforum.com.br/noticias/os-meninos-que-nao-amam-as-mulheres/>>. Acesso em: 5 abr 2021.

novos membros devem percorrer, umas das coisas que tinha notado eram essas manifestações diversas sobre Nessahan Alita por todo o fórum, fato que me chamava atenção. Apesar de suas publicações serem referenciadas pelo administrador do fórum como produzidas em 2002 e 2005, as edições que consultei foram as de 2008 e 2009, mais atualizadas (segundo a professora universitária Lola Aronovich, são versões um pouco mais suaves que as anteriores²¹) e as únicas que o autor afirma permitir a reprodução em outros meios, pois ele menciona que alterações foram feitas nos livros para que não houvesse mal entendidos e para que se adequassem ao amadurecimento de seu pensamento ao longo dos anos.

Desta forma, é comum que mesmo depois dessa mensagem inicial recebida ao fazer o cadastro, os membros novatos sejam reiteradamente cobrados para que leiam toda a coletânea do autor, juntamente com alguns outros tópicos que são também destacados pelo administrador na mensagem inicial. As dúvidas e reflexões devem vir após uma completa imersão na literatura indicada, tal caminho me parece ser o único meio concebido de acesso legítimo à Filosofia Realista segundo o que expressam os membros do fórum e seus administradores, o qual me esforço para reproduzir. Na própria mensagem de boas vindas afirma-se que “Depois que fizer o dever de casa, entender a nossa história e ler os materiais fundamentais fique a vontade (sic) para comentar, postar dúvidas e interagir no fórum.”. É só depois desse primeiro momento de leitura e posterior reflexão que os membros adquirem essa legitimidade em iniciar as discussões nesse espaço, seja para reiterar ou questionar as bases teóricas dessa comunidade. É possível observar o questionamento dessa legitimidade quando seus discursos transparecem falta de conhecimento ou de compreensão das leituras sugeridas, mas esse ponto será explorado mais adiante.

Para compreensão desse caminho sugerido pelos administradores do fórum, iniciei a leitura dos livros tentando compreender que sementes são essas que o autor cultiva com a aspiração de elaborar as bases de um movimento masculinista²². Como os próprios títulos insinuam, eles têm como foco compreender o comportamento feminino, mais especificamente as estratégias femininas usadas para ludibriar o homem no campo amoroso (ALITA, 2005). Isso se deve ao fato de que o foco, num primeiro momento, não é exatamente o homem, mas as mulheres e as relações em que os homens com elas se engajam. O autor deixa muito claro nos livros que está falando essencialmente de relações amorosas

²¹ ARONOVICH, Lola. **Reaça revela quem é o verdadeiro Nessahan Alita**. [Fortaleza], 2015. Disponível em: < <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2015/03/reaca-revela-quem-e-o-verdadeiro.html>>. Acesso em: 3 abr 2021

²² ZEGGER, Ivone. Você já ouviu falar em ‘masculinismo’?. **Estadão**. [S.l.], 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/voce-ja-ouviu-falar-em-masculinismo/>>. Acesso em: 29 abr 2020.

heterossexuais, nas quais vê que muitos homens precisam aprender a lidar com as mulheres, mais especificamente com aquelas que o autor qualifica como “trapaceiras” ou “espertinhas”, de acordo com suas próprias definições que serão exploradas mais adiante.

Como Vale de Almeida (2010), creio que a heterossexualidade também é um fenômeno que necessita ser explicado. A homossexualidade é constantemente colocada como a sexualidade, que por ser considerada dissidente, requer investigação. Creio que seja importante investigar as construções culturais que engendram tanto as masculinidades homossexuais quanto heterossexuais, justamente para identificar as motivações que estão presentes no grupo e na literatura proposta de se reafirmar a heterossexualidade e promover uma diferenciação das masculinidades homossexuais. As dualidades homossexual x heterossexual, assim como homem x mulher são os pares de oposição que só adquirem sentido quando pensados de forma conjunta (WELZER-LANG, 2001), sempre relacionalmente. Por tal razão, sinto que a tarefa de buscar nos livros as bases que dão origem a essas masculinidades heterossexuais é indispensável.

4.2 O homem ideal: identidade e engendramento de masculinidades

Como mencionado, o foco do livro está centrado sobre os relacionamentos, mais especificamente sobre um tipo específico de mulheres e as relações amorosas usadas por elas para vitimar os homens. Apesar disso, Alita não deixa de fora algumas dicas de desenvolvimento pessoal e de características que bem serviriam a um homem para obter melhores resultados em seus relacionamentos (ALITA, 2008), vimos que o próprio fórum também enquadra esse desenvolvimento masculino como um de seus pilares, seguindo o modelo proposto pelo autor. Mais do que simplesmente auxiliar os homens a lidar com o que o autor define como “o lado sombrio das mulheres”, é importante pensar no emprego dessa filosofia em termos de subjetivação e de engendramento de masculinidades, mas também suas repercussões em termos de movimento político, visto que esse objetivo foi trazido pelo fórum como uma das pretensões do autor. Isso nos possibilita verificar qual é o lugar do masculino em que eles baseiam suas narrativas, em relação ao afeto, ao amor, ao ideal de casamento e da sexualidade.

Dentro dos livros é expressa uma relação de causalidade, dando a entender diversas vezes que o fato de não ser correspondido - ou apenas não obter de uma mulher exatamente

aquilo que se deseja - provém da falta de masculinidade daquele que com ela se relaciona. No trecho a seguir o autor deixa explícito que o caminho para contornar essa frustração é através da mudança de si mesmo: “se sua relação está desgastada, sua companheira te ignora, recusa sexo, não quer vê-lo, etc. isto significa que sua pessoa, tal como tem sido, não interessa mais. Portanto, é hora de ‘morrer’ e se tornar outro.” (ALITA, 2008, p. 69). Esses indícios, por si mesmos, são diagnosticados como perda de interesse por parte da mulher, só podendo ser revertidos pelo próprio homem individualmente. O autor pouco explora os meandros da relação ou quaisquer outras possíveis possibilidades para que essas frustrações masculinas aconteçam, ou mesmo para que a relação esteja desgastada: a conexão entre uma relação fracassada ou pouco atrativa para a mulher, é automaticamente conectada à falta de interesse naquele homem, em razão de sua masculinidade não se adequar ao que o autor concebe como ideal.

Em função dessa mudança do homem que o autor considera necessária, há diversos trechos ao longo de cada um dos livros que trazem pistas de como esse novo homem deve ser sem se ater especificamente a essa questão, contudo, além desses trechos há também um capítulo inteiro dedicado a explicitar as características de um perfil masculino ideal de forma mais objetiva. Nele, o autor reforça que essa solução só se concretiza quando o indivíduo “morre” e se torna outro (ALITA, 2005, p. 69). A morte é concebida figurativamente, é o que o autor denomina como “morte do ego”.

O ego é uma das três dimensões da personalidade concebidas por Freud, que

se desenvolve durante a vida do sujeito; ele é o self do indivíduo, seria responsável por estabelecer contato dos seres com o ambiente em que vivem, e é por meio dele que conseguimos viver de acordo com as regras sociais. Essa instância estaria situada na “ponta do iceberg”, aquilo que está mais visível no ser humano. (GUIMARÃES, 2013, p. 115).

Ele se opõe às outras dimensões: ao Id, que configura seus impulsos e suas emoções mais inatas, fora das convenções sociais e que tem por princípio a satisfação incondicional do organismo; e também ao Superego, que é o oposto do Id, no qual se concentra o acúmulo das convenções sociais ensinadas pela família e sociedade (GUIMARÃES, 2013).

Para o autor, a morte do ego é a morte dos desejos, expectativas, sonhos e ilusão. Ele explica que “A dor emocional provém da oposição entre realidade e desejo. Quando aceitamos conscientemente o inevitável, [...] deixamos de sofrer porque passamos a viver em sintonia com a realidade, e não com mentiras” (ALITA, 2008, p. 42). Portanto, o autor explica que o que ele denomina como “morrer em si mesmo” é explicado pelo fato de que, ao

fazê-lo, o indivíduo deixa de simular possuir certas características socialmente desejáveis para um homem e passa a tê-las no seu íntimo, de fato, como parte de si. O indivíduo torna-se outra pessoa, e como o ego configura essa superfície visível, é isso que ele também transparece aos outros. Trata-se de um alinhamento de expectativas individuais com o que a realidade possibilita.

Esse novo homem não é qualquer um, ele deve também se guiar pelos princípios e características que são apontados pelo autor como condizentes com uma conduta masculina desejável,

O homem ideal, modelado segundo os nossos objetivos, fala pouco e de forma acertada (é só um modelo para referência). Usa um tom de voz grave e imperativo. Fala em tom de comando. Não pede permissão para sua companheira: ordena, mas não a obriga a obedecer, deixando a ela o direito da recusa. Não fala sobre si mesmo. Não se lamenta. Não confessa suas fraquezas. Não chora em presença da companheira. Não é tagarela. Olha nos olhos repentinamente, de forma fixa e firme. Não a observa todo o tempo, apenas de vez em quando. Não fica em cima: quase ignora sua existência. Não discute. Não polemiza: simplesmente informa. É um rei em seu domínio e não um servo. Não sente falta, não sente saudade. Não assedia. Não fica olhando para os corpos das outras mulheres, porque não é luxurioso e nem fornicário. Apesar disso, quando finalmente a fêmea o procura para o sexo, mostra sua força em um sexo selvagem avassalador como um furacão. É um terremoto na cama. Não lança cantadas: agrada sem esforço. Não grita. Não deixa que os jogos sujos passem em branco: sabe devolvê-los. Não é um palhaço. Não é engraçado. Não ri com frequência: apenas sorri levemente de vez em quando. Quando finalmente ri, sua gargalhada parece ter algo de estranho. Toma a dianteira nas situações. Domina a relação para o bem e não para o mal, tratando-a mulher como uma menina. Não importuna sua companheira perguntando sua opinião o tempo todo. Não se irrita com as provocações: sabe devolver as consequências a quem as lançou. É impenetrável, distante e misterioso. Não proíbe e nem se vinga: devolve as consequências, premiando as sinceras e levando as insinceras que tentam enganá-lo a arcarem com os próprios atos. Não corre atrás das mentiras pois não lhe importa se está sendo enganado ou não. Não se compromete de graça: cobra um alto preço. É um prêmio. Se valoriza. Não é afetadamente sensível. Não é delicado. Pode ter muito dinheiro mas o despreza. Está acima dos preconceitos sociais. Não é moralista e nem um sujeito "certinho" amigo dos bons costumes. Quando entra em um ambiente, atrai a atenção das mulheres porque as ignora. Não implora para ser amado. Não necessita de carinho passional para ser feliz: despreza-o por saber que é falso e hipócrita, prefere o amor verdadeiro. Ajuda. Orienta. Cuida. Protege. Guia. Não comete injustiças com a companheira. Mantém a razão ao seu lado. Usa a dureza e a firmeza para o bem e não para o mal. É desconcertante. Surpreende. Não é previsível. Não se comove com lágrimas de cebola, ignora lágrimas de crocodilo, se comove apenas com lágrimas reais, que sabe identificar muito bem. Não corre atrás de reclamações caprichosas. Fusiona características opostas. É simultaneamente bom e, em certo sentido "mau", indiferente e protetor. Pune o adultério com ruptura definitiva, inapelável, ou com desprezo. Jamais comete um crime passional. Se for atraído ou enganado, sua simples ausência e desprezo serão suficientes para castigar a traidora que sofrerá por não encontrar outro igual para substituí-lo. É o melhor de todos porque faz o que nenhum faz: trata-a como uma menina, fazendo-a sentir-se criança, pequena, relembrando-lhe a infância, ao invés de endeusá-la, entregando-lhe oferendas no altar. Seu coração vale ouro, cobra um alto preço para se comprometer: a fidelidade total, plena e transparente. É um mistério incompreensível. Em suma: é um Homem de verdade. (ALITA, 2008, p.73 - 75).

Essas características consideradas desejadas provêm dessa crença de que há um tipo ideal de homem que as mulheres desejam e que buscam incessantemente. Para o autor, esse ideal difere do que ele alega que elas dizem gostar: na realidade, é bem aquilo que concebe como seu oposto. Já em um primeiro nível de análise é possível perceber o quanto essa concepção é generalista, visto que as mulheres, em especial as heterossexuais, são colocadas como uma categoria monolítica, que abre pouco espaço para a divergência. Esse modelo, citado acima, não parte de uma concepção de que diferentes mulheres desejam (ou sequer desejam) diferentes homens e, sim, de que o conjunto de mulheres como um todo tem as mesmas expectativas com relação ao que se espera de um homem para manter um relacionamento. Configura-se, então, como um modelo daquilo que os homens pensam que as mulheres desejam em seu íntimo, sem necessariamente ter relação com evidências empíricas.

Tal modelo ideal opera em duas esferas: a intrapessoal e a interpessoal. A intrapessoal diz respeito às questões sentimentais do próprio indivíduo. Em diversos momentos o autor descreve como essa passagem, do homem antes de conhecer sua filosofia para o momento em que toma conhecimento dela, não deve ser simulada, mas sim introjetada, de tal forma que não se torne apenas uma simulação ou uma aspiração. Essa passagem deve transformar o indivíduo em um novo homem, causando mudanças intrapessoais profundas em suas questões sentimentais e comportamentais. As características almejadas, assim, são aquelas que indicam o controle absoluto dos sentimentos, a ausência de fortes emoções, a racionalidade, discricção, moderação, que conceba um certo nível de equilíbrio entre características opostas e uma reduzida sensibilidade.

Na esfera interpessoal que compõe esse ideal a questão relacional é, segundo o objetivo do livro, inteiramente voltada às mulheres com quem se tem relação afetivo-sexuais. Essas características revelam a existência de um nível hierárquico, dado pela natureza, no qual o homem exerce o comando da relação, a dominação no âmbito afetivo e sexual, uma comunicação que deve partir principalmente dele, chegando até a ser unilateral e engajamento em uma relação ou comprometimento que só se concretiza quando a parceira corresponde aos seus rígidos critérios.

A expressão com que finaliza o trecho, “um homem de verdade”, não é de hoje bastante popular nos discursos cotidianos como forma de dar ou retirar a legitimidade de uma expressão de uma masculinidade específica: ora serve para reforçar um modelo e lhe tecer elogios, ora serve como forma de desprezo àquelas atitudes que não condizem com esse modelo presente no imaginário social. Tal modelo costuma seguir algumas características

básicas associadas culturalmente ao masculino, que podem parecer clichês: dominância, altivez, confiança, força, virilidade, etc., entretanto, a expressão “homem de verdade” esconde o fato de que as masculinidades, ainda que dentro de um mesmo contexto social, se constituem e são expressas de formas muito diversas, mas no cotidiano quem é alçado à posição de homem de verdade é aquele que é percebido como um detentor dessas características.

Quem não se enquadra na classificação “homem de verdade”, não por isso costuma deixar de ser percebido enquanto homem, o que acontece é uma perda de status dentro da classificação simbólica da masculinidade. É por isso que o autor se dirige a homens, que em sua concepção não se enquadram nessa categorização, explicando o caminho de como tornar-se esse tal “homem de verdade”. Essa expressão expressa a tentativa de equacionar o gênero, uma categoria essencialmente contraditória (CONNELL, 1995), em um modelo que reconhece essa impossibilidade de cumprir todo um *checklist* de características apropriadas e compreende o sujeito é resultado da fusão de atributos muitas vezes contraditórios, mas que ainda assim faz o esforço de tentar descrever precisamente qual é esse lugar de legitimidade.

O conceito de masculinidade por eles proposto pode ser considerado um tipo de masculinidade hegemônica, uma vez que, segundo Connell (2003), tal masculinidade não é fixa e igual em todos os contextos, mas resguarda sempre uma posição de hegemonia dentro de um dado modelo de relações de gênero. As alusões ao tom grave e imperativo, à recusa da discussão, ao posicionamento de um rei em seu domínio, a sua permissão de decidir o que é ou não relevante na relação e de declarar seu fim unilateralmente demonstram claramente a recomendação de que haja um domínio da parte masculina na relação amorosa.

Esse conjunto de características pensadas como um modelo ideal contemplam as três dimensões da construção do gênero pensadas por Connell (2003), as quais são relações de poder, relações de produção e, em especial, a estrutura de *catexis*; pois prega-se a perpetuação da dominação masculina dentro da relação, a divisão dos papéis entre homens e mulheres e, por fim, a estrutura de *catexis* determina como essas relações, sempre heterossexuais devem se dar, indicando inclusive quais são os sentimentos, as posturas e as formas de se relacionar permitidas para um homem ideal.

De acordo com o autor, o homem que não segue essas premissas e as reproduz minimamente em suas vidas, não é um homem de verdade. Aqui vemos que para atingir essa concepção de legitimidade enquanto homem, propaga-se uma masculinidade bem específica, um modelo único que não abre muito espaço para qualquer tipo de diversidade dentro das infinitas possibilidades de estilo de vida de um homem. O autor mesmo, ressalta que não é

necessário (ou sequer possível) preencher todos esses requisitos, mas que eles servem como um modelo para que se almeje a maior aproximação possível, correspondendo, portanto, a um tipo ideal, tal qual a masculinidade hegemônica propaga. Sabemos, entretanto, que os atos que sustentam esse modelo de masculinidade

[...] são performativos, no sentido de que a essência do ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. Sendo performativo, o corpo-gênero não possui status ontológico dos vários atos que constituem sua realidade, a qual é fabricada como uma essência interna.” (BUTLER, 2003, p. 194).

Promover e perpetuar, desse modo, um modelo que desenhe o que é ser homem de verdade está de acordo com a própria forma de forjar os gêneros que ocorre corriqueiramente na sociedade, entretanto a repetição dos atos performáticos aqui é explicitamente recomendada.

Segundo Bourdieu (2011, p. 64), o “homem ‘verdadeiramente homem’ é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública”. Como a honra, a virilidade é também validada pelos outros homens, os quais atestam a capacidade de se fazer parte de um grupo de verdadeiros homens. A virilidade é, assim, uma noção relacional, que é “construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino e, construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2011, p. 67). A virilidade também se reveste de um duplo sentido:

1) os atributos sociais associados aos homens e ao masculino: a força, a coragem, a capacidade de combater, o “direito” à violência e aos privilégios associados à dominação daquelas e daqueles que não são - e não podem ser- viris: mulheres, crianças; 2) a forma erétil e penetrante da sexualidade masculina. A virilidade, nas duas acepções do termo, é apreendida e imposta aos meninos pelo grupo dos homens durante a socialização, para que eles se distingam hierarquicamente das mulheres. A virilidade é a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina. (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009, p.101-102).

Logo, ao reforçar a virilidade, esses dois sentidos do qual ela se reveste também são reforçados dentro do grupo, promovendo mais uma vez a hierarquização entre homens ou mulheres que os coloca, novamente, em um lugar de dominação.

A lógica binária e antagônica em relação às mulheres, que prescreve também uma masculinidade muito específica, percorre todo o texto presente nos livros e pode ser exemplificada por meio da mesma citação anteriormente exposta sobre o homem ideal de

Alita (2018), pelo uso das comparações entre rei e servo, dominador e dominado, bem e mal, revelando que se buscam categorias estáticas, com pouco espaço para dissidências. Esse tipo de concepção de gênero está atrelado ainda às ideias dos anos 70 de papéis sexuais, em que se concebia que a masculinidade estaria em crise, com apenas fagulhas de uma abordagem histórica da mutabilidade e da diversidade da(s) masculinidade(s). O conceito de papel sexual já foi superado justamente por deixar passar despercebidas essas complexidades no interior da masculinidade (CONNELL, 1995). Entretanto, o conceito de masculinidade não é pensado por eles como o único possível, visto que ele escreve precisamente para homens que não se encaixam nesse modelo, mas apenas como uma parte do seu espectro, aquela que o autor considera legítima, enaltecendo-a, e apenas aspectos do papel tradicionalmente masculino é o que compõe seu modelo ideal.

Essas características pautadas em masculinidades tradicionais, revelam que o pensamento desse autor tem suas raízes em fundamentos conservadores. Connell (1995, p. 3) já afirmava que mesmo alguns setores conservadores já haviam passado a compreender a masculinidade de uma forma histórica, em que o gênero sofre transformações sociais, entretanto, rechaçam essas transformações ou tentam revertê-las. No caso dessa literatura, a chave para o rechaço dessas transformações se respalda no “sistema de valores invertidos” (ALITA, 2008, p. 10) que afirma existir nas mulheres, dentro do qual as mulheres teoricamente valorizaram segurança, lealdade, honestidade, caráter entre outros atributos nos homens com os quais escolhem se relacionar, contudo, paradoxalmente, premiam (leia-se, escolhem relacionar-se) justamente aqueles que são o oposto disso, os cafajestes pois isso lhes satisfaria um instinto de competição com os outras mulheres, uma vez que um macho que aparenta ser desejados por muitas, lhes parece mais interessante e lhes traz mais prestígio por ser mais concorrido. Esse seria parte do sistema psicológico inverso que diferencia os homens das mulheres, essas irracionais e os homens, em oposição, seres predominantemente racionais.

Além disso, é possível perceber evidência de uma tentativa de se resgatar essas masculinidades tradicionais. Alita (2008, p. 8) afirma que defende a família, a fidelidade entre o casal e a sujeição voluntária das esposas e filhos à autoridade do homem, além disso, prega a existência de um “machismo consciente, pacífico crítico e esclarecido” em oposição a um machismo irracional e estúpido (dogmático extremista), os quais ele não define exatamente o que são. A ausência de definição de família, colocada como uma categoria única nos dá indícios de que trata de uma família tradicional, composta por um casal heterossexual e filhos governados por um patriarca, como endossa em seguida. Além disso, o

machismo consciente e esclarecido, em função do conteúdo do livro, de forma geral, apesar de ser tido como pacífico e crítico, ainda é defendido para que se oponha ao feminismo, movimento que tem a promoção de equidade de gênero como objetivo. Esse projeto de masculinidade (CONNELL, 1995, p. 6) está envolvido nessa relação com as instituições e forças culturais com o próprio feminismo, daí a necessidade de não apenas beber dessas masculinidades tradicionais, mas de trazer configurações mais atuais com esse caráter de movimento social para que elas tenham terreno para se sustentar em um mundo na qual já não cabem.

Através disso é possível notar que ideia de masculinidade por eles concebida em muito se assemelha com a masculinidade identificada por Kimmel (2013) no contexto norte-americano, pela qual os homens brancos crêem que ao seguir uma certa “cartilha” de masculinidade, muitas vezes se aproximando à masculinidade que enxergam em seus pais, avós e outros homens que os antecederam, lhes alimenta a esperança de que consigam colher os mesmos frutos que eles: riqueza, sucesso, respeito, dominação e casamentos estáveis com mulheres que a eles se submetem. No caso da filosofia proposta pelo autor, já que tem seu foco nos relacionamentos, a recompensa que esperam é justamente essa: relações estáveis com mulheres, em que elas lhes sejam submissas.

A relação com mulheres é tão crucial para esse autor, que chega a usar a rejeição e a falta de sucessos com as mulheres como a principal métrica para compreender, dentro dessa filosofia, se a masculinidade do indivíduo é ou não adequada. Em função disso, é possível notar que a aprovação feminina (diria que, na verdade, a sujeição feminina) é elemento central para a constituição desse ideal masculino, a ponto de afirmarem que seus fracassos na relação são muitas vezes fruto dessa falta de masculinidade.

A loucura feminina é a superioridade do macho em todos os sentidos e campos possíveis. São atraídas por sinais de superioridade: altura, inteligência, dinheiro etc. mas principalmente por indiferença, determinação e segurança. Rejeitam sinais de inferioridade e fraqueza: baixa estatura, pobreza, burrice, sentimentalismo, romantismo, submissão, assédio, bajulação, adoração, dúvida, vacilação, insegurança etc. (ALITA, 2008, p. 36).

Todas as características que consideram ser atrativas para as mulheres são aquelas que remetem à dominação masculina, a exemplo de características socialmente consideradas como pertencentes aos detentores de um status mais elevado na sociedade, como ocupar posições de poder e ter um grande poder aquisitivo. Segundo Alita (2005, p. 37), “os ‘inferiores’ são rejeitados. A superioridade é definida pelo contexto social.”, mas também são

considerados critérios mais subjetivos que dizem respeito à expressão dos sentimentos. Demonstrações muito explícitas de sentimentos, atitudes românticas e insegurança são características também vistas como indesejáveis ao julgamento das mulheres, pois colocariam o homem numa posição subalterna, em que não se pode arcar com o comando da relação. A fragilidade não deve nunca partir do masculino.

O autor, que diz se interessar por estudos de gênero, não tem como objetivo (ou não atinge) tratar o gênero como categoria analítica (SCOTT, 1995), seu objetivo é meramente de descrever as relações sociais como as enxerga e, a partir daí, criar esse modelo de masculinidade que seria bem sucedido nas relações entre heterossexuais entre homens e mulheres.

Entretanto, Connell (2002) define que, ao se trabalhar a concepção de masculinidade, há 4 caminhos que costumam ser tomados: 1) o essencialista, 2) o positivista, 3) o normativo e 4) o simbólico. Por meio desses livros que dão base à Filosofia da real, podemos observar que o caminho tomado pelo autor mescla características de uma abordagem *essencialista*, ao “revelar” que há comportamentos e sentimentos intrínsecos a cada gênero, em especial no que se refere ao masculino, já que são constantes à alusão à natureza feminina, concebida como uma fatalidade. Para os homens, o essencialismo está presente de forma diferente, nessa constante busca por desenvolvimento pessoal, a morte do ego e as mudanças de atitudes que terão como consequência tornar-se um “homem de verdade”. Esse pensamento se apoia na superação dessa natureza e desses instintos, trazendo características bastante contundentes de uma abordagem *normativa*, na qual se considera a verdadeira masculinidade aquilo que os homens devem ser.

A normatividade se apoia nessa masculinidade hegemônica que eles tanto almejam. Não ser um “homem de verdade” nos leva a crer, portanto, que a masculinidade que antecede esse estado de hegemonia, ou seja, a masculinidade que reproduzem antes de se deparar com a Real e com os escritos de Nessahan Alita, e que diversos relatos e exemplos contidos nos livros demonstram ser de grande fonte de sofrimento, é, em realidade, um tipo de masculinidade cúmplice do projeto hegemônico de dominação das mulheres. As masculinidades não-hegemônicas, que se apresentam de muitas formas diferentes no espaço social, se contrapõem à hegemônica, a qual sempre esperam alcançar mas nunca conseguem completamente, visto que sua principal característica é ser inatingível para a maioria dos homens. É por isso que é necessário nos atentar para as formas ideias que concebem para se relacionar com mulheres e o que pregam sobre como conduzir essas relações, pois “discursos com a intenção de subordinar a mulher e desvalorizar tudo que se refere ao feminino, não são

necessariamente, ou em seu todo, dirigidos à mulher, mas também ao outro, ao homem, ao opositor real e potencial” (BENTO, 2015, p. 91).

Assim, o lugar do masculino pregado pelo livro em relação ao afeto, amor, ideal de casamento e sexualidade encontram-se posicionados dentro da heterossexualidade, seus afetos, seus desejos e amor devem ser destinados às mulheres (ainda que com parcimônia). As mulheres validam sua virilidade, ao mesmo tempo em que, suas projeções sobre o que pensam do desejo feminino, em relação aos homens, os aprisiona em um modelo bastante fixo e estável, estando em consonância com a lógica colonizadora imbricada na modernidade, a qual “organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis” (LUGONES, 2014, p. 935). Os modelos de relacionamentos com as mulheres aqui difundidos, portanto, reforçam a posição subalterna das mulheres em oposição à posição dominante dos homens, não se apresentando como transitável às contribuições dos questionamentos decoloniais.

Ainda assim, apesar de ter a rejeição das mulheres como uma forma de mensurar o sucesso da própria masculinidade, o autor ressalta: “Nunca se esqueça: elas mentem quando descrevem o homem ideal” (ALITA, 2008, p. 158). Vale ressaltar que essas mulheres com os quais eles esperam conquistar ao aderirem a esse modelo fixo de masculinidade e com as quais almejam se relacionar também possuem um perfil, o qual será destrinchado em seguida.

4.3 As mulheres (ou fêmeas) sob a ótica de Alita

Ao longo dos livros de Alita, uma das questões que saltam aos olhos é a forma como ele descreve as mulheres e a suposta natureza feminina, a qual ele tanto reforça. Pensando numa concepção relacional de gênero, é importante buscar esses escritos especificamente sobre as mulheres nos livros do autor, a fim de verificar se neles se constroem representações, argumentos, discursos, metáforas desprestigiadoras do feminino, e como ele se relaciona com o lugar do masculino anteriormente trabalhado.

O termo “espertinha” é recorrentemente usado para descrever as mulheres às quais o autor dedica seu livro, cujo objetivo é que os homens aprendam a lidar com elas. Entretanto, ao longo de seus dois livros principais, com diversos volumes, ele não nos fornece uma explicação muito precisa do que caracterizaria essas mulheres. Algumas denominações que atribui a elas vão aparecendo ao poucos ao longo de seu texto, como por exemplo, as

mulheres fujonas, refratárias, espertinhas, vadias²³, entre outras. A categoria que se destaca, em função da qual o autor dedica mais esforço em explicar, é a das “espertinhas”.

Apesar de não dar características pessoais muito específicas, ele dá exemplos em seus textos complementares (vol. I), de que tipo de atitudes o levam a denominá-las dessa forma. Ele acha importante catalogá-las, para que o homem possa se precaver de suas artimanhas. Tais mulheres seriam as que gostam de “trapacear” no amor, segundo as palavras do autor e que o fazem de tais maneiras:

1. A mulher que te fornece o número do telefone mas não atende quando você liga ou manda dizer que não está; 2. A mulher que pede o número do seu telefone mas não te liga; 3. Aquela que gosta de flertar com outros caras mas não te informa logo no começo do relacionamento, deixando você acreditar que ela tem vocação monogâmica e somente tem olhos para você; 4. Aquela que gosta de “dar trela” para assediadores; 5. Aquela que quer receber mas não quer dar amor; 6. A que desaparece subitamente da sua vida, exatamente quando você mais está gostando dela; 7. A que gasta todo o seu dinheiro; 8. A que quer te transformar em escravo; 9. A que abusa da boa fé dos homens sinceros; 10. A que reage ao carinho com desprezo; 11. A que adota comportamentos ambíguos, incoerentes e indefinidos; 12. A que qualifica como “inseguros” ou “ciumentos” os homens que exigem transparência e coerência de atitudes; 13. A que exige compromisso e confiança do parceiro mas se comporta de maneira duvidosa; 14. A que finge estar interessada em você com o intuito de repelir quando você tenta aproximação; 15. A que se mostra atraente e receptiva para fazer falsas acusações de assédio sexual; 16. A que aprecia ver machos se digladiando por ela; 17. A que contraria por pura pirraça todas as vontades do parceiro; 18. A mulher que provoca sua irritação para te ver furioso, chama a polícia e tenta fazer você agredi-la antes que a polícia chegue. (ALITA, 2008, p. 54-55).

A concepção da mulher “espertinha”, portanto, é diretamente vinculada à forma como a mulher se porta em relação aos homens, dentro ou fora de um relacionamento. Esse exemplo demonstra como o valor que o autor atribui às mulheres é menos sobre elas mesmas; suas avaliações estão predominantemente condicionadas às formas como tratam ou reagem aos

²³ O autor menciona em nota de rodapé que “A palavra é aqui empregada apenas no sentido de uma pessoa desocupada e ociosa, tal como definem os dicionários Aurélio (FERREIRA, 1995) e Michaelis (1995), e não em qualquer outro sentido. Para mim, toda pessoa que brinca com os sentimentos alheios é uma pessoa vadia, independentemente do sexo e do número de parceiros sexuais. E o que mais poderia ser alguém que brinca com a sinceridade dos outros senão desocupado por não ter algo mais importante a fazer? Aqui, a palavra tem um emprego mais ou menos próximo ao da palavra “megeira” e também é quase um equivalente feminino da palavra “cafajeste”, muito comumente utilizada para designar homens que trapaceiam no amor. Enquadram-se neste termo aquelas pessoas que cometem adultério sem o cônjuge merecer, que induzem uma pessoa ao apaixonamento com o exclusivo intuito de abandoná-la em seguida, que retribuem uma manifestação de amor sincero com uma acusação caluniosa de assédio sexual etc. Esta palavra não é empregada com o mesmo sentido pejorativo em todos os países de língua portuguesa e nem possui somente o significado que lhe dá algumas vezes a cultura popular. Um exemplo típico de “vadia” é a personagem Teodora, do romance “Amor de Salvação”, de Camilo Castelo Branco. Neste romance, Teodora, uma espertinha dissimulada e manipuladora, se aproveita dos homens que a amam e os leva ao desespero e à ruína. Afonso, uma de suas vítimas, a funda-se nos vícios e chega à beira de um suicídio, mas é salvo da destruição amorosa por sua prima, uma mulher virtuosa e sincera.” (ALITA, 2008, p. 12).

homens. Esse fato me é curioso, pois os critérios para se considerar um parceiro adequado não necessariamente podem ter seu respaldo somente naquelas ações direcionadas ao sujeito com o qual alguém se relaciona, sendo muito comum que as pessoas se utilizem de outros critérios para a seleção do parceiro, como estilos de vida, a forma como o parceiro trata as pessoas de um modo geral, traços de personalidade que revelam uma compatibilidade, gostos pessoais, etc.

Para Alita (2008), as mulheres adquirem esse status de “espertinha”, que é claramente subalterno dentro de suas concepções, quando se mostram desviantes do que idealizam em uma mulher, visto que quase todos os exemplos tratam do campo amoroso ou sexual. Diferente do que possa sugerir, ser espertinha não é considerado algo positivo por desloca as mulheres do lugar que está estabelecido para elas nesse modelo de masculinidade única, onde a feminilidade serve apenas como o Outro, como um complemento e um referencial do que não ser, evitando qualquer possibilidade de desestabilizar a masculinidade que perseguem.

Ao longo do texto é possível notar também que na maior parte do tempo o autor opta pela palavra ‘fêmea’ no lugar da palavra mulher. Creio que essa não seja uma escolha ao acaso, mas uma forma de reforçar as categorias que estão mais comumente associadas à natureza, como o sexo biológico, assim como Ortner (1979) explicitou. Mais uma vez, as características que são consideradas naturais e que produzem associações das mulheres com o espaço doméstico - seu lugar por excelência- são reforçadas. Essa escolha parece ainda menos ocasional quando nos lembramos que o espaço destinado às mulheres dentro do fórum chama-se “cozinha”.

Sabendo que as próprias definições do sexo biológico variaram muito ao longo da história, como revela Laqueur (2001), exceto nas citações diretas, opto por usar as palavras “mulher” e “homem”, no lugar do recorrente “macho” e “fêmea” que o autor utiliza. O faço, pois creio que torna mais explícita a construção sócio-cultural e histórica em que as categorias se inserem e as características de masculinidade e feminilidade que a elas são associadas. Ainda assim, tal escolha é permeada pelo pensamento colonizador de tratar todo aquele que não corresponde ao homem branco “civilizado” como não-humano, na época da colonização “fêmeas eram julgadas do ponto de vista da compreensão normativa como “mulheres”, a inversão humana de homens” (LUGONES, 2014, p. 937).

O que esperam de uma mulher, portanto, é o oposto do que seriam essas espertinhas e trapaceiras. Há, dentro do fórum, opiniões contraditórias sobre a existência de mulheres com quem de fato vale a pena se engajar em uma relação e confiar, já que eles apresentam uma desconfiança bastante generalizada e universalizante em relação às mulheres, apoiando-se

numa concepção de que esse lado obscuro se fundamenta em uma natureza, sendo, portanto, fixa. As mulheres que conseguiram minimamente se desviar desses comportamentos quase inexoráveis seriam o que eles denominam como “mulher exceção”.

seria a mulher ideal para se ter um relacionamento sério e formar uma família saudável. Há diversos requisitos e algumas variações desta mulher ideal, mas no básico elas seriam como as donas de casa de 50, 60 anos atrás, que se focavam em cuidar da família ao invés da carreira e estariam ao lado de seu marido para ajudá-lo a realizar objetivos comuns. Antigamente este tipo de mulher era o predominante, mas com o avanço do feminismo e a grande degradação dos valores morais que vem ocorrendo desde a década de 1960, mulheres como essas são cada vez mais raras. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

O ideal de mulher, portanto, se pauta em um modelo de feminilidade (e também de masculinidade) idealizado como sendo o dos anos 50, antes do estabelecimento da segunda onda feminista. Vêm com maus olhos a dedicação da mulher ao mercado de trabalho em detrimento da família e consideram esse um sintoma da degradação dos valores morais. A idealização de um modelo de relacionamento que ficou nos anos 50, em que parte das mulheres tinham tempo para se dedicar exclusivamente ao marido, à família, à casa e ao casamento porque não buscavam trabalhar, muito menos construir uma carreira. O trecho mencionado acima demonstra essa crença de que esse modelo em que as mulheres não tinham outra opção é o que eles almejam, o que revela essa certa recusa em aceitar essas características das relações modernas de terem se democratizado (GIDDENS, 2003) presente nas bases da Filosofia, aproximando-se a um conceito de amor romântico que implica relações desiguais. Não à toa almejam a volta dos anos 50 e 60, visto que no Brasil foi nos anos 70 que o sistema educacional e o mercado de trabalho passaram por um processo de modernização, trazendo novas oportunidades às mulheres e as colocando em uma posição mais próxima à dos homens. Também foi no fim dos anos 60 que passou-se a ter acesso a métodos anticoncepcionais, provocando uma mudança na forma dos indivíduos se relacionarem sexualmente e afetivamente, experiência que iam de encontro aos valores tradicionais familiares de caráter patriarcal (SARTI, 2004). Ambas questões promovem essa romantização de uma época em que podiam usufruir dos privilégios de ser homem com menores represálias com um modelo mais tradicional de família que corresponde ao de seu imaginário.

Segundo Adelman (2011), que em seu artigo “Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados” trata da questão do afeto e intimidade serem colocados de forma

dicotômica em relação ao mercado e às relações que envolvem dinheiro, essa idealização pode provir de

[...] uma maior recusa atual por parte das mulheres de serem as esposas abnegadas. Ou das mulheres terem se tornado tão “pró-ativas” que realmente dá muito mais trabalho para os homens heterossexuais manter relações “de compromisso” com elas, ainda acentuando essa tal da confusão cultural dos homens frente àquilo que “as mulheres [realmente] querem”. (ADELMAN, 2011, p. 135).

Os quais são aparentemente grandes motivos das frustrações desses homens: entender como com elas vão conseguir se relacionar em moldes mais democráticos e ainda desvendar o mistério “do que as mulheres realmente querem”.

Adelman (2011) menciona que diversos escritos têm surgido para abordar essa inquietação masculina, partindo tanto da crítica feminista, como através de discursos que se focalizam na posição de um homem acuado e sofrido, geralmente trazido de forma caricata, como já mencionado que Pedro Paulo Martins de Oliveira (1998) nomeia como discurso vitimário. Além disso, para a autora (ADELMAN, 2011), o fato de o próprio casamento ter perdido seu caráter compulsório, possibilitando realizar uma gama de arranjos muito maior e mais pautadas em valores democráticos, também gera um efeito sobre os homens, que podem se sentir ameaçados com essa perda de controle sobre os corpos femininos.

Eles também concebem a existência de mulheres que fingem se encaixar nesse ideal, elas seriam as “falsas certinhas”, seriam as mulheres que “se fingem de certinhas, puras, conservadoras e moralistas diante de betas (utilizando-se da defesa anti-vadia), mas fazem tudo com os alfas²⁴, quando estão sozinhas com eles” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.). Essa perspectiva de retomada de valores que precedem os avanços feministas se respalda em um pensamento explicitamente conservador. A afirmação é reforçada pelos diversos tópicos da seção “Política, Filosofia & História”, como por exemplo um denominado “Feminismo é câncer”. O termo feminismo, inclusive, possui também um verbete que o define dentro da concepção dessa Filosofia, ali chamado repetidamente de “Feminazismo”, o qual seria uma

doutrina que em seu início buscava equiparação nos (sic)direitos entre homem e mulher, mas acabou tornando-se algo que promove grande ódio contra os homens (misandria), a família tradicional e os valores judaicos-cristãos e greco-romanos que norteiam a civilização ocidental. Por sua natureza dogmática, raivosa e intolerante, recebe esta alusão ao nazismo. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

²⁴ Segundo o glossário da fórum, são os “homens que as mulheres escolhem como fonte principal de sexo. Diante deles elas relativizam todos os valores e os riscos das escolhas que fazem.” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

O feminismo, dentro dessa comunidade, é alvo de um pânico moral, assim como é a questão da conquista do direito de se casar pela comunidade homossexual no artigo de Miskolci (2017). Tal concepção do feminino encontra-se em consonância com o discurso da ideologia de gênero, que busca a volta de uma perspectiva essencializante do homem e da mulher, no qual cada um é nasce com características que são inerentemente masculinas ou femininas, e promove a ideia de que concepções que tentam desnaturalizar o gênero e o sexo biológico, assim como o feminismo, é um tipo de ideologia que pode ser equiparada a regimes totalitários como o comunismo e nazismo (MISKOLCI, 2017).

Éric Fassin afirma crer que todo esse movimento em torno da denominada “ideologia de gênero” e todos esses movimentos conservadores que se centram sobre questões de ordem moral tiveram seu início nos anos 90, mais especificamente na Conferência de Pequim sobre as mulheres, a partir dos quais “todo um léxico de termos ambíguos e controversos sobre a vida e a família passa a ser mobilizado” (FASSIN, 2019, p.5). Miskolci (2017) identificou

a emergência da noção “ideologia de gênero” como contraofensiva católica à Conferência da ONU em Beijing, mas que passa a ser disseminada no clero após o Documento de Aparecida (2007) até se tornar noção articuladora de empreendedores morais diversos contra reformas legais e políticas governamentais na década de 2010. (MISKOLCI, 2017, p.739).

Segundo Miskolci (2017), a religião passou então a se fazer muito presente com suas declarações taxativas sobre família e questões sexuais. Esse léxico passou a ser adotado por outros setores conservadores, que não mais necessariamente católicos, passando a ser reproduzido também dentro do discurso laico. Tais declarações têm uma clara intenção de frear o discurso sobre as questões de gênero que, até então, vinham sendo teorizados dentro das Ciências Humanas e Sociais a fim de questionar as concepções binárias que estavam estabelecidas, com o objetivo de retomar o monopólio detido pelas religiões de ditar os parâmetros até poucas décadas atrás.

De acordo com Fassin (2009), o feminismo e os estudos de gênero não conseguiam obter, nesse contexto, o status de algo sério. A direita reivindicou que ficássemos no nível do senso comum quanto às discussões de gênero e sexualidade. Tratava-se do senso comum contra a teoria do gênero. Para o autor, fica evidente que estamos entrando em algo que não é mais apenas religião, mas uma forma de populismo anti-intelectual que vem sendo disseminado.

O autor entende que a liberação do casamento entre indivíduos do mesmo gênero foi um fator decisivo para que os setores conservadores populistas inspirassem a retomada de valores antigos que pertencem a um mundo antigo, como uma espécie de ressentimento. Uma forma de fazer com que uma velha ordem de domínio racial e sexual vencesse. Como exemplo, ele crê que todo o ódio voltado a Barack Obama e Hilary Clinton, que se evidenciou na eleição de Trump, demonstram essa ânsia de promover novamente a figura do homem branco. (FASSIN, 2019)

podemos dizer que a democracia sexual hoje está no coração da democracia. Por que Trump quer afirmar seu sexismo? Por que Bolsonaro quer acrescentar de alguma forma nessa encenação permanente de uma masculinidade heterossexual triunfante? Por quê? Porque precisamente a ordem sexual é importante.”. (FASSIN, 2019, p. 9).

Fassin também sugere que houve uma instrumentalização da ideia de democracia sexual (que se voltava contra negros, pobres e imigrantes, sobretudo no contexto francês) em prol de uma liberdade maior das mulheres, a qual, inesperadamente, se uniu contra a teoria de gênero. O ódio contra as minorias, paradoxalmente, passou a fazer parte da lógica dessas duas posições que antes eram tidas como contraditórias.

Os movimentos de extrema-direita e conservadores de modo geral, encontraram nas questões de gênero um terreno fértil para poderem tornar cada vez mais explícito seus ressentimentos com relação à posição que as mulheres vinham atingindo na sociedade e deixando claro todo seu saudosismo de uma época em que nós, mulheres, tínhamos poucas possibilidades de viver uma vida fora dos moldes estabelecidos. A promoção desse pânico moral feito por setores conservadores e, no Brasil, com grande apoio de alguns setores da Igreja Católica, fortaleceu e segue fortalecendo esses discursos conservadores que vilipendiaram os estudos de gênero.

Miskolci (2017) afirma tratem-se de "empreendedores morais" contra a tal "ideologia de gênero", os quais revelam-se "grupos de interesse conservadores que buscam distanciar os movimentos feminista e LGBT, e mesmo seus simpatizantes, das definições de políticas públicas e tomar o controle sobre elas" (MISKOLCI, 2012, p. 743). Há uma aproximação entre católicos e neopentecostais a fim de resgatar "a moral e os bons costumes". Esse conjunto de empreendedores morais contra a ideologia de gênero também se constitui como um campo discursivo de ação, uma vez que movimentos conservadores, de direita e extrema-direita, e religiões cristãs que divergem em diversos aspectos, unem-se por meio dessa preocupação político-cultural compartilhada. Ainda que seus diagnósticos a

respeito de como proceder em relação ao avanço do feminismo e às questões que a abordagem do gênero enquanto algo não-fixo como o sexo binário colocam, ainda assim são grupo que se unem a fim de barrar seus avanços.

Para além disso, esses empreendedores morais “buscam delimitar o Estado como espaço masculino e heterossexual, portanto refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar sua concepção de mundo tradicional.” (MISKOLCI, 2017, p. 743), apesar de não serem um grupo coeso e formarem alianças apenas de forma circunstancial. Ferreira (2016) também não crê que haja uma coerência interna nos movimentos conservadores.

Sob uma pretensa ausência ideológica – embora carregado de ideologia unicamente pelo motivo de que ela não transforma, mas conserva –, o conservadorismo é a favor da vida, da “família”, do bem comum, da preservação da humanidade e dos costumes estabelecidos que dão sentido à realidade mais imediata e material, apelando ao mesmo tempo à ordem e à mudança. (FERREIRA, 2016, p. 169).

No Brasil especificamente, o governo Lula que teve seu início em 2003 (ano também em que a Filosofia Realista começa a surgir com a primeira publicação de Nessahan Alita), foi o governo que deu alguns passos em direção à promoção da igualdade de gênero e combate à homofobia. Mas de acordo com Miskolci (2017), foi apenas em 2011 que de fato se estabeleceu a hegemonia da noção da “ideologia de gênero”, ano em que o Supremo Tribunal Federal reconheceu a união entre casais homossexuais como detentora do mesmo status que casais heterossexuais. Os evangélicos, com sua Frente Parlamentar Evangélica, tiveram um grande papel em barrar a promoção do programa “Escola sem homofobia”, o qual foi imediatamente apelidado pelos conservadores de “Kit Gay” como uma forma de se fazer presente também no âmbito educacional. Miskolci (2017) afirma que esses empreendedores morais contra a “ideologia de gênero” parecem partilhar a crença na educação como transformadora com seus adversários que defendem os direitos humanos, por isso atentam contra as iniciativas educacionais de trabalhar questões de gênero e sexualidade. Ferreira (2016, p. 171) converge com os apontamentos de Miskolci ao afirmar que “as questões de gênero (e de sexualidade), nesse cenário, figuram como principal objeto de investimento e injunção do pensamento conservador contemporâneo”.

Nos países latino-americanos de modo geral, as demandas dos movimentos LGBT e feministas se estabeleceram na virada do milênio, promovendo um choque com as concepções católicas no que se refere ao papel das mulheres na sociedade e ao seu

comportamento sexual, ainda muito pautadas na reprodução e na hierarquia entre homens e mulheres (MISKOLCI, 2017).

Nota-se a presença desses valores tão caros ao catolicismo através da menção da família tradicional, dos valores judaico-cristãos e da civilização ocidental. A questão da inspiração na civilização ocidental não é particular desse grupo, mas é elemento constitutivo do ideal de nação brasileiro a ser perseguido desde fins do século XIX (MISKOLCI, 2013), aliado a um ideal de homogeneização racial voltado à branquitude. Dentro dos próprios livros de Nessahan Alita são usadas algumas passagens da Bíblia que reforçam essa diferença entre homens e mulheres.

Um dos livros de Nessahan Alita (2008) também conta com um capítulo com 80 tópicos destinado a esclarecer um pouco sobre essa tal natureza feminina, denominado “Características do falsamento chamado ‘sexo frágil’” em que o autor explicita quais são as características femininas inerentes com as quais os homens têm de aprender a lidar. Tais características, resumidamente, incluem a competitividade inescrupulosa entre mulheres, que colocam-se umas contra as outras, especialmente no que se refere a conquistar os homens mais destacados socialmente; sua repulsa por homens que consideram fracassados, visto que amam apenas por interesse e não para retribuir o amor do qual são alvo; são emocionalmente muito mais fortes que o homem, compensam a fragilidade física e racional em relação aos homens com a sofisticação da manipulação mental; são pacientes; simulam fragilidade para inclinar; se entregam aos cafajestes experientes; simulam indiferença como parte da conquista, gostam dos homens que parecem desinteressados; dão esperanças aos homens de que conseguirão obter sexo com elas e os frustram depois ao negar qualquer investida, gostam da validação que os assédios as fornecem sobre seu poder de sedução; não se compadecem pelo sofrimento masculino, seja ele de natureza emocional ou pela frustração sexual que provocam; não admitem os próprios erros, instrumentalizando-os para que se voltem contra seus parceiros; jogam com os sentimentos masculinos até seu limite e usam de ambiguidades para não terem que assumir as consequências das próprias ações (ALITA, 2008).

Para o autor, “as mulheres são seres imaginativos e intuitivos, muito pouco racionais, que se orientam pelos sentimentos e não pela lógica ou pela razão” (ALITA, 2008, p. 99), tal afirmação vem acompanhada da explicação de que explicitar essa diferença natural entre homens e mulheres não implica qualquer inferioridade, entretanto que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de apagamentos radicais, aos quais se recusa a possibilidade de articulação cultural. Não é suficiente falar que o

humano é construído, pois a construção é uma operação diferenciada que produz o mais e o menos humano, o inumano, o humanamente impensável (BUTLER, 1993). Assim como para as masculinidades negras a questão da virilidade gera uma aproximação da hiperssexualização e animalidade, atribuir essas características às mulheres também contribui com um processo de desumanização.

O autor explica que trabalhos lógicos e que exigem racionalidade prejudicam a feminilidade das mulheres, o que as torna menos atraentes para os homens. As mulheres obteriam vantagens nas questões emocionais, não nas racionais, tais questões seriam parte do que ele concebe como “mundo feminino”, repleto de coisas leves e agradáveis, em oposição ao masculino que é pesado e cheio de coisas exaustivas para a mente. Com essa explicação o autor tenta pintar as próprias afirmações com o verniz da neutralidade, em que a mera constatação de uma diferença entre os sexos não implica numa hierarquização. Essa manutenção e reafirmação da diferença, contudo, nunca está descolada do contexto social macro, em que tais dicotomias como racional/emocional, público/privado, fazem parte de um rol de significados culturalmente atribuídos, cujos valores com os quais estão imbuídos não podem ser desprezados ou deslocados de seu contexto. Essas afirmações, apesar da tentativa de passar uma neutralidade, estão repletas de significados que colocam, sim, o feminino numa posição inferior ao masculino e reforçam a binaridade ao contrapô-los em dois mundos diferentes. O reforço da dualidade é algo, por si só, opressivo, pois aciona as categorias dicotômicas e necessariamente hierárquicas da modernidade colonial (LUGONES, 2014).

Os livros de Nessahan Alita, combinados com o todo o *corpus* da Filosofia da Real de forma mais ampla, se colocam como um espaço privilegiado de acesso a esses conhecimentos que possibilitam uma compreensão dessas artimanhas intrínsecas à natureza feminina, bem como geram um vislumbre a respeito das formas como se relacionar afetivamente e sexualmente com as mulheres, além dos aspectos pessoais que se deve desenvolver para que se engajem em uma relação minimamente bem sucedida.

O feminismo é rechaçado porque a própria ideia de que as mulheres estão ou estiveram em uma posição subalterna na sociedade é contestada. Pelo contrário, o autor afirma que as mulheres estão, em realidade, em uma posição de privilégio em relação aos homens: isso se deve ao fato de que ele crê que os homens nascem não para explorá-las, mas para protegê-las. Como consequência disso, ele exemplifica que ao longo da história os homens sempre ocuparam as posições de risco, que exigiam o uso de esforço físico e correr perigo. Ele enxerga as demandas do feminismo como uma estratégia para se colocarem numa posição de subalternidade e com isso conquistarem ainda mais privilégios do que os que já

detêm. Todas as tais artimanhas que as mulheres propagam sempre culminam em um mesmo destino para o autor: obter o desejo masculino, em especial de homens socialmente destacados como forma de satisfazer o próprio ego. Ele afirma que

Os privilégios as deixam esnobes e seguras de serem desejadas. É por isso que se sentem à vontade para abusar dos sentimentos masculinos. Além disso, acreditam-se continuamente perseguidas e assediadas. Basta que você pare e olhe fixamente para algum desses seres privilegiados e imediatamente será visto como um assediador ou paquerador. E, se você for pobre, negro ou mestiço, ainda será pior. Elas jamais imaginam que as podemos estar achando desinteressantes. É por isso que as surpreendemos e desconcertamos quando as ignoramos, evitamos e rejeitamos. (ALITA, 2008, p. 20).

Dessa crença de que somente homens destacados (o que não inclui pobres, negros e mestiços, incluídos nas masculinidades subalternas) conseguem ser alvo de desejo do feminino e que é por eles que elas também querem ser desejadas deriva toda a sua teoria sobre como os relacionamentos com mulheres devem ser conduzidos

Dentro do fórum, em seu glossário, há também definições mais específicas sobre o que seria essa divisão que replicam entre os homens alfas e betas, vocábulos amplamente usados pelos participantes e também utilizados por Alita em seus livros. Os alfas seriam, portanto, aqueles homens para quem as mulheres destinam o sexo (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.), e são classificados entre:

Alfa financeiro: homem que se torna atraente às mulheres devido ao seu alto poder aquisitivo. Alfa natural: homens que são sexualmente atraentes para as mulheres por serem muito bonitos e fortes. Alfa simulado: homens que são e se tornam atraentes por conquistas sociais. (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.).

Ao mesmo passo que os betas seriam os “homens que as mulheres suportam e toleram conviver e que só servem como provedores. Os betas são desprezíveis sexualmente para as mulheres” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017, não p.). O valor de um homem, dentro da classificação Alfas e Betas, é mensurado dentro da Filosofia pela atração e conquista sexual que exerce sobre as mulheres. O autor, contudo, não recomenda que os homens tornem-se machos-alfa, garanhões ou promíscuos, ele não foca na quantidade de mulheres conquistadas como um indicador de masculinidade (ALITA, 2008). Suas recomendações distanciam-se dessa ideia de que só se pode cultivar boas relações com mulheres se você for um dos tipos de machos-alfa existentes, Alita (2008) crê que suas atitudes, o desenvolvimento pessoal e uma boa escolha da mulher com quem irá se relacionar, para além de ser observador e ir

prestando atenção aos sinais que ela dá, são fatores mais relevantes para que se mantenha boas relações com mulheres e se consiga forjar uma masculinidade bem sucedida.

Assim, há um reforço de uma concepção essencialista sobre as mulheres, que são vistas pelo autor como naturalmente diferentes dos homens ao buscar satisfazer os próprios interesses de forma egoísta (bastante homogêneos na população feminina como um todo) quando se engajam em relações com homens.

4.4 Relacionamentos e sexualidade em Nessahan Alita

Constatando a forma como Alita e os participantes do fórum enxergam os homens e as mulheres, sempre como pertencentes a dois universos diferentes e complementares que nunca poderão se compreender totalmente, fica mais fácil entendermos como o autor julga as relações heterossexuais e o porquê dele fazer as recomendações que faz aos homens. Como seus livros são focados em, justamente, tornar a vida dos homens mais fácil ao lhes transmitir esse conhecimento sobre como as mulheres funcionam e como articulam suas relações amorosas, a questão dos relacionamentos é amplamente explorada nos livros e também invoca um modelo razoavelmente detalhado dos comportamentos masculinos essenciais. Com isso, torna-se possível analisar se através dos modos ideais propagados por ele de como homens devem se relacionar afetivo-sexualmente com as mulheres pode-se definir transformações da intimidade segundo Giddens (2003), processos de democratização das relações de gênero e que gendrificações relativas ao masculino e ao feminino se concebe.

O autor, como já mencionado, apesar de tentar justificar as diferenças que demarca entre homens e mulheres como neutras, evidencia a hierarquização que faz ao explicitar o que concebe como uma forma ideal de relação. Segundo o autor, o homem que inicia uma relação com uma mulher deve se mostrar inflexível, pois a maleabilidade e a possibilidade de uma democratização dentro da relação são atributos que, segundo ele, os colocam como fracos aos olhos das mulheres. Elas, entretanto, percebem essa fraqueza e compreendem que tal homem não será bom para as orientar ou proteger, passando então a vê-lo como um “escravo emocional” (ALITA, 2008). As mulheres são seres que, segundo Alita, se comunicam de forma muito difusa, não deixando claro quais são seus verdadeiros interesses, os quais devem ser percebidos pelas suas atitudes. Portanto, as condições para que o relacionamento prossiga devem ser comunicadas por ele de forma clara, com exemplos das consequências que suas

atitudes negativas terão ao longo da relação, como o fim da própria relação ou a ruína de sua imagem (ALITA, 2008), sem que ela possa se acomodar em um lugar de indefinição, sendo obrigada a fazer suas escolhas de forma clara e consciente. Essa unilateralidade sobre as condições da relação aparece também no ideal de masculinidade que pregam, uma vez que a discussão com mulheres nunca é pautada como um caminho possível, sempre a comunicação unilateral é a chave para as relações com mulheres dentro da comunidade. Tal concepção implica novamente na questão da dominação, o homem é novamente quem guia e estabelece a forma como a relação será conduzida.

Para que a relação funcione, o autor afirma ser imprescindível, novamente, a morte do ego e o conseqüente desapaixonamento que ele promove. Segundo ele, “a civilização ocidental está gravemente doente e uma de suas doenças é o amor romântico [...], o qual é obsessivo e possessivo.” (ALITA, 2008, p. 105) e ele se traduz de diferentes formas para homens e mulheres:

A forma masculina de expressão deste amor neurótico são as obsessivas tentativas de controlar, vigiar e proibir o outro, enquanto sua forma feminina de expressão corresponde ao obsessivo desejo de induzir a outra pessoa ao apaixonamento profundo para tê-la aos pés. Em ambos os casos, verifica-se a intenção de submeter a outra pessoa para que ela faça o que queremos. Esta é a guerra da paixão e é nesse âmbito que aqui é sugerido o desapaixonamento. (ALITA, 2008, p. 105-106).

O desapaixonamento se configura como a capacidade de não se apaixonar, para assim, conseguir se beneficiar do estado de apaixonamento feminino. A “guerra da paixão” traduz bem a concepção do autor de que as relações são uma disputa, na qual quem está mais vulnerável é aquele que deposita seus sentimentos e, portanto, é quem também fatalmente perde a guerra.

É necessário para o homem sempre ocultar seus sentimentos em relação à mulher, tentando dominá-la ao direcionar sua imaginação na direção correta. A direção correta, para ele, é a do próprio desejo da mulher, pois afirma que sua intenção não é a de infringir seu livre arbítrio, mas sim que revelem seus verdadeiros desejos e se mostrem como verdadeiramente são. Quando deixamos uma pessoa absolutamente livre para fazer o que quiser e “preferimos mudar a nós mesmos, dissolvendo os nossos desejos em relação a ela, estamos exercendo um domínio, no sentido de que estamos no total controle da situação e de que estamos permitindo, e até incentivando, que a outra pessoa seja conduzida por seus próprios desejos” (ALITA, 2008, p. 100), a morte do ego dissolveria os desejos masculinos em relação ao que se quer que a mulher faça e faria com que esses desejos se tornassem

alinhados com os do homem, passando a desejar da relação aquilo que ela também deseja, sem criar expectativas que não podem se concretizar.

Há afirmações bastante claras sobre o que homens e as mulheres procuram em seus parceiros para relacionamentos, tais características buscadas, seguindo a lógica da Filosofia Realista, também são diferentes e complementares para uns e outros. As mulheres buscam os homens mais destacados socialmente, como mencionado, revelando que “assim como nós, homens, somos absolutamente impiedosos com as mulheres pouco dotadas de beleza, as mulheres também o são com os homens socialmente fracassados.”²⁵ (ALITA, 2008, p. 185). Essa busca pela beleza nas mulheres configuraria o lado obscuro masculino, de acordo com o autor. A paixão e a busca do parceiro nas relações, para ele, é algo completamente animalesco para ambos os gêneros e puramente instintivo. Disso ele conclui que o amor, especialmente o amor romântico, é portanto uma mentira, visto que o que importa de verdade para as mulheres é apenas o destaque social. Essa percepção parte da análise de filmes de romance em que a mulher espera por seu príncipe encantado, o qual deve ser sempre um homem destacado, que a ame e a aceite como ela é. O autor considera que a ideia de amor que esses filmes passam é nociva para os homens, pois reforçam esse ideal de amor romântico que considera irreal (ALITA, 2008).

Então como um homem pode ser fascinante, de acordo com o autor, aos olhos femininos? Para ele, a mulher não ama o homem em si, mas os atributos socialmente valorizados que ele possui. As mulheres são seres altamente criteriosos (muito mais do que os homens que, segundo ele, “parecemos porcos e comemos qualquer lixo” (ALITA, 2008, p. 189), que oferecem seu sexo apenas àqueles homens que parecem melhor aos seus olhos. Quando jovem, preferem aqueles que se destacam pela imprestabilidade e pela delinquência, quando mais velhas - nesse momento já perderam parte de sua beleza, juventude e muitas vezes já tiveram filhos, o que reduz seus atrativos -, o arquétipo do super-homem já se amadureceu em seu imaginário e aí passam a preferir os homens honestos e sinceros em detrimento dos playboys e cafajestes (ALITA, 2008). O que as mulheres desejam extrair das relações, segundo o autor, são emoções intensas, “o que toda mulher quer, inconscientemente,

²⁵ O autor cita a frase de Vinícius de Moraes “Que me perdoem as feias, mas beleza é fundamental” para trazer à tona a questão da valorização da beleza feminina pelos homens como algo universal. Os ideais de beleza, apesar de serem mencionados como relativos, aparecem para o autor relacionados diretamente à juventude e características físicas e comportamentais consideradas femininas. Em seus Textos Complementares, ele define que “mulheres ‘feias’ são, muitas vezes, aquelas que não buscam ser atraentes, que não se vestem e nem se portam de modo a despertar atração e serem consideradas ‘bonitas’. A beleza é algo subjetivo e está nos olhos (ou melhor, na mente) de quem a vê.” (ALITA, 2008, p. 4).

é ficar alucinada, endoidecer, perder completamente a razão.” (ALITA, 2008, p. 190), mas ela só o fará com aqueles homens que vê como especiais.

A chave para ser aquilo que uma mulher quer dentro de um relacionamento, de acordo com a concepção do autor, não envolve um diálogo claro sobre essas expectativas femininas à respeito do amor e do sexo. O autor propaga que deve ser para a mulher aquilo que ela precisa, pois, de modo geral, as mulheres, consciente e inconscientemente, dizem querer o oposto daquilo que desejam em um parceiro. Deve-se assim observar aquilo que elas precisam através de suas atitudes, não dando ouvidos para o que afirmam. Os critérios, mais uma vez, são sempre aqueles que indicam o destaque (ALITA, 2008). O autor menciona, por exemplo, a altura dos homens, pois observa que as mulheres têm uma preferência generalizada por homens altos. Outras características também parecem imprescindíveis: “a observação imparcial revela que os critérios seletivos são o modelo das roupas, das motos, dos carros e, dependendo da idade, o tamanho salário, da conta bancária e os bens materiais. Em suma: o destaque social é somente o que interessa.” (ALITA, 2008, p. 24). É por isso, ele afirma, que elas costumam ser ingênuas e irracionais e preferir os “piores homens”, os quais seriam os já mencionados cafajestes e playboys. “A preferência de certas mulheres pelos insensíveis, piores e cafajestes é uma prova da prevalência dos valores machistas no inconsciente.” (ALITA, 2008, p. 28). As consequências dessas preferências, para ele, seriam terríveis: “depois, quando são abandonadas após perderem a virgindade, ficam reclamando e amaldiçoando todos os machos da Terra, como se não fossem elas próprias as responsáveis por terem se oferecido justamente àqueles que não deviam.” (ALITA, 2008, p. 24).

A situação de estar apaixonado, para um homem, é vista pelo autor como a pior posição possível para se estar. O estado de apaixonamento, para ele, só pode levar a uma das seguintes consequências: “1) suicidar-se; 2) virar homossexual; 3) ser corno conformado; 4) enlouquecer; 5) transformar-se psicologicamente.” (ALITA, 2008, p. 34). O autor recomenda apenas a última opção, que configura se blindar dessa possibilidade de estar apaixonado e sentir-se vulnerável dentro de um relacionamento. Os próprios “crimes passionais”, que são condenados por ele, são apresentados como um exemplo de como o estado de apaixonamento e as frequentes provocações femininas podem levar um homem à loucura.

Já dentro de uma relação, há também recomendações mais precisas de como prosseguir quando se percebe a reprodução dos “jogos emocionais” que as mulheres costumam praticar. Alguns dos exemplos de jogos emocionais praticados pelas mulheres são: o desaparecimento súbito, manipulações e situações de indefinições, “[tais] indefinições que nos atormentam tanto se originam de atitudes, posturas, palavras e expressões faciais que se

contradizem.” (ALITA, 2008, p. 40), dando a entender que os ama e em outros momentos dando a entender o contrário. Como já ficou claro em outras passagens, a comunicação verbal para esclarecer as inseguranças dentro do relacionamento não parece ser uma opção, pois nada do que uma mulher diz é digno de confiança. Suas reais intenções só podem ser percebidas através da leitura de seus comportamentos, cujos livros de Nessahan Alita servem como guia.

A condução dessas situações, portanto, deve-se dar de outra forma para o autor: primeiro é necessário identificar quais são esses comportamentos contraditórios. Em seguida, não deve-se discutir, mas sim encurralá-la ao demonstrar que já se está ciente da forma como ela age por padrão e que sabe que isso irá se repetir, o que não é aceitável. Em seguida, deve-se dar-lhe um prazo curto para que se corrija, sob pena de arcar com as consequências que isso trará para a relação caso ela não cumpra as exigências. Se houver mudança, o castigo ficará pendente até que o ultimato se profetize. Se não houver é um sinal claro de que a mulher não possui caráter e não é digna da relação. (ALITA, 2008)

Além disso, alguns comportamentos são considerados mais graves e dignos de se terminar o relacionamento logo que acontecem, alguns exemplos são:

- Ficar sem telefonar por mais de **n** dias;
- Não atender às ligações sem que haja impedimento real para fazê-lo;
- Prometer algo (telefonar, encontrar-se etc.) e não cumprir;
- Desaparecer subitamente sem dar satisfação;
- Ser amigável com pretendentes (machos interessados que fazem “cara de bonzinhos” mas que na verdade querem mesmo é traçá-la);
- Ficar escutando cantadas;
- Fazer vingancinhas em retaliação à nossa rebeldia. (ALITA, 2008, p. 42).

Isso, é claro, se a inadmissão dessas atitudes tiverem sido previamente comunicadas, a justificativa pro término precisa estar diretamente relacionada às atitudes da mulher. Se ela pensar que a decisão do término foi do homem, isso a livrará da culpa de ter agido de maneira inescrupulosa (ALITA, 2008).

O último apelo feminino para quando outras artimanhas não funcionam, de acordo com o autor, é o ataque da masculinidade. Consiste em insinuar ou afirmar que o homem é homossexual e é considerada a artimanha mais baixa e covarde de todas, pois tenta atingir a auto-imagem do homem e envergonhá-lo. “Trata-se de um mero fingimento: a espertinha simula realmente acreditar nisso mas se mantém totalmente ciente de que está interagindo com um macho hetero autêntico” (ALITA, 2008, p. 47). Com isso, ele explica que essa não é forma de “condenar os gays como pessoas” (ALITA, 2008, p. 47), mas sim de demonstrar o

quanto isso afeta a masculinidade de um heterossexual. Como essa é considerada mais uma demonstração da irracionalidade e caos femininos, a solução é a mesma: se blindar emocionalmente e desmascarar unilateralmente as artimanhas que as mulheres propagam, sem abrir espaço para discussão ou desculpas. A heterossexualidade é, portanto, ponto inquestionável para a Filosofia da Real e seu questionamento é considerado uma das maiores ofensas possíveis.

Dentro da questão da sexualidade, há também o próprio sexo como um ponto importante para eles. O fato das mulheres teoricamente não funcionarem da mesma forma que os homens em relação às relações sexuais também é algo inquietante para o autor. Ele crê que os homens tentam obter sexo sem amor, enquanto que as mulheres tentam obter o máximo de amor possível sem oferecer o sexo em troca. O interesse feminino no sexo aparece como algo muito ínfimo, que só pode vir acompanhado de um sentimento, uma tentativa de manipulação do homem ou uma forma de obter alguma vantagem através de uma negociação. Tais comportamentos são também considerados uma forma de “jogo sujo” e fazem parte dessa guerra da paixão, já mencionada, entre homens e mulheres. O objetivo final da mulher é quase que exclusivamente a conquista emocional, raramente o sexo em si.

A prova disso é que elas não ficam “molhadinhas” por qualquer um (ao contrário dos machos que, em estado de insanidade, chegam a violentar crianças, animais, cadáveres e mulheres com problemas mentais) e, quando um dos mencionados ingredientes é perdido, o interesse repentinamente desaparece. (ALITA, 2008, p. 55).

O sexo sem amor é destinado então só a homens ricos, famosos e destacados socialmente, visto que a busca pelo prazer sexual não é considerada um instinto, algo natural, para as mulheres. Ele o é somente para os homens. O que elas buscam, segundo o autor, é aquilo que os homens devem oferecer em troca do sexo: “não ofereça carinho passional, ofereça firmeza, segurança e determinação, os quais correspondem ao amor verdadeiro. Tome o sexo como algo que lhe é devido, indiscutivelmente merecido.” (ALITA, 2008, p. 29).

O homem, segundo o autor, não tem o poder de controlar o seu próprio desejo por ser algo instintivo e por isso vê os homens como condenados a desejar as mulheres que o provocam.

As exceções ficariam por conta daqueles que transcenderam o condicionamento instintivo animal por meio das disciplinas espirituais, daqueles que apresentam certas diferenciações biológicas específicas e também dos casos em que a mulher é exageradamente contra-atraente. Mas exceções não invalidam uma regra. (ALITA, 2008, p. 25).

Assim sendo, a culpa do desejo masculino não é exclusiva dos homens, mas também das mulheres que se expõe às situações de provocação desse desejo, segundo o autor, “a mulher que não quer ser desejada, não se mostra atraente” (ALITA, 2008, p. 25). O autor considera contraditório que uma pessoa provoque o desejo de outro e em seguida proteste contra as investidas. Ele hipoteticamente afirma que se tal comportamento for considerado nocivo e, assim, se passe a proibir os homens de desejar as mulheres, devemos também “proibir as mulheres de se mostrarem atraentes aos homens (é o que se faz, coerentemente, no Islã). Ou então, ao contrário, teríamos que permitir ambas as coisas” (ALITA, 2008, p. 25).

Todas essas artimanhas femininas e as formas que o autor apresenta para que os homens possam desmascará-las, culminam no seu conceito mais amplo sobre relacionamento, que é a “guerra da paixão”. Para ele, “os jogos na guerra da paixão se resumem em dissimular as verdadeiras intenções e ao mesmo tempo descobrir as reais intenções do outro. Aquele que for mais misterioso confundirá e, ao ser mais realista e observador, vencerá” (ALITA, 2008, p. 23).

Assim, apesar de conceber que as mulheres devem mostrar seus reais desejos dentro de uma relação, respeitando seu livre arbítrio, as mulheres consideradas dignas de estarem em um relacionamento são apenas aquelas que aceitam a submissão voluntária em relação ao homem, o que vai de encontro à possibilidade de democratização das relações proposta por Giddens (2003) em que o engajamento dos indivíduos permanece até o momento no qual se tem a relação como proveitosa para os dois. O homem só pode tirar proveito da relação, nos moldes em que prega o autor, se ele detiver a autoridade. O sexo é elemento crucial para o sexo masculino, mas não o é para o feminino, o que lhes concederia o direito de “tomá-lo” quando oferecem amor em troca.

5. O FÓRUM

Este capítulo se dedica a compreender como se dá a questão da sexualidade e afetividade dentro da comunidade, visando entender de que forma eles concebem suas possibilidades de relacionamentos e de que maneira essas concepções se articulam em termos de subjetividade, para suas construções enquanto indivíduos e homens, ou seja, em seus projetos reflexivos do eu. Os conteúdos das postagens servem também perceber como, por meio destas narrativas postadas pelos membros do Hall da Fama, aparecem os marcadores da masculinidade hegemônica, se eles aparecem e como estes marcadores se organizam, se constituem em relação à sexualidade, às mulheres e à gramática dos sujeitos homens como processos reflexivos de si. Para além disso, visou explicitar como o campo do fórum de discussão constrói as interações através de mensagens e se essa materialização se dá de forma discursiva.

5.1 Os participantes

Após todo esse caminho traçado para chegar às escolhas metodológicas finais e com a terceira tabela pronta, o próximo passo foi tentar entender minimamente quem eram esses usuários do fórum, em especial os que escolhi como os detentores de maior status. A pesquisa com Internet, apesar de ampliar nossas possibilidades de campos, por vezes, também nos coloca mais desafios e, isso se concretizou nesta pesquisa.

Na tabela do Anexo 2 é possível observar que a tentativa de criar um perfil dos usuários conta com algumas lacunas. Além disso, questões que considero importantes como raça, classe, religião, grau de escolaridade e região onde moram não são facilmente captadas nesses perfis. O fato de ser uma pesquisadora mulher em um ambiente no qual a presença masculina é unânime também me impõe maiores dificuldades. Contudo, trabalho somente com as informações publicizadas pelos membros no fórum, que fornecem um vasto material para análise.

Ryder, primeiro em destaque no Hall da Fama, registrou-se no fórum no ano de sua criação, em 2015 e continua ativo até hoje, sendo responsável pela autoria de 2,56% da quantidade total dos posts do fórum, uma participação bastante alta. Seu *nickname*²⁶ original certamente faz referência ao seu estado de origem, Minas Gerais, e sua idade não está disponível. A imagem que usa como avatar é de Ronaldinho Gaúcho e a mensagem que deixa

²⁶ *Nickname*, ou apenas *nick*, é o apelido que se usa na internet para se identificar em chats, fóruns, entre outros. Ele pode ter relação ou não com o nome verdadeiro ou outras informações pessoais.

no espaço embaixo de seu *nick* é “*First Class Troll*”²⁷, possivelmente em referência ao seu comportamento carregado de sarcasmos e piadas dentro do fórum.

Em segundo lugar, vemos Ethan com a mensagem embaixo de seu nome como “O do Olimpo”, seu nome faz referência a uma personagem da mitologia grega. Seu avatar, também relacionado à tal mitologia, mostra um semideus estrangulando o Leão de Nemeia, missão recebida e acatada a fim de parar a devastação que este causava.²⁸ O seu registro no fórum também data desde 2015 e, apesar da informação sobre sua última visita não estar disponível, podemos saber através de suas postagens que continuou presente no fórum dentro da data que estabeleci como recorte (2019/2020). Nasceu em junho de 89 e hoje tem 30 anos. Também já publicou mais de 1300 posts.

Andrew, o terceiro da lista, se apresenta como uma imagem de dragão e um *emoji*²⁹ composto de caracteres no *subnick*³⁰. Registrou-se em 2015 e se mantém ativo até hoje. Nasceu em julho de 88 e tem 31 anos. Joseph, na quarta posição, é o mais velho de todos dessa lista que optam por exibir sua idade, com 46 anos. Também se cadastrou em 2015 e sua presença no fórum se prolonga até os dias de hoje. Seu avatar é uma foto de Michael J. Fox, ator canadense e seu *subnick* é “Homem Marmito”³¹, conceito cunhado pelo próprio usuário. Em quinto lugar está James, autor de mais de 1700 posts, membro desde 2015 assim como os anteriores. Possui a classificação “veterano” em seu *subnick* e seu avatar é um *frame* da série Narcos, em que Pablo Escobar (interpretado por Wagner Moura) encontra-se de pé ao lado de uma piscina. Com o sexto maior número de reputações, está John, que também se registrou em 2015 e continua ativo. Não há maiores informações sobre sua idade e se apresenta com uma imagem do livro Amerika, de Kafka, com o *subnick* “veterano”.

Os cinco membros que estão no topo dessa classificação interna já nos dão uma ideia de que a participação no fórum concomitante a sua data de criação, ou seja, ser um membro

²⁷ Troll de primeira classe. Troll, na internet, se refere a uma atitude zombeteira e provocadora em discussões, cujo objetivo é muito menos de contribuir, mas sim de desestabilizar os participantes da conversa.

²⁸ “De início, Hércules tentou atingi-lo com suas flechas, inutilmente. Irritado, o herói aplicou com sua *clava* um golpe tão tremendo na cabeça do animal, que este caiu desacordado. Depois de estrangulá-lo, Hércules extraiu o couro do animal com as próprias garras, uma vez que nenhuma arma de ferro o conseguia cortar ou perfurar.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Le%C3%A3o_de_Nemeia>. Acesso em: 20 mai 2020.

²⁹ *Emojis* são ideogramas ou pequenas imagens que servem para indicar um sentimento nos textos digitais.

³⁰ O *subnick* é o espaço logo abaixo do *nickname* em que um membro pode exibir sua patente na comunidade ou colocar uma frase que seja de seu agrado. Ele é exibido para todos os membros do fórum.

³¹ De acordo com a definição do próprio participante, “1.O homem marmito é um sujeito comum. Não chama atenção. Nem por ser bom demais, nem por ser fudido demais. 2. Mulher também gosta de meter. Arder a xavasca. E nem toda noite dá pra caçar com o gato. Aí ela caça com o rato, ou seja, você! 3. O fato da mulher ter dado pra você não significa que ela goste de você. Só significa que ela queria esfolar a theca e ao menos pra isso você serve. 4. Pra meter no fim da noite você serve. Para desfilar no seu carro velho (Escort 1995), nem morta ela quer aparecer ao seu lado!” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2015, não p.). Esse conceito vai na contramão do pensamento de N.A. a respeito da necessidade sexual feminina.

antigo e cuja participação segue até os dias atuais, é um dos fatores importantes para se estar nessa classificação. Conforme pode-se observar na tabela, nove dos 16 listados registraram-se em 2015, enquanto que os outros se juntaram ao fórum em 2016 e 2017. Além disso, de todos estes apenas Kevin, membro desde 2016, não se fez presente até os dois anos escolhidos como recorte do trabalho, ficando também de fora de minha análise.

Outro fator que parece ser relevante para o fórum é o número de postagens, todos os participantes dessa enumeração tem ao menos centenas de postagens, sendo que sete passam de mil. Naturalmente, quanto mais ativo você é dentro do fórum, mais posts e tópicos são feitos, aumentando suas chances de ter seu tópico avaliado. Ainda assim, como há a possibilidade de avaliar as postagens negativamente, essa alta atividade parece ser importante como um elemento de status na comunidade.

A idade atual informada pelos membros também segue uma faixa mais ou menos consistente dentro das informações que tenho disponível, a maioria está entre os 30 aos 40 anos, sendo que dois membros são mais novos (24 e 28 anos) e um é mais velho (46 anos).

5.2 As narrativas

Para análise do conteúdo do fórum, foram coletados todas postagens feitas pelos membros do Hall da Fama no momento da coleta de dados, que se deu de 29 de janeiro a 29 de março de 2020. Os membros que constavam no Hall da Fama, no momento da coleta, eram os que possuíam a maior quantidade de reputações positivas. Isso significa que não apenas suas postagens eram importantes como forma de contribuição para o fórum, mas também que as coisas que ali escreviam estavam sendo frequentemente endossadas pelos outros participantes de forma geral. A partir disso, tudo o que eles haviam postado na seção “Relacionamentos” durante o período de 1º de janeiro de 2019 a 29 de março de 2020 foi coletado em um tabela para que, a partir dela, categorias pudessem ser criadas a fim de entender quais tópicos eram presentes nesses discursos e como eles são abordados por esses participantes.

A seção “Relacionamentos” traz diversos tópicos sobre os mais variados assuntos que consideram a discussão pertinentes. Esses tópicos podem ser aberto sob a forma de relatos sobre experiências pessoais ou de terceiros, podem trazer dúvidas sobre como proceder em algum ponto específico de alguma relação no qual os participantes se encontram, às vezes são

colocados em forma de debate a respeito de alguma afirmação propagada por Nessahan Alita ou trazendo algum senso comum para ser pormenorizado, em outros momentos a reflexão é proposta a partir de algum texto (de autoria própria ou externo) ou matéria jornalística.

Como a proposta é que a análise parte dos textos redigidos por aqueles que compõem o Hall da Fama em função do indicador de prestígio que essa classificação do próprio fórum estabelece, foram categorizados³² os tópicos mais presentes nos discursos desses participantes. Eles versam sobre questões relativas às mulheres - seja em relação a sua aparência, comportamento, a ideia de natureza que difundem-, aos homens - os ideias e, principalmente, o que é rechaçado dentro da comunidade a respeito da virilidade, comportamento nos relacionamentos, a heteossexualidade e homossexualidade, além de outras questões ligadas aos espectros políticos, cristianismo, casamento e família. Há diversas menções também aos livros de Nessahan Alita e à (Filosofia d')A Real que funcionam juntos quase que como uma entidade na qual se encontram as respostas para as mais diversas dúvidas e inquietações masculinas em relação às reflexões, relatos e debates que estão sendo colocados.

Começo, assim, com o relato de um participante que estava questionando o que poderia ter acontecido para que a moça com a qual vinha se relacionando há um mês o tivesse dispensado, alegando que naquele momento da vida preferia priorizar a sua liberdade e não se ater a um namoro, um outro membro que se dispôs a responder o tópico atribui essa atitude ao que ele denomina de “revolução cultural feminista no comportamento feminino”, e explica melhor o que isso significa dentro do campo das relações

A moça aí tem perfil psicológico e mentalidade de feminista, em termos de relacionamento o que isso significa:

1-Instabilidade e baixa duração por motivos fúteis, ilógicos e ideológicos conscientes e inconscientes. Relacionamentos duram de 1 mês a 1 ano, sem assumir isso em redes sociais.

2- Aversão a monogamia e aos tradicionalismos cristãos. A fidelidade a um homem numa relação estável e pública configura uma espécie de abuso a promiscuidade que ela quer exercer. [...]

3- Sim mais vale um estranho na balada, ser amante de um casado, lanchinho de véio rico, metralhadora giratória de app, rodar a banca no carnaval e na gringa do que você, um adorável e romantico CHICRETE GRUDENTO [...]

4- Provavelmente você passará por isso mais vezes, são mulheres com mentalidade feminista, não há o que se fazer e lembrando por mais que elas tentem não conseguirão se adequar em relações sem emoções ou cristãs tradicionais. Muitas emoções e muitas picas....

³² As categorias encontram-se listadas no apêndice 1 desta dissertação.

5- Quando as mulheres feministas dão valor ao que perdem? Quando elas perdem o próprio valor sexual (Ryder, 2019, não p.)

A ideia de que tal mulher opte pela sua liberdade em detrimento de um relacionamento monogâmico automaticamente a intitula como feminista aos olhos desse participante. É importante compreender que a concepção de feminismo que eles replicam é bastante distorcida. Dentro dessa lógica ela implica, necessariamente, em comportamentos específicos das mulheres que são adeptas a esse movimento, os quais consideram que vão na contramão de valores como monogamia e tradições cristãs. Esses comportamentos incluem a falta de fidelidade, promiscuidade, instabilidade e incapacidade de manterem relacionamentos estáveis e saudáveis. O homem também sofre a crítica de ser “um adorável e romântico chiclete grudento”, o que implica que isso o torna automaticamente fora do espectro de homens que eles consideram que as mulheres valorizam. Como já mencionado nos livros de Nessahan Alita, a preferência das mulheres é encarada como algo que pende para os homens frios, que não tem caráter, cafajestes e são uma minoria disputada pela maior parte das mulheres (também denominados de alfa por alguns membros do fórum), enquanto que os homens considerados bonzinhos, que investem em demonstrações de admiração e carinho por elas, mas que não são socialmente destacados e disputados como os cafajestes (também denominados de beta), ficam sempre em segundo plano. O discurso do participante reforça essa crença dentro da comunidade.

O campo feminista, sempre apontado como algo fixo pela Filosofia e pela comunidade, constitui o que Alvarez (2014) denomina como um campo discursivo de ação. Tais campos apresentam partes constitutivas, mas abarcam uma ampla variedade de atores individuais e coletivos, provenientes de diferentes lugares sociais, culturais e políticos. Isso promove a noção de que esses campos discursivos se constituem através de articulações e disputas de representações e significados para e entre si, permeados por desigualdades e relações de poder (ALVAREZ, 2014). O campo feminista, portanto, se constituindo como um campo discursivo de ação, não é monolítico como a comunidade, em parte respaldada pela filosofia dos livros de Alita³³, propaga. O feminismo é articulado nesse espaço como uma representação que visa reforçar a posição de vitimização do masculino e, para isso, há uma

³³ Segundo o autor, quando suas generalizações são feministas a respeito das feministas ele refere-se “às feministas radicais, dogmáticas, unilaterais e extremistas e não às feministas esclarecidas” (ALITA, 2008, p. 188). Contudo, o autor não especifica quais são suas concepções e os critérios de classificação que utiliza para enquadrar esses dois feminismos dicotômicos que idealiza.

flexibilização bastante descolada da realidade do que constitui o feminismo, acompanhada das generalizações que forjam a respeito das mulheres dele adeptas.

O participante insinua que fatalmente essas mulheres feministas irão se arrepender de traçar esse caminho desviante da moralidade cristã e permeado por promiscuidade, mas só a partir do momento em que elas perdem o próprio valor sexual. Ryder está intensamente alinhado aos valores difundidos por Alita em que atrela o valor das mulheres a sua capacidade de prover sexo para homens e à sua beleza física. Para ele, nas relações “o poder de exercer o domínio ou ser dominado vincula-se estreitamente à beleza física, no caso da mulher, e ao destaque social, no caso do homem” (ALITA, 2008, p. 70) ainda que esses não sejam os únicos elementos relevantes. O sexo é, dentro da filosofia, algo que devem tomar por direito: “Se você tem uma namorada ou esposa já deve ter percebido que ela costuma resistir contra quase tudo o que você quer, principalmente em dar sexo exatamente na hora em que você está precisando” (ALITA, 2008, p. 70), até porque é algo que não funciona da mesma forma para homens e mulheres. Em função do instinto dos homens, quando são machos verdadeiros (ALITA, 2008), buscam o sexo das relações, não o carinho. As mulheres em contrapartida só oferecem o sexo quando tem algum interesse além do prazer, como obter prestígio em seu meio, aprisionar o homem emocionalmente, manipulá-lo, ou obter outras vantagens disso. O sexo com mulheres é ponto tão importante dentro dessa filosofia como forma de atestar a própria masculinidade que, apesar de rechaçarem a infidelidade de modo geral (incluindo, muitas vezes, a masculina), que Alita chega a afirmar que “ao recusar o sexo, a fujona está nos autorizando moralmente a trocá-la por outra, mesmo que o negue e não articule formalmente tal autorização” (ALITA, 2008, p. 94).

Essa promiscuidade e a vontade de ter vários parceiros - Ryder denomina de hipergamia - portanto, raramente aparece vinculada ao desejo sexual feminino em si. Tais comportamentos são sempre enquadrados como uma possibilidade de se conquistar certos privilégios para essas mulheres, o que é sumariamente condenado.

Um dos tópicos importantes, que também se ancora no tradicionalismo cristão e está presente nos discursos dos participantes, é a questão do casamento, o qual também parece estar ameaçado pela ideia desse feminismo que propagam. O casamento em si não parece ser visto como algo necessariamente ruim, mas sim a forma como enxergam que ele se tornou no contexto da modernidade. No glossário, já citado, o modelo de relação e de casamento que parecem ser unanimidade como um ideal a serem atingidos são os dos anos 50 e 60. O divórcio é percebido como um sinal claro da falência dessa instituição, cujas razões para que aconteçam é, novamente, por conta do feminismo e

sinto-lhe dizer não há mulher prestável pra todo mundo, somente relações conservadoras e monogâmicas poderiam proporcionar algo do tipo... mas você já sabem veio o feminazismo e a revolução cultural e devastou tudo, pobre bostileiros não viverão o sonho americano de família feliz, os números do censo³⁴ são duros, cerca de 50% a 60 % das gerações em transito dinâmico entre si viverão na zona do divorcios, multiplos casamentos e relacionamentos instáveis isto é PROGRESSISMO ou holocausto cultural. (RYDER, 2019, não p.).

O divórcio³⁵, para esse participante, é tido como algo que sempre vai prejudicar a vida do homem e privilegiar a mulher, sendo comparado a um tipo de estelionato por parte das mulheres, com a diferença de que é socialmente aceito. “O estelionato feminista é protegido e recepcionado pela lei na forma de casamento ou união estável, gerando benefícios e pensões que podem chegar a 6 dígitos. Não existe equidade quando se trata de homem e mulher, o homem sempre se fode” (Ryder, 2019, não p.). Eles se consideram vítimas das artimanhas femininas porque “a masculinidade hegemônica é invisível àqueles que tentam obtê-la como um ideal de gênero, ela é especialmente visível precisamente àqueles que são mais afetados pela sua violência” (KIMMEL, 1998, p. 14).

Contudo, não há somente críticas ao casamento. Esse pensamento fatalista de que ele sempre culmina no divórcio (esse sim, necessariamente danoso para o homem), encontra seu contraponto em um relato do membro Christian que, através de seu relato pessoal sobre seu próprio casamento, tenta trazer uma visão mais realista sobre os percalços de uma relação, mas com um tom mais esperançoso sobre a possibilidade de se manter relacionamentos. Ele afirma que como não conhece nenhum usuário real do fórum e também por estar ali anonimamente, resolveu relatar sua história e “deixar aí registrado pelo menos um

³⁴ De acordo com o IBGE, no Brasil, a proporção é de três casamentos para cada divórcio. As pessoas vem se casamento menos que anteriormente (e se divorciado mais. “A pesquisa mostra que entre 2016 e 2017 o número de uniões registradas diminuiu 2,3% e o número de divórcios aumentou 8,3%”. Fonte: LOSCHI, Marília. Casamentos que terminam em divórcio duram em média 14 anos no país. **Agência de notícias - IBGE**, [S.l.] 2018. Disponível em:

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22866-casamentos-que-terminam-em-divorcio-duram-em-media-14-anos-no-pais>>. Acesso em: 3 mai 2021.

³⁵ Vale lembrar que o divórcio é também um direito que demorou a ser conquistado no Brasil, tornando-se um dos últimos países a instituí-lo. A lei foi sancionada em 26 de dezembro de 1977. Antes disso, o casamento era indissolúvel ea pessoa que desejasse separar-se do cônjuge era considerada desquitada, havendo separação de bens e corpos sem, contudo, dissolver o laço matrimonial. Isso não permitia que as novas uniões de pessoas desquitadas fossem reconhecidas pelo Estado, as quais eram chamadas de concubinato e seus filhos eram considerados ilegítimos. A promulgação da lei, entretanto, não se deu sem embate entre setores da sociedade, sua adoção “sofria forte oposição da Igreja Católica e de setores conservadores da sociedade, que lutavam para manter o preceito constitucional — inserido na Carta Magna de 1934 e mantido nas constituições seguintes — de que o casamento era indissolúvel.”

Fonte: Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil>>. Acesso em: 04 mai 2021.

relacionamento que ainda não tenha terminado em desgraça” (CHRISTIAN, 2019, não p.), já que são menos numerosos dentro do fórum. Seu relato é de seu segundo casamento, que na época do relato já seguia por 14 anos, com uma garota que conheceu quando estava na casa dos 20 e poucos anos e ela estava ainda no Ensino Médio quando começaram a se relacionar.

Ele explicita desde os primeiros percalços da relação, quando ele demonstrava que queria ser mais do que amigo de sua atual esposa, mas ela não correspondia, até os momentos durante o casamento, em que precisou ter pulso-firme para não se colocar em uma situação no qual ficasse submetido à família de sua esposa ou a ela. O ponto principal de seu relato que demonstra suas concepções sobre casamento e que é amplamente elogiado pelos outros membros é uma situação em que, ansiando por expandir sua família ao ter filhos no auge dos 5 anos de casamento, ele decide que iria comprar uma casa maior para que pudessem ficar confortáveis. Querendo ajudar com a situação, seu sogro comprou uma casa para que Christian e sua esposa pudessem morar e lhes entregou as chaves. Ele não ficou nada feliz com a situação de, segundo ele, “morar de favor” na casa do sogro, o que gerou um desentendimento entre eles.

Quando chegamos em casa e o pai dela foi embora, começamos uma discussão, porque ela não entendia o porquê de eu claramente não ter gostado da “surpresa”. Eu respondi que ela não podia agir assim pelas minhas costas, que essas decisões importantes ela não poderia tomar sozinha, que ela tinha botado pilha no pai dela pra comprar aquela casa sem me avisar porque sabia que eu não iria aceitar, e com ela já comprada seria mais difícil eu recusar. (CHRISTIAN, 2019, não p.).

A atitude de sua esposa é considerada por ele como algo que pode fazê-lo perder a confiança que deposita nela e lhe foi comunicado que ela não deveria repetir esse tipo de atitudes, muito menos se meter nesse assunto novamente. Decidiu, então, conversar diretamente com seu sogro. Mas seu motivo para não aceitar a casa do pai dela é porque “Não existe dois líderes em uma família, não existe dois machos no bando, isso não dá certo.” (Christian, 2019, não p.), aceitar a casa configuraria, para ele, ceder à interferência de seu sogro em sua família, bem como lhe deixar liderar.

Quando nós temos o poder do dinheiro confrades nunca agimos de forma egoísta, nunca jogamos na cara delas os sacrifícios que fazemos, sabemos levar a relação de forma sadia, se a mulher é boa você será bom e tudo flui naturalmente, por isso temos o poder da liderança, por isso famílias onde se respeita a ideia do cabeça do lar são mais bem sucedidas, a mulher não tem maturidade pra ter o poder da liderança, o que acontece quando a mulher manda? A gente sabe. (CHRISTIAN, 2019, não p.).

Em função dessa crença, tomou a decisão de pedir um empréstimo para seu sogro, sob a condição de que sua esposa jamais ficasse sabendo, assim ele lhe proporcionaria a facilidade de oferecer juros menores que o banco, ao mesmo tempo em que a casa que iria comprar seria de fato sua. Com sua esposa, as coisas foram menos serenas. “Quando eu cheguei em casa a jovenzinha estava lá, e olha só... tinha ido no salão e metido a tesoura no cabelo, cortou no ombro só pra me provocar, porque sabe que eu não gosto de mulher com cabelo curto. Mulher é um bicho complicado!” (Christian, 2019). Isso provocou novamente a ira de Christian, mas seu relato destaca sua temperança, que não explodiu em raiva e nem ficou confrontando sua esposa, assim como Nessahan Alita prescreve.

Quando a gente esta casado aprendemos a desenvolver um método muito bom nessas horas de tensão, você ensina a sua mente a sair do seu corpo, respira fundo, se concentra e segundos depois você olha pra sua esposa e não escuta nada, só vê a boca dela se mexendo, e deixa ela falar, enquanto isso você está em outro plano, outra dimensão, tenta focar no sexo que virá na hora reconciliação, o sexo depois das brigas são sempre os melhores. (CHRISTIAN, 2019, não p.).

Segundo Alita (2008), discutir com mulheres é sempre uma perda para os homens, uma discussão com elas só pode ser vencida pelo homem quando não se propõe sequer a entrar em uma discussão e, sim, expor suas ideias unilateralmente ignorando o ponto de vista feminino. Isso acontece, segundo ele, devido a pouca racionalidade feminina, combinada com a aguçada inteligência emocional, que faz com que elas encaminhem as discussões sempre para um rumo no qual elas jogarão com manipulação emocional, sem conseguir compreender racionalmente a questão em si, apenas porque essa é a estratégia feminina para conseguir vencê-las e isso as protege de um confronto lógico de seus próprios erros.

Em seguida a esposa de Christian, influenciada pelas telenovelas, segundo ele, toma uma atitude mais enérgica, pedindo para que ele fosse dormir no sofá.

Deitei do meu lado da cama tentando ignorar a situação.
 - Eu não vou dormir com você, pode sair da cama.
 Acho que ela pensou que pelo fato de estar grávida eu iria arregar.
 - Se você não quer dormir comigo tudo bem, é um direito seu, pode ir você dormir lá fora, eu estou na minha casa, na minha cama e aqui que eu vou dormir.
 (CHRISTIAN, 2019, não p.).

O relato reforça um dos pilares da Filosofia Realista a respeito dos relacionamentos que é a questão de que, independente das motivações ou da própria atitude que ela tomou de colocá-lo para fora da cama, o que é reforçado por seu marido é a questão de não ceder e de ser ele quem comanda a relação, tendo a última palavra sempre. Tal posicionamento,

contudo, não foi aprendido através da Real, mas sim com seu pai, que, conforme ele relata, jamais se submeteu a ir dormir fora do próprio quarto quando ele e sua mãe se desentendiam, exemplo que toma como ideal para aplicar também em sua relação.

De acordo com o que ele conta do desfecho da briga, foi exatamente isso o que aconteceu: ela dormiu no sofá por alguns dias até que os ânimos se apaziguassem e se reconciliaram com o sexo por ele esperado. Quanto a sua relação, depois desse desentendimento, não houve nada mais de tão grave em seu relacionamento, que segue após 14 anos juntos, “hoje temos uma convivência sadia e de respeito, tive mais um filho, dessa vez veio um homem ‘graças a deus’.” (CHRISTIAN, 2019, não p.).

Esse relato, em especial as decisões que ele relata tomar são bastante endossadas por outros membros e serve para reforçar o caráter transformador de se colocar em contato com a Real.

Grande relato. Um refresco no meio de tanta TEORIZAÇÃO (escrito de maneira pomposa e bem elaborada) vigente com frases de efeito. A REAL é sobre a liberdade de fazer o que você quer fazer, sem manuais mas conhecendo as regras do jogo. Cai na REAL pra valer depois de um divórcio bastante complicado, já cai na pilha de pensar que "nenhum casamento dá certo" e etc. Tudo teorização imbecil. Certo ou errado é a gente que faz, o que precisamos é ter firmeza e nos responsabilizarmos por tudo o que fazemos nesta vida. Parabéns. (KYLE, 2019, não p.).

Além de enfatizar a importância da Real enquanto uma forma de libertação, também questiona a falta de vivência empírica que é percebida por ele em relação a alguns participantes do fórum, através de discussões puramente teóricas, sem relatos de aplicação dos ensinamentos da Real em suas vidas cotidianas. Ele insinua que essa falta de experiência prática leva alguns homens (ele, inclusive) a adotarem posicionamentos mais radicais como o de que todo casamento está fadado ao fracasso, o que se choca com a perspectiva que ele sustenta de que a Real é para ser algo libertador e não coercivo.

Segundo Costa (2002, p. 80), nos últimos anos passou-se a reconhecer que “o campo social está intersectado por várias camadas de subordinação (tais como raça, etnia, classe, orientação sexual, idade, religião, nacionalidade, etc.) que não podem ser reduzidas unicamente à opressão de gênero.”, essa perspectiva que parte da interseccionalidade permite a apreensão do campo social constituído a partir de relações móveis, em que essas categorias se articulam com outras e produzem efeitos diversos, em contextos históricos e geográficos específicos, e viabiliza posições a serem ocupadas pelos sujeitos (COSTA, 2002).

Essas sobreposições de categorias engendram esses interstícios (*in between spaces*), em que o sujeito pode se posicionar de forma provisória.

O desafio de teorizar o surgimento dos interstícios ou dos espaços *in-between*, alojando identidades mais híbridas, reside em encontrar linguagens apropriadas ou tropos discursivos através dos quais se possa representar ou simbolizar as posicionalidades e experiências múltiplas, variáveis e conflitantes do sujeito. (COSTA, 2002, p. 83).

dentro do qual se produzem identificações, não necessariamente identidades, tornando o sujeito ambivalente, pois só o é da forma como é naquele contexto e momentos específicos.

A filosofia do Real não possibilita a ideia de provisoriedade e transitoriedade do sujeito, pelo contrário. Toda a semântica da comunidade se ancora na ontologia e na biologia, mantendo a fixidez das possibilidades de ser. Essas possibilidades estão delimitadas por um modelo bastante rígido de masculinidade que é sempre construído em oposição à feminilidade (e a tudo que se aproxime desse espectro, como a própria homossexualidade). É evidente que a aproximação com a Filosofia da Real se dá através de identificações prévias com o conteúdo que se dissemina, ao exemplo das atitudes tomadas por Christan se referirem ao que aprendeu ao observar seu próprio pai, que não coincidentemente se aproxima dos ensinamentos da Filosofia da Real. Uma vez pertencente à comunidade, seu relato sugere a manutenção de uma auto-identidade, que é criada e sustentada rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo que a concebe (GIDDENS, 1993). A Filosofia é apreendida à luz de suas próprias experiências, interpretações e reflexões e o senso de coesão e continuidade que o desenvolvimento pessoal forjado a partir dessa filosofia lhes traz, serve como forma de apaziguar essa insegurança ontológica característica da alta modernidade. Tais relatos são reflexivamente construídos a partir da junção das próprias experiências e concepções de mundo aliados aos novos ensinamentos que a filosofia traz.

A Real é concebida por alguns dos membros como Kyle como uma forma de libertação, como já mencionado, dando ênfase nas possibilidades que tal filosofia traz. “A Real não te proíbe de nada, só de ser viado e esquerdistas.” (RYDER, 2019, não p.). Esse potencial transformador, contudo, não vem de forma tranquila. Para ele, a Real veio após um divórcio e é a partir dessa experiência que recomenda também aos outros membros (no caso, em um tópico cujo relato tem a ver com a vontade de um dos participantes de terminar uma relação em que já não consegue confiar em sua parceira) que trilhem o mesmo caminho que ele, tendo a Real como seu suporte: ele o incentiva a dar fim a relação e se afastar completamente da parceira, “depois disso, vai se sentir aliviado inicialmente... mas depois,

pode tropeçar em dúvidas, daí este fórum e a REAL vão te ajudar a não perder a lucidez... Após este período, fazendo a coisa certa, estará em paz e mais experiente...” (KYLE, 2019, não p.).

A Real funciona como uma espécie de casa-dos-homens (WELZER-LANG, 2001), em que há uma transmissão de conhecimento e aprendizado necessários para aprender a ser homem. Tal aprendizado, em outros contextos, passa pelo mimetismo. Dentro da comunidade os recursos disponíveis são os discursivos, já que há uma insistência para que os membros não revelem informações pessoais que possam identificá-los, mantendo assim, o anonimato dentro do grupo. Os relatos e a exposição e discussão de suas experiências pessoais, portanto, tem essa função de trazer exemplos que demonstram essa mudança de posicionamento a partir da tomada de conhecimento da Real, em que os outros participantes se engajam dando dicas, sugestões de como agir e do que devem estudar para melhorar o próprio desenvolvimento pessoal a partir das referências que seguem.

Além disso, há também respostas mais violentas com uma intenção mais claramente manipulatória em relação aos outros membros, criando um clima de desconfiança da heterossexualidade dos outros participantes e/ou da própria masculinidade, já que nessa comunidade a heterossexualidade é obrigatória. Reagir a relatos em que os homens sentem-se inseguros em relação às suas parceiras ou ex-parceiras com insinuações de traição, é, por exemplo, um recurso discursivo bastante comum como forma de questionar a masculinidade alheia.

Passou o fim de ano distante da namorada? Caralho você é boi faz tempo, boi no rolete. Independente do passado que confessou, o jovi (sic) Bentinho de Machado de Assis prescinde de atitudes condizentes com a fidelidade, seus erros passados não devem negociar com o presente redimido. (RYDER, 2019, não p.).

Com isso, cria-se uma constante vigilância dentro do grupo, em que o que está em jogo é a própria masculinidade ameaçada pelo status de “corno” ou gay, a qual está sob constante exame dos outros participantes. Esse exame, novamente, se faz com o embasamento fornecido pelos livros de Nessahan Alita, autor constantemente lembrado quando algum relato ou comentário indicam que seus ensinamentos não estão sendo colocados em prática por algum dos membros. Ele serve também para a manutenção dessa autobiografia, em que essa identidade coesa precisa ser mantida e seus direcionamentos são dados a partir da Filosofia. Assim, os livros e a comunidade fornecem as ferramentas para que essa identidade seja estabelecida. Segundo Ryder (2010, não p.), “a Real mostra

elementos, perfis e padrões das mulheres modernas para que o confrade CHICRETE (sic) possa exercer a seletividade com discernimento, discriminação e preconceito se assim o quiser.”.

Também um dos valores reiteradamente mencionados pela comunidade que constitui um dos pilares de defesa da Filosofia é a honra masculina. Não à toa, um antigo fórum pertencente a esse conjunto de páginas disseminadoras da Filosofia Realista chamava-se Homens Honrados (HH), como já foi mencionado anteriormente. Segundo Araújo (2011), a honra masculina foi produzida simbolicamente não a partir de si mesmo, mas é uma construção que se apoia sobre o corpo feminino. A infidelidade feminina de mulheres consideradas direitas é o que poderia manchar a honra de um homem. Como a necessidade sexual sempre foi considerada uma regra, enquanto que a exploração da sexualidade feminina sempre esteve em segundo plano, a honra feminina era estabelecida a partir da renúncia de uma vida sexual ativa, com a preservação de sua virgindade. Para os homens, relacionar-se sexualmente com mulheres era a regra e atestado de uma masculinidade bem sucedida. Não à toa uma frase famosa para se descrever (e ditar) aos diferentes comportamentos que homens e mulheres deveriam ter em relação à questão sexual era “Prendam suas cabritinhas, porque meus bodes estão soltos”. Segundo a autora,

As cabritinhas devem ser ‘guardadas’ para preservar sua virgindade, que está sendo cuidada para o futuro marido. A expressão ‘cabritinha presa’ possui o significado de honra preservada. Liberar as ‘cabritas’ significava vulnerabilidade, fragilidade e perigo sexual. Elas soltas podiam colocar em risco a ordem da ‘moral social’. (ARAÚJO, 2011, p. 54).

Alguns membros do grupo fazem o esforço de retirar um pouco da responsabilidade que é colocada sobre as mulheres dentro do grupo, incentivando em relatos de decepções que os homens também se responsabilizem pelos rumos das relações que estabelecem e ajam de modo a se proteger, como no trecho seguinte:

Tudo bem, talvez você não fosse tão “*red pill*”³⁶ quanto hoje, por isso se relacionou com ela, mas o seu entendimento sobre os fatos do passado precisa mudar de perspectiva para que você não caia no mesmo engano amanhã. Huma [sic] mulher “honrada” pode e fará você ir pra merda do mesmo jeito se você permitir. Entenda, a questão não é “como os outros agem” mas sempre ‘como EU ajo’! (ETHAN, 2019. não p.).

³⁶ A expressão *red pill* faz referência ao filme Matrix (e também aos movimentos masculinistas americanos). Trata-se da pílula que o protagonista toma que o trará a consciência de que tudo que viveu até então tratava-se de uma simulação. A escolha da *red pill*, contudo, não pode ser revogada.

O membro Ethan incita que o participante aconselhado se dispa de uma posição vitimária e entenda que a forma como ele se porta em suas relações é também uma forma de negociar e se responsabilizar pelo que ocorre, seja por seu sucesso ou fracasso, avaliando a si mesmo de forma interativa a fim de não cometer os mesmos erros e acabar enfrentando os mesmos problemas. Problemas, tais, que são facilmente relegados às mulheres, uma vez que há essa prática histórica de mensurar a honra masculina através das mulheres. Grossi (2004), ao tratar das masculinidades no contexto brasileiro, afirma que

[...] para nossa cultura, um homem honrado é aquele que tem uma mulher de respeito, ou seja, uma mulher recatada, controlada, pura, etc. É a mulher quem detém o poder de manter a honra do marido, pois se um homem não tem uma mulher virtuosa ele perde a sua honra. (GROSSI, 2004, p. 12).

Apesar de serem vistas como as representantes da honra do marido e das famílias, não são as mulheres as beneficiadas pela adequação de seus próprios comportamentos a essas regras, “as subjetividades sobre o corpo feminino estavam associadas às práticas de subjetivação que deveriam zelar e cuidar da honra, mas para que o masculino recebesse os benefícios, reforçando os códigos que lhe dão sustentação” (ARAÚJO, 2011, p. 53). Enquanto que para os homens há um reforço de sua virilidade enquanto uma forma de expressão da dominação masculina (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009), seu oposto para as mulheres, em que ocorre essa supressão da subjetividade feminina que serve à sua própria submissão é denominada mulheridade, um “neologismo que designa a alienação da subjetividade feminina no estatuto da submissão. [...] A mulheridade não é, portanto, simétrica à virilidade. Enquanto esta pode servir de identidade de empréstimo naquilo que é promessa de valorização, a mulheridade rende apenas à depreciação e à negação de si.” (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009, p. 104).

Ao menos dentro da comunidade, o esforço de exercer esse papel que lhes foi destinado parece ser algo ainda mais ingrato. Essas mulheres, no fórum, são frequentemente denominadas de “Maria exceção” ou “Maria direita”, esse “termo usado em tom sarcástico para referir-se àquela mulher que se faz de santinha e muitas vezes até adota publicamente um discurso de mulher honrada, conservadora, religiosa, mas que na realidade é tão ou até mais pervertida que as demais e está apenas tentando cair nas graças de homens honrados desavisados afim [sic] de obter quaisquer tipos de vantagens” (FÓRUM LEGADO REALISTA, 2017 não p.). Assim, a mulher que seria bem comportada e asseguradora dessa honra tem sua moral e suas intenções colocadas em constante desconfiança de que adote tal

estereótipo a fim de satisfazer os desejos de homens honrados de acharem uma mulher que seja uma exceção em relação às mulheres que tanto criticam.

Em um tópico no qual o membro do fórum Max relata a experiência que teve com mulheres religiosas, que não apenas fazem parte da igreja, mas também aderem a algumas de suas recomendações com relação à sexualidade feminina. No relato em si é mencionada a valorização e preservação da virgindade, no qual a moça de seu relato afirma aguardar para ter relações sexuais apenas depois do casamento. Tal relato, entretanto, denuncia que as mulheres com as quais tal participante teve contato diziam valorizar a virgindade e se apoiar em valores cristãos, mas na realidade mantinham relações sexuais às escondidas. Em tal relato, o participante do fórum mostra como se aproveitou dessa situação para “marmitá-la”³⁷. Seu intuito com o relato é explicitado já na primeira frase: “Trago esse relato para destruir qualquer idealismo (imagem que o indivíduo cria) em relação às mulheres de igreja, como sendo santas ou exceções.” (MAX, 2018, não p.). O relato gera um debate sobre a questão da honra feminina, que serve como régua para a honra dos próprios homens com quem elas se relacionam.

Nada de novo no *front*... a mulher senta em mil picas e acha que entrando na igreja vai zerar o contador. Deixa a ala sonho de noiva caçar as honradinhas- virgens. Entrando na igreja ninguém zera contador realmente, quanto ao "caçar as honradinhas virgens" vocês falam mal das minas honradas e virgens, mas no final das contas são elas que vocês entregariam a sua confiança. (ANDREW, 2019, não p.).

O pensamento da Filosofia da Real é permeado pelo reforço de uma lógica dicotômica e essencializantes. A possibilidade de desnaturalizar essa fixidez teria que introjetar em tal filosofia e lógica da coalizão (LUGONES, 2014), tal processo só se torna possível quando se parte do giro descolonial. Apesar da posição hierárquica masculina dentro da sociedade, a compreensão de que é necessária a recusa, e não a incorporação dos significados e a organização estruturados pelo poder, é essencial para que se crie um terreno epistemológico em que as queixas da masculinidade passem por verdadeira transformação, sem reforçar lugares de hegemonia e subalternidade que submetem mulheres e os próprios homens.

Assim como a homossexualidade para Butler (1993) requer uma certa performance e produção do self, o qual é efeito constituído do discurso que clama representar, também o é a

³⁷ Marmitar, dentro do que o conceito é apresentado no fórum, refere-se ao ato de, na falta de ter uma opção melhor à sua disposição, envolver-se em relações sexuais com mulheres com as quais eles não possibilitariam nada para além de envolvimento sexuais mais pontuais, com uma interdição já de antemão de que isso se torne algum tipo de relação mais séria, seja pela razão que for.

heterossexualidade. Para Butler (1993), não existe um eu que preceda o gênero que se performa. O eu se constitui somente através das repetições e imitações, e são as próprias repetições e as falhas que elas promovem é que produzem, de fato, o conjunto de performances que vão fornecer coerência a esse sujeito.

O gênero, para Butler, é um tipo de performance para o qual não existe um original, pelo contrário, é a própria repetição que produz a ideia de originalidade como um efeito. Para a autora, que fala na compulsoriedade da heterossexualidade, ela é performativamente constituída através dessa imitação de aproximação de sua própria idealização. Com esses homens não é diferente, a Filosofia da real propõe um modelo tanto de masculinidade quanto de heterossexualidade bastante rígido que resiste a se deixar permear por qualquer ideia mais fluidifique as barreiras entre os binários homossexual e heterossexual, bem como homem e mulher. O livro de Nessahan Alita (2002) é todo pautado em dualidades, a começar pelo título de um dos volumes, denominada “O magnetismo das relações sociais”, que reforça a rigidez dessa divisão entre homens e mulheres com a metáfora do magnetismo: as relações sociais funcionariam como ímãs que estão em pólos opostos e esses fluxos magnéticas são o que guariam as estruturas sociais.

CONCLUSÕES

O fórum, com toda a bagagem de leitura que é proporcionada, possibilita a existência de uma lógica que se atrela a um estilo de vida escolhido por esses usuários. Eles escolhem reflexivamente seguir o caminho do desenvolvimento pessoal que culmina na produção de uma masculinidade de tipo hegemônica, com pouco espaço para a produção de novas possibilidades de masculinidades.

As formas de se relacionarem com as mulheres envolvem sempre um jogo de desinteresse, de menosprezo como uma forma de protegerem a si mesmos das expectativas que criam em cima delas. Como sabem que a “mulher ideal”, dentro dos seus ideais conservadores é uma figura inexistente, pois tal mulher só existiria se, paradoxalmente, optasse por uma anulação integral da própria subjetividade a fim de servir como boa esposa e para dar-lhes filhos, toda liberdade, independência, assertividade, expressões de sexualidade e desejo provenientes das mulheres são vistos com desconfiança e possível fonte de frustração das próprias expectativas. Como vimos, Alita (2008) afirma explicitamente defende a família (que pelos seus escritos só pode ser a família tradicional, composta de pai, mãe e filhos), a fidelidade entre o casal e a sujeição voluntária das esposas e filhos à autoridade do homem.

O campo feminista para esse homens e seu mentor não é percebido tal como é: um campo discursivo de ação, uma vez que tem uma visão bastante monolítica sobre o que seria o movimento, que em realidade é muito mais plural do que eles conseguem conceber. É comparado ao nazismo e visto como parte da decadência moral da sociedade.

Há uma incompatibilidade entre os comportamentos femininos e modelos de relação que idealizam com as premissas do feminismo de liberdade e igualdade, uma vez que a hierarquia deve manter-se estabelecida para que tenham relacionamentos bem sucedidos. Defendem que seus posicionamentos em relação às mulheres, em especial no que tange às relações amorosas, devem partir sempre desse lugar hegemônico, com o poder de decisão e dominação sobre a relação.

A recompensa que esperam da própria masculinidade bem ajustada é justamente essa: relações estáveis com mulheres, em que elas se anulem o suficiente para serem submissas a eles. O homem só pode ter uma relação bem sucedida nos moldes em que prega o autor, se ele detiver a autoridade em relação à mulher. As possibilidades de relação promovem uma releitura de um imaginário idealizado dos anos 50, impedindo que haja uma abertura para a democratização das relações que Giddens (2002) concebe como uma tendência das relações

afetivo-sexuais na modernidade, aproximando-se mais do amor romântico no qual, como Grossi (2004) evidenciou, na sociedade brasileira tem como modelo uma relação em que as mulheres devem sustentar toda a carga emocional da relação, passam a deixar de serem vistas como esposas e passam a ser vistas como mãe, que no nosso contexto remete a uma sacralidade incompatível com a uma vida sexual ativa para essa mulher ainda que dentro do casamento. Enquanto que os homens precisam reafirmar e exercer a própria necessidade de ter relações sexuais buscando-as fora de casa, atitude reprovada por alguns dentro do fórum, mas que ainda é de menor relevância contra àqueles que a normalizam. O sexo é considerado essencial para os indivíduos do sexo masculino, mas não o é para o feminino, o que lhes concederia o direito de “tomá-lo” quando oferecem amor em troca ou de buscá-lo em outro lugar.

Suas visões de mundo são pessimistas, não somente em relação às mulheres, mas quanto aos próprios homens e a todas as outras questões que lhe são caras, especialmente em se tratando de condutas morais. Todo progressismo é visto como uma deterioração da moral e da própria sociedade, havendo uma clara frustração de viverem em uma época em que não necessariamente colherão as benesses que apenas o fato de nascer homem lhes garantiria (ou pensam que lhes garantiria) em um outro momento da história. O politicamente correto é visto com rechaço, pois o enxergam como uma ameaça às suas próprias existências, as quais eles recusam parcialmente a reconfigurar a partir do contexto em que vivemos.

O discurso de Alita destaca essencialmente o que ele define como “o lado obscuro” das mulheres, ainda que deixe claro que o foco nos pontos negativos não quer dizer que não haja pontos positivos. Essas questões, ainda que visem tornar seu discurso mais ponderado e ameno, não têm qualquer relevância quando paramos para observar como essa dualidade permeia todas as características dicotômicas que ele apresenta. Ele considera que a masculinidade pode ser forjada e trabalhada, motivo que o leva a escrever para ajudar os homens.

O autor, contudo, propõe um modelo muito rígido de masculinidades, ainda que recomende “a fusão de características opostas” que sempre culmina em reforçar os binários essencializantes que os estudos de gênero das últimas décadas têm se esforçado em desmistificar. O modelo que foi proposto é de uma masculinidade única, que não encontra espaço para funcionar perfeitamente quando se depara com o mundo real. Não à toa, questões como relacionamentos interpessoais, são alvo de preocupação do grupo. Tudo aquilo que não se encaixa na masculinidade proposta é rechaçado. As próprias mulheres são encaixadas dentro de um modelo que lhes é antagonico e só são percebidas por eles desta forma, as que

não se encaixam perfeitamente são banidas, excluídas e rechaçadas ou apenas ignoradas, seja dentro da dinâmica do fórum ou nas narrativas de suas histórias pessoais. A forma como abordam a masculinidade é, assim, *normativa* e *essencializante* e não se revelam como modelos transitáveis às contribuições dos questionamentos decoloniais, que dispensa as categorias fixas e homogêneas.

Sabendo que o reforço da dualidade é algo, por si só, opressivo, pois aciona as categorias dicotômica e necessariamente hierárquicas da modernidade colonial (LUGONES, 2014). As representações sobre os femininos, as metáforas que utilizam são mais uma vez repletas de dualidades e de desconfiança, o que automaticamente as coloca em posição hierarquicamente desprivilegiada. As representações que fazem a respeito do feminino é necessária para a própria existência do grupo, que se funde no ideal de que as mulheres são seres naturalmente vis e por isso, devem tornar-se um homem ideal, que não só forja a própria masculinidade, mas a utiliza como um instrumento para conseguir se relacionar com as mulheres. Há uma perspectiva claramente anti-feminista pois sequer crêem no ponto de partida que origina o feminismo, o de que há uma desigualdade entre homens e mulheres que as coloca como uma classe oprimida.

A heterossexualidade é vista como a única opção possível para a adequação aos seus ideias de masculinidade e virilidade. Um homem gay se aproxima da feminilidade e, portanto, é visto como subalterno. Qualquer comportamento que eles considerem “viadagem” é passível de ser alvo de menosprezo e zombaria dentro da comunidade, comportamento que também pode ser observado nos escritos de Alita. A comunidade serve ao fim da perpetuação de uma masculinidade heterossexual que encontra dificuldades de ser apresentada de tal no mundo *offline*, sendo violenta, dominante, e servindo ao fim de perpetuar esses estereótipos de gênero.

Tais conclusões nos servem a compreender um dos diversos modelos de masculinidades que estão sendo difundidos que ainda resiste às investidas dos feminismos, movimentos LGBTQIA+ e às perspectivas mais igualitárias dos relacionamentos na modernidade, além de investigar as masculinidades heterossexuais, que apesar de se pretenderem hegemônicas, ainda são pouco numerosas em termos de produção acadêmica. Esse também se revelou um grupo de interesses conservadores, pois fazem coro ao pânico moral da ideologia de gênero. Contudo, há a promoção de um espaço onde os homens fazem trocas e confidências a respeito da vida íntima mostrando-se participantes parciais do processo de transformação de intimidade revelado por Giddens (1993) já que essas inquietações da vida íntima são discutidas, compartilhadas e publicizadas a fim de

constituírem parte de suas próprias narrativas coerentes, constituindo parte importante do projeto reflexivo do eu.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Por amor ou por dinheiro? Emoções, Discursos, Mercados In: **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos: Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 117-138.

AGUAYO, Francisco; NASCIMENTO, Marcos. Dos décadas de Estudios de Hombres y Masculinidades en América Latina: avances y desafíos. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 22, p. 207-220, abr. 2016.

ALITA, Nessahan. **O Magnetismo nas Relações Sociais: A Submissão do Ser Humano através de suas Fraquezas**. [S.l]: Edição virtual independente. 2008.

_____. Como Lidar com Mulheres: Apontamentos sobre um Perfil Comportamental Feminino nas Relações Amorosas com o Homem. In: **O Sofrimento Amoroso do Homem - Vol. I**. [S.l]: Edição virtual independente. 2008.

_____. O Profano Feminino: Considerações sobre uma Face da Mulher que Ninguém Quer Encarar. In: **O Sofrimento Amoroso do Homem - Vol. II**. [S.l]: Edição virtual independente. 2008.

_____. A Guerra da Paixão: As Artimanhas e os Truques Arditos das Mulheres no Amor. In: **O Sofrimento Amoroso do Homem - Vol. III**. [S.l]: Edição virtual independente. 2008.

_____. Reflexões Masculinas sobre a Mulher e o Amor: Algumas Heresias que Faltaram Dizer. In: **O Sofrimento Amoroso do Homem - Vol. IV**. [S.l]: Edição virtual independente. 2008.

_____. **Textos Complementares**. [S.l]: Edição virtual independente. 2009.

_____. **Textos Complementares II**. [S.l]: Edição virtual independente. 2009.

ALMEIDA, Ludmila Pereira de. Corpos diaspóricos e masculinidades negras: Uma leitura de Todo mundo odeia o Chris a partir da decolonialidade. **Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad**, v. 03, ed. especial, dez., 2017.

ALVAREZ, Sonia E.. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 43, p. 13-56, dez. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 set. 2020.

ARAUJO, Eronides Câmara de. **“Fazer de algumas passagens, quadros e quem sabe um dia, você possa Assinar”**: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor. 295 f., Tese (Doutorado em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011).

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. “Imitation and Gender Insubordination”. In: FUSS, Diana. **Inside/Out**: lesbian theories, gay theories. New York & London: Routhledge, 1991, p. 13-31.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**. n 42, p. 249-274, jan-jun 2014.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: Zaluar, Alba (org.), **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. p. 77-86.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. Cidade universitária - México: Ed. PEUG, 2003.

_____. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**. v. 20, n. 2. p. 185-206, jul./dez. 1995.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu** . n. 19, p. 59-90, 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 out. 2020.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2.ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., v .1, 1994.

FASSIN, Éric. “A democracia sexual no coração da democracia”: a centralidade do gênero para a leitura do presente – entrevista com Éric Fassin. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 23, 2019. Entrevista concedida a Larissa Pelúcio e Diego Paz. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100603&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 abr. 2021.

FERREIRA, Guilherme Gomes. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.20, n.36, p.166-178, jan./jun. 2016.

FIGUEROA-PEREA, Juan-Guillermo. Algunas reflexiones para dialogar sobre el patriarcado desde el estudio y el trabajo con varones y masculinidades. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 22, p.221-248, abr. 2016.

FRANCO, C. B. **Como conquistar mulheres: masculinidade e subjetivação em uma comunidade virtual**. 204 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38321>> .Acesso em: 15 nov 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1988.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP. 1991.

_____. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

GLICK, Peter.; FISKE, Susan T. The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating Hostile and Benevolent Sexism. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1996, Vol. 70, No. 3, p. 491-512

GROSSI, Miriam. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, n.1, 2004.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua** : acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018. IBGE, 2018. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101705>>. Acesso em: 20 set. 2020.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Brasil: Zahar, 2011.

JAURÉGUIBERRY, Francis. Le moi, le soi et Internet: Médiations, pratiques et pouvoirs à l'heure de la communication électronique. **Sociologie et sociétés** : Les promesses du cyberspace. v. 32, n. 2, Ed. Les Presses de l'Université de Montréal, p. 136–152, outono de 2000.

KIMMEL, Michael. **Angry white men**. Nation Books. New York: NY. 2013.

LAQUEUR, Thomas. A descoberta dos sexos. In: **Inventando o Sexo**. Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 189 - 240.

LOBO, A. S. Entre o familiar e o exótico: Compartilhando experiências de campo na Boa Vista, Cabo Verde. In: **Entre saias justas e jogos de cintura - Gênero e etnografia na antropologia brasileira recente**. 2006. p. 152 - 167.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935 - 952, set.-dez. 2014.

LUPTON, Deborah. **Digital Sociology: An Introduction**. Sydney: University of Sydney. 2012.

MISKOLCI, R. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**. São Carlos, v. 6, n. 2, p. 275-297, jul.– dez. 2016. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

_____. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2020.

_____. **Desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. 1ª ed. São Paulo: Editora ANNABLUME. 2013.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Soc. estado.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-748, dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300725&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2020.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: **Dicionário crítico do feminismo**. Helena Hirata e al. (orgs). São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 101-105.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco. 1993.

_____. O apagão da masculinidade. **Trabalho e sociedade**, Rio de Janeiro: UFRRJ, ano 1, nº 2, p. 9 - 16, 2001.

OLAVARRÍA, José. Capítulo Uno: Hombres, género y masculinidades. In: **Sobre hombres y masculinidades: “ponerse los pantalones”**. 1 ed., Santiago: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2017. p. 15 - 44.

OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: MICHELLE, Zimbalist Rosaldo; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95 - 120.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos: Masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo**. 230f. Tese de doutorado - Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Campus de Bauru, Bauru, outubro de 2017

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Rev. Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, ago 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 maio 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, n. 20, v. 2, p. 71 - 99, jul/dez 1995.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Sobre masculinidades, ativismo e estudos pós-coloniais: entrevista com o antropólogo Miguel Vale de Almeida. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 249 – 256, jul./dez. 2010.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira.; CULAU, Fábio Vacaro. Notas sobre o politicamente correto. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 628-645, 2014.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação de mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. p. 460 - 482, 2001.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina - a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

APÊNDICE 1

1. CASAMENTO
2. SUBMISSÃO FEMININA
3. SEXO
4. DOMINAÇÃO MASCULINA
5. BÍBLIA
6. CRISTIANISMO
7. INFIDELIDADE
8. NESSAHAN ALITA / A REAL
9. FAMÍLIA
10. FEMINISMO
11. MASCULINIDADE
12. CONSERVADORISMO
13. COMUNISMO
14. DIREITOS DOS HOMENS
15. PROMISCUIDADE FEMININA
16. NATUREZA E INTERESSES FEMININOS
17. HOMOSSEXUALIDADE
18. FAVORECIMENTO FEMININO
19. APARÊNCIA FEMININA

ANEXO 1

LEGADO REALISTA

Salve, Rechercheur. Sua última visita: 28-07-2020, 08:33 PM [Sair](#)

Principal Acervo Q Pesquisar Realistas Online Ajuda

User CP Alertas (0) Posts desde o Último Login Posts de Hoje MP (Novas 0, Total 1)

Fórum da Real - Legado Realista

Atualizar

Movimentações		Postante atual	Seção	Posts Ranking	Hall da Fama
#1 há 6 horas	[Os Doze Trabalhos] O Terceiro Trabalho: A Corça Cerinéia (1)	Guardião	Clássicos da Real	Minerim 1935	Minerim 629
#1 há 7 horas	Uma mulher sem um homem, é uma mulher entristecida. (35)	Héracles	Relacionamentos	Liberador 1934	Héracles 607
#1 3-08, 12:38	25 comportamentos desapegados (0)	Guardião	Clássicos da Real	Bean 1882	Awaken 366
#1 3-08, 12:08	Farra sexual e as recém chegadas de outros estados (0)	Guardião	Clássicos da Real	Mindingo 1658	Mindingo 362
#1 2-08, 11:59	Que tipo de piranha é a sua namorada? (0)	Guardião	Clássicos da Real	Roland 1653	Sagitario 362
#1 2-08, 07:10	A negação impede a dor, mas também impede a mudança (0)	Hombre de hielo	Desenvolvimento Emocional	Membros recentes	
#1 2-08, 06:39	Uma maldição chamada "Filho do Dono". (8)	Hombre de hielo	Fórum Principal	Fbteixeira 29-07	Gorlami 305
#1 2-08, 05:31	Thammy Miranda: O Pai do Ano! (2)	Minerim	Fórum Principal	iknowhowtosurvi 27-07	Escobar 300
#1 2-08, 04:15	Discussão - A morte de Ivan Ilitch (Liev Tolstói) (2)	Liberador	Clube do Livro Realista	Silva Branco 26-07	Fernando_R1 291
#1 2-08, 02:50	aquele up na semana (11)	Cafamante	Desenvolvimento Emocional	Pauleira27 25-07	Trglodita 281
#1 2-08, 01:17	Prestar favores de graça? (7)	Cafamante	Clássicos da Real	Menezes 23-07	Mr. Rover 267
					Bean 238

Ao clicar em '#1' (ao lado da data) você será direcionado à primeira postagem; ao nome do assunto, para à última. | Contato: legadorealista@protonmail.com

EMOTIONS

Salve, Rechercheur. Sua última visita: 28-07-2020, 08:33 PM [Sair](#)

Principal Acervo Q Pesquisar Realistas Online Ajuda


User CP Alertas (0) Posts desde o Último Login Posts de Hoje MP (Novas 0, Total 1)

Ao clicar em '#1' (ao lado da data) você será direcionado à primeira postagem; ao nome do assunto, para à última. | Contato: legadorealista@protonmail.com

EMOTIONS

Bar do LR Arquivo

Digite...

- » **Carl Johnson** Prevejo novamente uma porca feminazi querendo diminuir homens que buscam o desenvolvimento pessoal. 3-08, 13:53
- » **Carl Johnson** Boa Tarde Legado 3-08, 13:52
- » **SteveMcQueen** Como não tenho facebook não consegui abrir o perfil 3-08, 13:11
- » **SteveMcQueen** <https://pt-br.facebook.com/marlene.tamanini> 3-08, 13:11
- » **SteveMcQueen** Esse é o facebook dela... 3-08, 13:10
- » **SteveMcQueen** <https://br.linkedin.com/in/marlene-tamanini-52b5a029> 3-08, 13:07
- » **SteveMcQueen** No linkedin dela há coisas compartilhadas... bem esquerdona... 3-08, 13:07
- » **SteveMcQueen** <http://www.ufpr.br/portal/ufpr/wp-content...manini.png> 3-08, 13:06
- » **SteveMcQueen** A autora do referido artigo... 3-08, 13:06
- » **Mindingo** @Hombre de hielo e álcool tbm  3-08, 12:06
- » **Hombre de hielo** tem gente que acha que Masculinismo e Realismo sao a mesma coisa 2-08, 19:28
- » **Hombre de hielo** @Mindingo buchecha de Kiko é excesso de sodio 2-08, 19:27
- » **Hombre de hielo** o conservadorismo, o masculinismo e a honra, limitam a Real 2-08, 19:27
- » **Mr. Mike** @Admin Fiquel curioso para ler esse artigo aí... pelo jeito adliaram o evento para o ano que vem e não foi publicado ainda. 2-08, 14:08

Salve, Rechercheur. Sua última visita: 28-07-2020, 08:33 PM [Sair](#)

Principal Acervo Pesquisar Realistas Online Ajuda

User CP Alertas (0) Posts desde o Último Login Posts de Hoje MP (Novas 0, Total 1)

Arena de Treinamento

Fórum	Tópicos	Postagens	Última Postagem
Sumários (4 visitantes) Fórum designado aos novos membros. Para que tenham uma direção (um norte), dentro da Legião Realista. Sub-Fóruns: Saúde, Finanças	85	674	Glossário da Real 26-06-2020, 03:55 PM de Goldfinger
Clássicos da Real (25 visitantes) Aqui contém os textos dos grandes baluartes do Realismo: Doutrinador, Silvio Koerich, The Truth, C.O.B.R.A, Mó Humirde, Conde de Monte Cristo, Predador, Batman e muitos outros! Área especial para textos imortais! Sub-Fóruns: Doutrinador, Ice, The Truth, E mais 1	409	3,650	[Os Doze Trabalhos] O Ter... há 6 horas de Guardião
Principais Dúvidas Realistas (9 visitantes) Aqui é o local onde o Recruta coloca suas dúvidas referente ao Realismo. Dúvidas sobre alguma pauta das obras de Nessahan Alita e tudo referente à Real.	94	3,654	Descontrole emocional ou ... 26-07-2020, 07:27 AM de Reale

A Real

Fórum	Tópicos	Postagens	Última Postagem
Fórum Principal (44 visitantes) Local para a Legião abordar relatos sobre experiências onde as mulheres não são o foco principal. Relatos sobre experiências profissional, acadêmicas, familiares, viagens, etc. Reflexões sobre Cultura Brasileira, Desenvolvimento Pessoal, Problemas Familiares, Textos Motivacionais, Filosofias de Vida. Reflexões sobre a vida de cada Legionário. Sub-Fóruns: Relatos, Homens Honrados	768	19,968	Uma maldição chamada "Fil... Ontem, 06:39 PM de Hombre de Hielo
Relacionamentos (41 visitantes) Fuja de relacionamentos medíocres. Livre-se de migalhas emocionais. Está na hora de despertar o verdadeiro Homem que há dentro de você. Entenda de vez a razão do sofrimento amoroso masculino aqui.	236	6,314	Uma mulher sem um homem, ... há 7 horas de Hércules
Taverna (3 visitantes) Nada como entrar em uma Taverna, abrir uma bebida gelada e jogar conversa fora. Realismo, Gostosas, Televisão, Filmes, Games, Esportes em Geral, etc.	50	1,329	Homens afinados 31-07-2020, 11:37 AM de Mr. Mike

Salve, Rechercheur. Sua última visita: 28-07-2020, 08:33 PM [Sair](#)

Principal Acervo Pesquisar Realistas Online Ajuda

User CP Alertas (0) Posts desde o Último Login Posts de Hoje MP (Novas 0, Total 1)

Espaço do Guerreiro

Fórum	Tópicos	Postagens	Última Postagem
Hobbies Masculinos (20 visitantes) Um espaço condicionado para que os realistas compartilhem suas habilidades, dicas e hobbies masculinos. Exemplo: Como fazer manutenção do motor de um carro, levantar uma parede, pintar um cômodo, dicas de um churrasco opressor, etc etc. Sub-Fóruns: Veículos/Automóveis	91	4,459	Carros - Dicas & Recomend... 31-07-2020, 08:45 PM de Mindingo
Livros (10 visitantes) Tudo relacionado a livros. Lugar para postar resenhas, resumos e estudar e debater sobre os livros que você leu e que está lendo. Sub-Fóruns: Clube do Livro Realista	54	970	Discussão - A morte de Iv... Ontem, 04:15 PM de Libertador
Colíseu Aqui é onde a porrada come solta! O Clube da Luta do fórum! Xingamentos e discussões estão liberadas nesta seção.	1	10	Entenda como funciona o C... 08-11-2017, 08:45 AM de Ghiborim

Centro de Comando

Fórum	Tópicos	Postagens	Última Postagem
Centro de Comando Erros técnicos do fórum, dúvidas, sugestões, críticas (construtivas), pedidos de mudança de nick, elogios, anúncios oficiais, tudo relacionado com a administração do fórum deve ser postado aqui.	11	1,390	Críticas, Dúvidas e Suges... 13-07-2020, 06:19 PM de Gorlami

Estatísticas do fórum

Quem está Online [Lista Completa]

491 usuários ativos agora (27 membros, dos quais 9 são invisíveis, e 460 visitantes).
 Yandex, Bing, Google, Facebook, arcanokiller, **Ares**, **Awaken**, **Bean**, **Berzerk**, BOEMIO-RJ, Carl Johnson, Colossoxf, Davi da Real, FSgtCaique, Gabreu67, hale, IronLifter, John Dillinger, Minerim, O Incansável, Rapaz Iniciante, Rechercheur*, **SteveMcQueen**

Estatísticas do fórum

Nossos membros postaram um total de 72,981 mensagens em 3,318 tópicos.
 Nós atualmente temos 2,294 membros registrados.
 Por favor, recebam nosso mais novo Realista, **Fibeteira**
 O máximo de usuários on-line ao mesmo tempo foi 2,595 em 04-12-2019 às 03:59 PM

Sair | Equipe do Fórum

Sobre nós

O Legado Realista é um fórum construído por Homens e para o Homem, principalmente para aqueles que se encontram em uma situação difícil. Procuramos tornar este espaço um baluarte de Desenvolvimento Pessoal, um farol para dar um norte aos que estão perdidos, e uma mesa de bar para os que já se encontram neste espaço.

Navegação

- Crítica e Sugestões
- Tópicos do LR
- Modo Leve (Leitura)

Links

- Fórum do Búfalo
- Catálogo Realista
- Realistas



Data e Hora: 03-08-2020, 03:36 PM
 Distribuído por MyBB, © 2002-2020 MyBB Group.

Principal Ir pt-BR Ir

ANEXO 2

NOME FANTASIA	POSIÇÃO NO HALL DA FAMA	REPUTAÇÃO*	DATA DE INÍCIO NO FÓRUM	DATA DE ANIVERSÁRIO	IDADE	Nº DE POSTAGENS	Nº DE TÓPICOS	DATA DE ÚLTIMA VISITA
Ryder	1	583	26/06/2015	Não disponível	Não disponível	1888	78	2020
Ethan	2	532	30/11/2015	22/06/1989	30	1377	32	Não disponível, postagens dentro
Andrew	3	350	08/06/2015	11/07/1988	31	1578	38	2020
Joseph	4	338	24/06/2015	27/11/1973	46	973	78	2020
James	5	332	11/06/2015	Não disponível	Não disponível	1760	57	Não disponível, postagens dentro
John	6	315	31/10/2016	Não disponível	Não disponível	795	45	2020
Christian	7	297	12/08/2017	Não disponível	Não disponível	429	9	2020
Noah	8	266	14/06/2015	Não disponível	36	470	19	Não disponível, postagens dentro
Benjamin	9	259	22/09/2017	Não disponível	41	737	4	2020
Mark	10	256	26/05/2017	Não disponível	Não disponível	1162	14	Não disponível, postagens dentro
Kevin	11	230	11/01/2016	13/11/1991	28	1985	20	2018
Taylor	12	229	08/06/2015	Não disponível	Não disponível	1959	10	2020
Max	13	226	08/06/2015	19/08/1995	24	745	12	2020
Caleb	14	206	24/04/2017	Não disponível	35	736	43	2020
George	15	205	08/06/2015	Não disponível	34	655	21	2020
Kyle	16	194	12/05/2017	21/03/1987	32	534	1	2020